

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E ARTES – PPGLA

CÍNTIA BASTOS SABOIA

NARRATIVAS ORAIS NA COMUNIDADE DO JULIÃO
VOLUME ÚNICO

Manaus, AM.

2016

CÍNTIA BASTOS SABOIA

NARRATIVAS ORAIS NA COMUNIDADE DO JULIÃO

Dissertação e produto apresentados à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas – UEA como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras e Artes

Orientador: Prof. Dr. Marcos Frederico Krüger Aleixo

Manaus, AM.

2016

CÍNTHIA BASTOS SABOIA

NARRATIVAS ORAIS NA COMUNIDADE DO JULIÃO

Dissertação e produto apresentados à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas – UEA como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras e Artes.

Banca Examinadora:

.....
Professor Doutor Marcos Frederico Krüger Aleixo (Presidente da Banca)

.....
Professor Doutor Allison Marcos Leão da Silva – UEA

.....
Professor Doutor Carlos Antônio Magalhães Guedelha – UFAM

.....
Professora Doutora Juciane – UEA

Manaus, 30 de março de 2016.

Dedico este trabalho à minha família, meu porto seguro: Kelcimar Saboia – esposo; Abner Sabóia – minha herança vindoura; Dorinha Dantas – mãe do coração; e Adhonay Dantas – meu irmão;

A duas pessoas que seguraram minha mão quando mais precisei nessa jornada acadêmica: Prof. Dr. Marcos Frederico Krüger Aleixo, Prof^a. Dra. Francisca de Lourdes Souza Louro; E àqueles que deram voz a este trabalho: os moradores da Comunidade do Julião.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, pela saúde e por colocar pessoas tão boas em meu caminho.

Agradeço ao meu esposo Kelcimar Saboia pelo amor, pela paciência, por acreditar em mim mesmo quando a fé me faltava e as lágrimas escorriam.

Agradeço a meus pais – longe dos olhos, mas não do coração, Izac Bastos (in memoriam) pelas vezes que segurou minha mão e me ensinou a escrever as primeiras letras, e à minha mãe Maria Zeneida de Oliveira Bastos (in memoriam) que mesmo não sabendo escrever o próprio nome e nem ler, contava-me muitas histórias e desenvolveu em mim a vontade de aprender a ler para ensiná-la, mas isso não foi possível. Então, seguirei em frente ensinando outros.

Agradeço a minha família que ganhei depois de adulta, que abriu as portas do coração e da casa para mim: minha mãe Dorinha Lima Dantas e meu irmão Adhonay Dantas de Araújo e toda a parentela.

Agradeço a todos os meus amigos, e em especial à Messiane Brito – pela ajuda na revisão textual e pelo abstract, Adriana Barreiros, Márcia Souza, Luana Correa, Cristina Arcos, Ana Paula Costa, Antônia Oliveira pelo incentivo.

Agradeço a minha turma 2014 – 2016, do PPGLA, pela amizade e pela força: Antônio Dorneles, Carrie Evans, Eva, Débora, Fábio Fadul, Ângela Muniz, Katiusia, Fabiano, Maison Nascimento, Jussara, Ana Simas e Tiago.

Agradeço à Daize pelas ajudas constantes enquanto secretária do PPGLA.

Agradeço a todos os professores do PPGLA que imprimiram em mim muito de seus conhecimentos: Dra. Juciane Cavalheiro, Dra. Luciane Páscoa, Dra. Silvana Martins, Dr. Allison Leão, Dr. Márcio Páscoa, Dr. Maurício Matos, Dr. Valteir Martins, em especial ao meu orientador: Marcos Frederico Krüger Aleixo, quem tem a minha admiração, meu carinho e meu respeito.

O conselho tecido na substância da vida vivida tem um nome: sabedoria.

Walter Benjamin

RESUMO

A narrativa oral vem de tempos longínquos e foi propagada por diversos lugares e repassada de geração em geração através de narradores orais, mediante voz, corpo e performance. Ensinando valores e crenças, inspirando medo e provocando comicidade, elas fazem parte da cultura de um povo. Os primeiros portugueses que chegaram ao Brasil já demonstraram interesse pelos costumes e modos de vida do povo que aqui vivia, os indígenas, e, desde então, foram realizadas observações, descrições, coletas de narrativas e da língua em geral e suas traduções por estudiosos em vários períodos. Este trabalho visa contribuir com essa linha de estudos, mediante a coleta de narrativas de uma comunidade ribeirinha da Amazônia, a Comunidade do Julião. Para tanto, realizamos entrevistas, o que permitiu coletar informações e narrativas várias. Através dessa coleta, pudemos levantar vários aspectos culturais dessa comunidade, incluindo parte de sua história e formação – que ainda não estão registrados em livros. Pudemos ainda analisar e interpretar, em grupo, treze narrativas do boto e treze da cobra grande, as quais, juntamente com as demais narrativas encontradas foram registradas em áudio e vídeo com duração aproximada de 50 min. Foi também possível estudar aspectos do narrador oral e a atual conjuntura social daquela comunidade.

Palavras-chave: Amazônia. Comunidade ribeirinha. Narrativa oral. Narrador oral.

ABSTRACT

The oral narrative comes from ancient times and was propagated in various places and it was transmitted from generation to generation through oral narrators, by voice, body and performance. Teaching values and beliefs, inspiring fear and causing comicity, it's part of the people's culture. The first Portuguese who came to Brazil have shown interest in the customs, ways of life of people who lived here, the Indians, and since then observations and descriptions were made, collections of their stories, and scholars prepared translations in various periods. This work aims to contribute to this research area by collecting narratives of a riverside community in the Amazon, the Julião's Community. Therefore, we carried out interviews, which allowed collecting various information and narratives. Based on these data, we gathered several community's cultural aspects, including part of its history and settlement - which are not yet registered in books. We also analyzed and interpreted a group of thirteen narratives about the "boto" and eleven about the "giant anaconda", which, along with other narratives found, were recorded in audio and video with an approximate duration of 50 min. It was also possible to study aspects of the oral narratives and the community's current social situation.

Keywords: Amazon. Riverside community. Oral narrative. Oral narrator.

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1: Grupo 01, narradores a partir de 60 anos	42
Tabela 2: Grupo 02, narradores de 35 a 59 anos	43
Tabela 3: Grupo 03, narradores de 18 a 34 anos	44
Tabela 4: Grupo 4, narradores de 07 a 17 anos	44
Tabela 05: As primeiras palavras das narrativas do boto.....	48
Tabela 06: A descrição da cobra grande pelos narradores do Julião.....	54
Tabela 07: Fonte oral dos narradores do Julião	78
Tabela 08: Elementos básicos da narrativa (grupo 01)	80
Tabela 09: Elementos básicos da narrativa (grupo 02)	81
Tabela 10: Elementos básicos da narrativa (grupo 03)	81
Tabela 11: Elementos básicos da narrativa (grupo 4).....	82
Tabela 12: Narradores de 60 anos +	99
Tabela 13: Narradores de 35 a 59 anos	99
Tabela 14. Narradores de 19 a 34 anos.....	100
Tabela 15. Narradores de 07 a 18 anos.....	100
Quadro 01: Gráfico da quantidade de entrevistados, classificados por gênero	45
Quadro 02: Gráfico das narrativas conhecidas na Comunidade do Julião	46
Quadro 03: Gráfico comparativo entre os grupos de entrevistados	67
Quadro 04: Gráfico comparativo entre as fontes orais dos narradores do Julião	79
Quadro 05: Gráfico referente ao gênero dos narradores	82

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – NARRATIVA ORAL, A CULTURA E O LUGAR ESTUDADO	13
1.1 Narrativa oral, um conceito e um breve histórico	13
1.2 Narrador oral: a voz, o corpo e a <i>performance</i>	21
1.3 A cultura e o lugar estudado	28
CAPÍTULO II – DAS PROFUNDEZAS DAS ÁGUAS SURGE O ENCANTO	41
2.1 Narrativa oral na Comunidade do Julião	46
2.1.1 A narrativa do boto	47
2.1.2 A narrativa da cobra grande	54
2.2 Observando os narradores da Comunidade do Julião	63
2.3 Análises dos dados coletados	78
CAPÍTULO III – REGISTRO E ARQUIVO DE NARRATIVAS ORAIS	84
3.1. Registro e arquivo: da argila à tela	84
3.2 Da imagem no livro à imagem com movimento	91
3.3 Registro e arquivo das narrativas orais coletadas na Comunidade do Julião	96
3.3.1 Coleta: gravação em áudio e vídeo, e entrevista	96
3.3.2 Transcrição: do oral ao textual; edição de áudio e imagem; e catalogação	98
3.4. As narrativas orais coletadas	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
REFERÊNCIAS	117
APÊNDICES	122

INTRODUÇÃO

As narrativas resultam de uma voz que narra uma história a partir de um determinado ponto de vista (o foco narrativo) e vai dando sequência aos fatos (fabulação) vivenciados pelos personagens. Localiza-se num determinado espaço – casa, deserto, carro, avião –, possui um tempo de duração e se comunica através de determinada linguagem ou discurso. É lida ou contada por determinados leitores e ouvida por determinados ouvintes (BARTHES, 1973, p. 19).

Pode ser apreciada, pois é encontrada em gravuras, pinturas, imagens. Está presente em quase tudo o que existe. Este trabalho se propõe a falar apenas da narrativa oral proveniente da tradição oral cuja existência depende de um narrador e está ligada a um espaço geográfico. Ele passa aos ouvintes aquilo pelo que se interessa e seus ouvintes fixam o que lhes interessa também.

Algumas vezes tidas como verdadeiras e sagradas, outras como fantásticas, as narrativas orais são breves e anônimas, transmitidas e conservadas pela tradição oral. Há pessoas que não acreditam nelas, já outras sofrem forte influência em seu comportamento. Na Região Norte, faz parte da cultura do homem amazônico narrar seus mitos e lendas.

É importante ressaltar que muitas das narrativas oriundas dos povos indígenas serviam de base para a fé, didatismo e comportamento, sendo, na verdade, um instrumento de ensino e explicação para a existência da vida, dos animais e do próprio sistema dessas sociedades. Contudo, este trabalho não se propõe a estudar o narrador e a narrativa desses povos, mas os de um povo que provém deles: o caboclo, especificamente o ribeirinho.

No interior do Amazonas, em algumas comunidades, os habitantes ainda possuem hábitos como voltar mais cedo para suas casas ou não sair delas para as margens dos rios e lagos em determinados horários, temendo sofrer castigos provenientes do sagrado ou do encantado. Isso ainda ocorre porque os mais velhos transmitem esses conhecimentos aos mais novos. Quanto aos que vêm viver na cidade, esses vão aos poucos aderindo à cultura urbana, bem diferente daquela dos que continuam no interior, posto que a zona urbana está mais distante do rio e da floresta e mais inserida no Sistema Capitalista do que aquela.

Por isso, quem sabe, a prática de contar histórias está aos poucos se esvaindo na zona urbana de Manaus. Esse fato foi comprovado pela pesquisadora numa escola municipal do Bairro Alfredo Nascimento, onde, após perguntar numa sala de aula de 45 alunos quem

conhecia a lenda do boto, surgiram dois grupos. O primeiro respondeu ter ouvido falar bem de longe de uma ou outra lenda e afirmou serem histórias inverídicas, contadas pelas pessoas mais velhas. Já o segundo não tinha ouvido falar sobre lendas, e nem sabia o significado da palavra.

É bom lembrar que essas narrativas, até pouco tempo, eram muito contadas, inclusive pelas crianças, causavam estranhamento nos alunos. É importante salientar que a maioria desses alunos é descendente de pais nascidos ou criados no interior. Então, numa reunião de pais e mestres, foi perguntado a alguns pais de alunos sobre o que sabiam a respeito do assunto e a importância de repassá-lo.

Novamente se formaram dois grupos: o de pais nascidos e criados na capital descendentes ou não de famílias vindas do interior, e o de pais nascidos no interior. Este último grupo tanto relatava as histórias quanto acreditava nelas. Já aquele conhecia algumas lendas amazônicas e não transmitia para seus filhos por julgá-las desnecessárias e sem cabimento, distantes da realidade, de pouca importância. Em algumas escolas municipais da Zona Norte, por exemplo, foi observado que as narrativas essencialmente amazônicas são contadas e ouvidas somente em comemoração ao dia do folclore ou nas aulas de língua portuguesa e, ainda, quando são selecionadas entre outras.

Eis aí um grande problema. Se continuar por este caminho, qual o tempo de permanência dessas narrativas em nosso meio? O narrador oral estaria sofrendo influências? Se sim, quais? As narrativas amazônicas serão capazes de sobreviver à ausência dele?

A partir desse problema e das experiências vivenciadas durante as aulas, surgiu a ideia de fazer esta pesquisa, que tem como objetivo saber quais as lendas amazônicas são conhecidas na comunidade do Julião, em qual situação e constância são transmitidas de geração em geração, registrá-las para preservá-las e conhecer quem são seus narradores.

Para tanto, as narrativas foram coletadas através de entrevistas, e foram registradas em papel e em audiovisual. Foram entrevistadas vinte e uma pessoas e todas autorizaram, conforme anexos, o arquivo das filmagens e a utilização delas por interessados quaisquer, no entanto, uma entrevista naufragou nas idas e vindas nesse Rio Negro, porém, nela não continha nenhuma narrativa. Os entrevistados foram divididos por faixa etária em quatro grupos, ao todo as idades compreendem de 07 anos a 75 anos. Para nortear este trabalho foi feito uso, principalmente, dos pressupostos teóricos de Walter Benjamin sobre o narrador e a narrativa, e de Paul Zumthor sobre o narrador e suas características.

As primeiras pesquisas realizadas na Comunidade foram sobre ocupação antrópica e ocorreram de fevereiro a setembro de 2006, feitas por membros do programa Tupé/Ufam,

com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – Fapeam. Os moradores relataram que, durante um mês, uma pesquisadora francesa permaneceu no lugar estudando o modo de vida em geral e levou as informações para a França; entretanto, nada foi encontrado até o momento. Há, ainda, uma dissertação sobre biodiversidade de uma ex-aluna da Ufam.

Neste trabalho, os comunitários foram a fonte principal do conhecimento registrado. A pesquisa de campo perdurou de abril de 2014 a janeiro de 2015, com visitas esparsas. Na época de seca, houve recesso devido à dificuldade de acesso, pois nenhuma embarcação chega até o local, nem mesmo canoas.

Para a execução do projeto, houve a necessidade de exposição prévia em reunião da associação dos moradores. Na época da pesquisa, a presidente da comunidade colaborou abrindo a porta das casas, diminuindo as barreiras encontradas pela pesquisadora. Durante o levantamento de dados dos entrevistados, foram feitas perguntas como: idade, origem, escolaridade. Na estrutura dessas famílias deveria haver componentes de primeira, segunda e terceira geração, naturais do lugar a ser pesquisado. No entanto, isso não pôde ser feito, pois apenas uma família constituída dessa forma foi encontrada. E dela, somente o neto e a avó quiseram gravar a entrevista. Por não haver maternidade na comunidade as grávidas têm suas crianças na zona urbana de Manaus.

Longe de percorrer por evidências erradas e conclusões precipitadas, este trabalho buscou acrescentar à teoria as vivências e histórias contidas na memória dos moradores da comunidade do Julião.

CAPITULO I – NARRATIVA ORAL, A CULTURA E O LUGAR ESTUDADO

1.1 Narrativa oral, um conceito e um breve histórico

Segundo Zumthor (2010), o termo *folk lore* foi criado por William John Thoms (1803-1885), arqueólogo inglês, e significa povo e saber. Entre 1775 e 1815 foram lançadas as ideias de Herder e Grimm: *volksgeist*, *volks poesie*, *volkslied*, respectivamente, espírito, poesia e corpo. Por volta de 1870, essas ideias ainda foram bastante utilizadas na Alemanha, mas modificadas pela ideia de *naturpoesie*, dos irmãos Grimm, ou poesia da natureza – tradicional, anônima, simples, subalterna à cultura erudita.

Daí compreende-se que tudo o que é oral vem do povo, “da natureza”. Segundo Zumthor (2010), o estudo sobre cultura oral obteve números significativos e pouco contestáveis. Apesar disso, as interpretações deixaram muito a desejar. Desde então, esse tipo de trabalho passou a ser visto com um olhar diferente por parte daqueles que estudavam a literatura erudita. Até mesmo o termo mal empregado foi ganhando força e permanecendo por anos, continuando, assim, implícito nos termos *folclore* ou *cultura popular*, julgados pelo autor como vagos.

No entanto, sabe-se que há diferenças entre os termos popular, folclórico e oral, mesmo assim, as narrativas estudadas eram classificadas como: literatura popular, estudos folclóricos ou literatura oral. Isso causa certo desconforto, por não haver acordo na nomeação do objeto a ser estudado. Nos Estados Unidos “será ‘folclórico’ o que for objeto de tradição oral; ‘popular’, de difusão mecânica”, como a música popular, por exemplo, (ZUMTHOR, 2010, p. 22).

Na Inglaterra, até por volta de 1900, os eruditos julgavam folclórico toda a literatura não europeia. Todavia, muitos textos da tradição oral são encontrados em obras literárias e outros têm comprovada a origem, como textos da América do Norte, Rússia e França. Daí desprende-se que são textos, tessituras, propagados pela escrita ou pela voz. E o que dizer? Não há como negar que a literatura erudita tenha em si textos cuja origem está no povo, e posteriormente, retorna para ele. Semelhante a isso, temos a poesia que saiu da oralidade para a escrita e desta para a leitura oralizada.

No Brasil não é diferente. Apesar de estudos sobre ela virem crescendo nos últimos anos, a literatura oral é ainda muito inferiorizada sob o olhar de alguns estudiosos. Talvez por isso seja pouco procurada, levando em consideração a quantidade de estudos sobre obras literárias existentes. Dessa forma, vai se distanciando da literatura erudita, escrita. A palavra

literatura vem de *littera* e significa letra, porém nem todos os povos aderiram à escrita, o que não quer dizer que não tenham textos produzidos na mente.

Frederico Fernandes (2002, p. 15) diz que: “As questões de ordem estética não podem ser apreendidas unicamente pelo aspecto formal, como muitas vezes se faz na literatura escrita. A forma de narrar é, por excelência, artesanal”. A palavra dita não é totalmente desprovida de estética. Contrariamente, dela procede à apreensão do belo através dos saberes do cotidiano.

Sabe-se que uma boa parte da literatura veio dos textos orais. Lembremo-nos da poesia que saiu da oralidade para a escrita e desta para a leitura oralizada. No entanto, essa ou aquela forma faz parte de uma cultura que inclui a palavra. A diferença consiste nos modos por que é percebida: uma, através dos olhos, e a outra, através dos ouvidos. Há, no mundo, inúmeras narrativas. Cada povo tem as suas e não há uma comunidade que não tenha uma para contar. Ela pode ser assegurada pelo gesto, pelo gosto, por uma imagem fixa ou em movimento registrada pela mente, e pode ser transmitida pela linguagem escrita ou oral.

Sobre narrativa, Coelho (2000, p. 92) diz que é um corpus que resulta de uma voz. Essa voz, por sua vez, narra uma história a partir de um ponto de vista (conhecido como foco narrativo), está localizada dentro de determinado espaço e tempo, utiliza-se de linguagem ou discurso que alcance seu ouvinte/leitor, e, por fim, há a presença de personagens que vivem as ações conforme o encadeamento (efabulação). Está presente em diversos gêneros: novelas, fábulas, comédia, drama, mitos, lendas, contos e aparições.

As narrativas míticas estão presentes em todas as sociedades, das mais arcaicas às mais desenvolvidas. São encontrados nos atos de criação e vão se misturando à história do lugar. Segundo Oliveira e Krüger (2010, p. 12) podem ser: cosmogônica, etiológica ou escatológica. A primeira narra a origem do universo e do homem; a segunda, a origem de um rio, de uma planta; e por fim, a última trata do fim do mundo. E deles muitas manifestações folclóricas se originaram, incluindo narrativas.

Diferentes dos mitos, as lendas são:

Determinadas narrativas que, há milênios, surgiram anonimamente e passaram a circular entre os povos da Antiguidade, transformando-se com o tempo no que hoje conhecemos como tradição popular. De terra em terra, de região a região, foram sendo levadas por contadores de histórias, peregrinos, viajantes, povos emigrantes, etc., até que acabaram por ser absorvidas por diferentes povos e, atualmente, representam fator comum entre diferentes tradições folclóricas. São formas simples porque resultam de “criação espontânea”, não-elaborada – diferentes dos romances medievais ou das novelas de cavalaria, que apresentam uma forma rudimentar, mas artisticamente elaborada (COELHO, 2000, p. 164).

Sobre narrativas maravilhosas ou o conto maravilhoso, no primeiro terço do século XX, as publicações científicas a respeito do assunto, em caráter geral, eram escassas. Isso não em quantidade, mas por serem frágeis, desprovidas de cientificismo, uma vez que faltavam observações, análises e conclusões cabíveis. Naquela época, vários estudiosos criaram seus métodos. E de todos esses métodos foram os de Antti Aarne, Vesselóvski e Bédier que mais contribuíram para o de Wladimir Propp.

Bédier por reconhecer no conto maravilhoso as grandezas constantes e as grandezas variáveis – embora, não soubesse dizer quem era, nas narrativas, o ômega (ω). Aarne, por sua vez, fez a classificação por tipos – divisão em gêneros, espécies e subespécies, num total de sete, (mais importante como um guia prático) e Vesselóvski por estudar o conto pelos seus motivos.

Wladimir Propp (1984) observou nos estudos de seus antecessores citados acima que os contos maravilhosos possuíam várias partes e que cada uma também tinha função específica. Então, observou que uma planta é formada por várias partes e cada uma tem uma função específica. Assim, fez uma comparação entre a estrutura do conto maravilhoso e a estrutura de uma planta. Levando em consideração que ambas podem ser estudadas pelas suas formas e que quem estuda a forma na Biologia é a morfologia, criou *A Morfologia do Conto Maravilhoso*.

Sabendo dos motivos e das grandezas variáveis os nomes, chamou-as grandezas constantes de ações ou funções. Estudar os contos a partir das funções dos personagens era o ω não identificado por Bédier conforme se pode ver: “Mas esta ideia, correta em sua essência, choca-se com a impossibilidade de definir exatamente este ômega. Continua sem explicação o que, de fato, representam objetivamente os elementos de Bédier e como destacá-los” (PROPP, 1984, p. 21).

Então, achado esse ômega e visto que ele era limitado, Wladimir Propp (1984) constituiu 31 funções, das quais:

as funções dos personagens representam as partes fundamentais do conto maravilhoso, e devemos destacá-las em primeiro lugar. [...]. Por função, compreende-se o procedimento de um personagem, definido do ponto de vista de sua importância para o desenrolar da ação (PROPP, 1984, p. 26).

Tomemos como exemplo personagens contidos nas obras de Aarne e Thompson utilizados para as análises de Propp (1984): um rei, um velho e um feiticeiro, a fim de exemplificar esse ω . “O rei dá uma águia ao destemido. A águia o leva para outro reino”; “O

velho dá um cavalo a Sutchenko. O cavalo o leva para outro reino”; “O feiticeiro dá a Ivan um barquinho. O barquinho o leva para outro reino” (p.25). Sendo assim, os verbos nesses exemplos não mudam, o que vai mudar são os nomes dos que exercem a função de sujeito, os que dão os objetos: a águia, o cavalo e o barquinho. E mudam também os nomes dos que recebem os objetos: o destemido, Sutchenko e Ivan. Mas as ações (ou verbo levar) não mudaram.

Num conto maravilhoso russo, Ivan se casa com Marya e dela recebe a ordem de não abrir o calabouço. Curioso, abre-o e encontra um homem preso, muito magro, de aparência sofrida – Koschei, que lhe pede água. Após beber doze baldes, esse homem recupera seus poderes mágicos, liberta-se das correntes e some. Então Ivan descobre que Koschei sequestrou sua amada. Vai atrás dele e pede que solte Marya, porém é morto pelo sequestrador. Após ser ressuscitado por seus cunhados magos, Ivan descobre que seu oponente tem um cavalo mágico e que sem um cavalo semelhante não pode vencê-lo. Então pede à Babá Yagá, de quem recebe o cavalo e sobre ele vai para outro reino. Vence seu oponente e na volta celebra a vitória em família.

Ao ler esse conto é possível perceber que quem recebe o cavalo é Ivan ao invés de Sutchenko, como foi mostrado no exemplo anterior. Quem dá o cavalo no texto é Babá Yagá ao invés do velho. Essas trocas são possibilitadas assim como o objeto mágico também o é, sendo assim, o cavalo poderia ser trocado pelo barco. No entanto, as ações, não.

Com isso, Propp (1984) mostra que o que muda só são os nomes e os atributos. O ω , tão procurado foi encontrado, é, nada mais nada menos do que as ações ou funções, do personagem, que não mudam. Isso permite estudar todos os contos, não somente os maravilhosos, a partir da ação ou função do personagem. O autor não percorre por terrenos históricos, mas mostra através da decomposição das partes que contos de diferentes lugares são semelhantes e que sem esses estudos morfológicos é impossível um pesquisador estudar a parte histórica profundamente e com comprovações.

Esse estudo de Propp possibilitou observar nas narrativas orais encontradas na comunidade as trocas de lugares, de sujeitos pacientes, de sujeitos agentes, de personagens principais. Possibilitou, ainda, visualizar os acréscimos de textos, e as similitudes entre narrativas longínquas.

Luiz da Câmara Cascudo acrescenta, na obra *Geografia dos Mitos Brasileiros*, várias possibilidades de imbricação de partes de narrativas portuguesas com a dos povos que viviam aqui no Brasil antes da chegada dos portugueses. Sem esquecer, evidentemente, que uma

imagem pode existir em vários lugares, tendo em torno mitos e lendas parecidos, mas originados no próprio lugar onde é conhecido, como ocorre com a temida cobra grande.

No Brasil, desde a chegada dos primeiros viajantes, houve a curiosidade de conhecer e a necessidade de estabelecer contato com os nativos deste país – os indígenas, e registrar o modo de vida distinto. Dentre eles, pode-se citar Pero Vaz de Caminha, que em sua carta, no ano de 1500, registrou características físicas e culturais do povo. Como não lhes entendesse a língua, o fez somente por observação. “Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Nas mãos traziam arcos com suas setas.”¹

Séculos depois, estudiosos interessados no assunto conviveram com alguns povos, aprenderam sua língua, seus costumes. Isso tornou possível o registro de características da língua, do lugar, da cultura; além disso, oportunizou a coleta das primeiras narrativas orais contadas nas tribos, na maioria mitos. Iniciava-se assim a literatura oral ou etnoliteratura no Brasil. No entanto, faziam isso em consonância com o gosto e o olhar externo: ainda assim, foram muito valiosas as coletas.

No Amazonas, havia muitas tribos com seus mitos. Em meio a essas tradições estavam as narrativas míticas contadas com o objetivo didático de normatizar comportamentos. Isso nos induz a pensar na existência de várias narrativas, pois, segundo Freire (2004, p. 16), no século XVI, na Região Amazônica, havia, aproximadamente, 700 línguas indígenas. Porém, assim como várias destas línguas foram extintas com seus povos, muitas narrativas também se perderam. O que significa que muitas dessas histórias não chegaram e nem chegarão até nós.

Aos poucos, conforme a absorção da língua portuguesa pelos indígenas, as narrativas orais foram sendo modificadas. Isso perdurou durante muitas gerações, num processo lento, conforme Freire (2004, p. 183).

Alguns dos estudiosos que recolheram informações importantes da Região foram:

José Vieira Couto de Magalhães (1837-1898), de Diamantina/MG. Segundo Freire (2004, p. 140), ele teve forte influência das lendas indígenas ouvidas na infância, tocantes e poéticas, já misturadas com o português. Realizou cerca de dez grandes viagens, aprendeu a língua geral e coletou lendas tupis publicadas em várias línguas, como alemão, francês, italiano e inglês.

Também, Charles Frederick Hartt (1840-1878) que era geógrafo e geólogo, nascido no Canadá, fez estudos sobre a fauna da Bacia Amazônica, aprendeu nheengatu e coletou mitos amazônicos sobre a tartaruga.

¹ Fundação Biblioteca Nacional, S/a, S/p).

João Barbosa Rodrigues (1842-1909) veio para Manaus em 1872 e explorou rios e a região dos Waimiri-Atroari, conhecidos na época como Jauaperis. Coletou contos e cantigas nessa língua, os quais foram publicados na *Poranduba Amazonense*.

Outro importante estudioso foi o conde Ermanno Stradelli (1852-1926), que nasceu na Itália, e saiu desse país rumo ao Brasil com 27 anos. Em julho de 1879 chegou a Manaus e em 1880 viajou para o Rio Purus, levando instrumentos e remédios necessários para o tempo que passaria fazendo seus estudos: “Sua farmácia portátil, instrumentos topográficos, caixas para recolher material ornitológico, acompanham-no, guardados no bojo oscilante da canoa” (CASCUDO, 2001, p. 29). Estudou os Crichanás e depois voltou a Manaus, viajando em seguida para sua terra natal. Passou alguns anos estudando Direito e retornou ao Brasil em 1888. Em 1890 revisitou pela última vez o rio Uaupés, visitado por ele por três vezes. Em 1893 foi naturalizado brasileiro e “nomeiam-no, a 29 de julho de 1895, promotor público do segundo distrito em Manaus. Em 24 de setembro removem-no para a comarca de Lábrea, no Rio Purus” (CASCUDO, 2001, p. 36). Estudou profundamente o nheengatu, coletou muitas narrativas, publicou estudos sobre os povos do Uaupés – rio Ucaiari, principalmente o vocabulário, cujo conteúdo sonhava ver publicado, o que não foi possível devido à lepra que o retirou do cargo público em 1923 e o levou à morte em 1926, nesta cidade de Manaus, somente em 1929, três anos após sua morte, sua obra foi publicada: o vocabulário *Português-Nheengatu e Nheengatu-Português*.

Antônio Brandão de Amorim (1965-1926) nasceu em Manaus. Viajou coletando narrativas do rio Uaupés em companhia de um índio descendente dos índios Manáus e dos Tarianas, que traduzia as narrativas. Estas foram publicadas após a morte dele pela família, totalizando 35 narrativas em edição bilíngue intitulada *Lendas em Nheengatu e Português*.

Manaus, por muito tempo, foi uma cidade tapuia, em comparação a Belém. Ela demorou bem mais para desenvolver as práticas da língua portuguesa, pois a Língua Geral Amazônica era usada mais para o lazer, as narrativas e a religião. Certamente, esse distanciamento ocorreu pelo fato de a região não possuir fácil acesso a outros estados do Brasil. Desde quando o Amazonas fazia parte do Maranhão e Grão-Pará, esse acesso era muito dificultado por questões naturais, segundo Padre Vieira (1998, s.p).

Manaus não possui, até então, acesso facilitado a outras regiões do Brasil por via terrestre. Esse acesso se dá mais por via aérea. Esse acesso foi também o que dificultou a modificação da paisagem e da cultura do caboclo ribeirinho. No trecho abaixo, pode-se perceber que era bem presente a cultura do indígena em Manaus, diferentemente de outros lugares no Brasil, inclusive uma boa parte do estado do Pará.

O espaço geográfico tem muita importância nesse processo. As tribos que viviam no interior da floresta tinham histórias diferentes das que moravam às margens dos rios. Às vezes, o que era ficção para uma, era verdade para outra, e vice-versa. Em relação às narrativas de origem amazônica, umas são de caráter cosmogônico e outras buscam explicar algum episódio, por vezes inaceitável em uma sociedade.

Na escuridão em meio às árvores, na noite e nas águas escuras do Rio Negro, os animais, são aspectos que permitem à imaginação do homem ir além do real. São matérias que disponibilizam a ele o processo de criação de narrativas que causam espanto, medo ou riso. Algumas delas parecem não existir em outros lugares. Quanto às que vieram de longe, certamente receberam ou recebem muitas características dos narradores que existiram ou ainda existem em Manaus.

Muitas obras literárias brasileiras retratam aspectos da região Norte, inclusive suas narrativas. Uma obra bastante conhecida e traduzida para outras línguas é *Macunaíma*, do paulista Mário de Andrade, que representa bem o imaginário amazônico. A respeito dessa obra, Loureiro (1995, p. 65) discorre:

A Amazônia vem oferecendo à cultura em geral e aos grandes movimentos artísticos brasileiros, em maior quantidade, temas resultantes do seu imaginário social. Serve de exemplo o mito dos índios macuxi, *Macunaíma*, recriado no romance do paulista Mário de Andrade, um dos principais nomes da moderna literatura brasileira.

Ademais, as narrativas orais, que ainda são presentes na mente e na vida do caboclo, têm sido registradas, recriadas ou adaptadas por muitos autores desta região, prática que tem contribuído para solidificá-las. São alguns deles: Antônio Juraci Siqueira, Elson Farias, Wilson Nogueira, Hernâni Donato. Vejamos dois registros deste último, um da cobra grande:

BOIÚNA – de *mboi* cobra e *una* preta, o mito mais difundido no Amazonas é descrito por Alfredo da Mata (vocabulário Amazonense): “... transforma-se em as mais disparatadas figuras: navios, vapores, canoas... engole pessoas. Tal é o rebojo e cachoeiras que faz, quando atravessa o rio, e o ruído produzido, que tanto recorda o efeito da hélice de um vapor. Os olhos quando fora d’água semelham-se a dois grandes archotes, a desnortear até o navegante”. Foi parte ou origem (como afirma Couto Magalhães) de um ciclo mítico de que participa a lenda “Como apareceu a noite”, segundo a qual, a Cobra Grande (Mboiaçu) casa a filha e manda-lhe a noite presa dentro de um caroço de tucumã (*Astrocarium tucumã*, Mart.) Os portadores, curiosos, abrem o caroço, libertam a noite e são punidos (DONATO, S/D, p. 57).

E o outro do boto:

Sob diversos nomes populares é o animal amazônico e maior presença folclórica. Sedutor de moças ribeirinhas descuidadas e conseqüente pai de todos os filhos “de responsabilidade desconhecida”. “Nas primeiras horas da noite transforma-se num

bonito rapaz, alto, branco, forte, grande dançador e bebedor, e aparece nos bailes, namora, conversa, frequenta reuniões e aparece fielmente aos encontros femininos. Antes da madrugada, pula para a água e volta a ser boto.” Sua fama de sedutor é do século 19. Registrou-a seu estudioso mais demorado (1848-1859) Henry Walter Bates (The naturalistonthe River Amazons, Londres, 1864) (DONATO, s/d, p. 56).

Alguns registros da cobra grande também foram feitos na obra *Órfãos das águas: uma história de homens e bichos num planeta ameaçado de desaparecer*, de Wilson Nogueira (2011), mostra que ela encanta, amedronta e mata respectivamente como conta nos trechos abaixo:

Cate não sabe mais se é noite ou se é dia. [...] De repente, o rio fica turvo no entorno da canoa. Bolhas monstruosas brotam das profundezas, e delas exala um fedor insuportável de pitiú e de mato apodrecido. [...] Ele tenta pegar o gatilho da espingarda, mas faltam-lhe força e pontaria. [...] Do meio das bolhas fedorentas emerge uma enorme sucuri, que aplica nele um severo bote, puxando-o logo para o fundo (NOGUEIRA, 2011. p. 51 - 52).

Esses personagens – o boto e a cobra grande, foram registrados por outros autores. É importante ressaltar que a prática da inserção dessas narrativas na literatura vem crescendo cada vez mais, o que só tem colaborado para um registro definitivo delas. No entanto, essas narrativas vêm sofrendo modificações e adaptações. A lenda do boto, por exemplo, que é bastante conhecida dentre essas narrativas na Amazônia, foi utilizada na obra de Juraci Siqueira (2007) com o cordel *O Chapéu do Boto*, onde uma das estrofes descreve a chegada do personagem:

Vinha sozinho e vestindo
Terno branco, cinturão
Com dois rubis na fivela,
Sapatos cor de alcatrão
Feitos do mais fino couro,
Um belo relógio de ouro
E um vistoso chapelão (p. 5).

Elson Farias (2002), na obra infantil *Viajando com o Boto no Fundo do Rio*, mostra Zezé (personagem autodiegético) viajando nas costas de um boto, que lhe apresenta personagens de outras lendas no perau. Lá, o boto não é somente contencioso ou o que seduz, mas principalmente protege a natureza assustando os pescadores na piracema. O mais interessante nesta obra é que a lenda é contada brevemente e o texto começa no momento em que o boto está voltando de uma festa e correndo dos homens em direção ao rio, diferentemente da narrativa oral, que se encerra nessa parte. O rio, em várias obras literárias,

envolve muitos mistérios. Essa obra de Elson Farias traz imagens que solidificam o pensamento caboclo de que, no fundo, há vida paralela à humana, num processo mais próximo da prosopopeia do que do literal, uma vida encantada.

Em 1986, foi lançado o filme brasileiro *Ele, o boto*, dirigido por Walter Lima Junior. Nele se narra a história de uma moça chamada Tereza que foi seduzida e encantada pelo boto. O que lhe restou foi um filho e a obsessão do animal, que em noites de lua cheia, aparecia para importuná-la, mesmo depois de casada. Mas não somente isso: ele tinha o poder de se transformar em um homem vestido de branco durante a noite, e que, com sua beleza, encantava as mulheres e por isso se tornava odiado pelos homens. Durante o dia também tinha o poder de se transformar em homem e bastava tocar na água que lhe vinha o poder de se tornar animal novamente, de forma que nem tiro poderia lhe tirar a vida. Somente com um objeto era possível matá-lo, mas quem o fez virou seu sucessor.

As narrativas citadas acima, certamente, atravessaram várias gerações, antes da chegada do sistema de escrita no Brasil, e sua chegada até nós só foi possível devido a presença do narrador. E o narrador desse tipo de narrativa é o narrador vivo, o narrador oral.

1.2 Narrador oral: a voz, o corpo e a *performance*

Diferentemente do narrador de obras literárias, no narrador oral são acrescentados em sua *performance*: seu corpo, seus movimentos, sua voz, suas expressões. Ele é aquele que desperta no outro a percepção sensorial do literário. É aquele que traz a literatura popular existente na cultura de pessoas que olham a vida além do que os olhos podem contemplar, aquelas que moram distante muitas vezes esquecidas.

A preocupação com a permanência dele caminha, em nosso meio, há algum tempo com alguns estudiosos. No início do século XX, a respeito da obra de Nikolai Leskov², Benjamin (2012) adverte que citá-lo como narrador não significava aproximá-lo de nós, ao contrário, significava distanciá-lo ainda mais. Em seus estudos, afirmou que a experiência evidenciava o caminho para o fim da arte de narrar, uma vez que se tornava cada vez mais raro encontrar uma pessoa que soubesse narrar direito.

Segundo Benjamin (2012), esse é o primeiro e verdadeiro narrador – o de origem homérica. Ele tem um papel importantíssimo de manter as narrativas orais vivas na memória

² Nicolai Leskov nasceu em 1831 em Orjol e faleceu em 1895, em S. Petersburgo. Fazia parte da Igreja Ortodoxa grega e possuía interesse religioso. Trabalhou em uma empresa inglesa como agente russo durante muito tempo, e foi essa empresa que o oportunizou viajar pela Rússia e tomar conhecimento de muitas narrativas russas.

de seus sucessores, assegurando sua permanência como um patrimônio de sua cultura. E assevera que: “o narrador retira o que ele conta da experiência: de sua própria experiência ou da relatada por outros. E incorpora, por sua vez, as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (BENJAMIN, 2012). Paul Zumthor (2014), por sua vez, faz vários levantamentos de características que ajudam esse narrador a se manter vivo em nosso meio, mesmo com o crescimento exorbitante das mídias virtuais.

Wladimir Propp (1984) acrescenta que esse narrador é capaz de fazer modificações na narrativa, uma vez que cada um tem uma forma distinta de contar. Essas modificações também são inerentes ao uso da língua e como cada um se utiliza dela, é inevitável deixar suas marcas na narrativa, assim como as impressões de um oleiro ficam no vaso que cria. É através dos narradores que as narrativas são passadas de boca em boca. Benjamin (2012, p. 214) divide-os em dois grupos ou duas linhagens: os marinheiros mercantes – na condição de viajantes – uma vez que quem chega de viagem têm muitas histórias para contar; e os lavradores, como sedentários, aqueles que não saem de sua cidade, porém, conhecem suas crendices e tradições.

O narrador, seja ele qual for, vê nessas narrativas a oportunidade de ensinar, pois “é um homem que dá conselhos aos ouvintes” (BENJAMIN, 2012, p. 216). E isso possibilita a troca de experiências, o conhecimento é repassado. Naquele contexto, foi observado o emudecimento das pessoas ao retornarem da guerra, não de informações, mas de experiências que andam de boca em boca, ou seja, de conselhos.

Para Walter Benjamin (2012), todos os narradores só o são hoje, porque existiram outros de quem receberam as histórias. E dos que as passaram para o papel, os mais conhecidos são os que menos se distanciaram do texto oral. À medida que o romance se estabelecia com a imprensa, esse narrador perdia mais espaço. E o romance não se assemelhava a lendas, a mitos, e a fábulas, porque estes vinham da tradição oral e aquele não vinha dela e nem caminhava para entrar nela. E, sobretudo, mudava a ação de narrar.

O romance, segundo Lyons (2011, p. 125), ainda arrastava resquícios do século XVIII – foi um gênero inferiorizado na literatura, pois não oferecia instrução moral e nem sentimentos enobrecedores. Poucas eram as exceções que mantinham os objetivos das narrativas simples: Gil Blas de Alaun – René Lesage; Dom Quixote, de Cervantes; e os romances de Henry Fielding e Samuel Richardson (1689-1761).

E se de um lado Lyons (2011) diz que Quixote era um dos poucos romances detentores de instrução moral para passar, do outro Walter Benjamin (2012, p. 217) dizia que o personagem era nobre, mas estava totalmente desorientado e não continha a mínima

centelha de sabedoria. Enfim, não há nele um conselho para manter um bom comportamento. Antes “a carência se torna acontecimento”.

Contudo, pior do que o romance para a arte de narrar foi a chegada da informação – esta foi decisiva no processo de aceleração do abandono dessa arte. Ao contrário das narrativas orais que não são esgotadas em sua interpretação, a informação requer exatidão, ela precisa do momento, do novo, da novidade, é totalmente explicável. A narrativa que não se explica, permanece viva em nossa memória. A informação só tem importância quando é nova.

Hoje, a arte de narrar continua perdendo espaço, todavia dessa vez por causa da expansão em massa da mídia. As narrativas orais são pouco contadas em casa e na escola. Em pleno século XXI, as pessoas estão ficando emudecidas com a grande explosão da mídia virtual. Alguns programas de televisão mostram isso. Famílias sendo desfeitas pela falta de comunicação em seus lares, pessoas fazendo terapia por passarem horas ao computador, outros perdem o emprego por não conseguirem se distanciar do celular. “Para a maior parte da humanidade, o processo de globalização acaba tendo, direta ou indiretamente, influência sobre todos os aspectos da existência: a vida econômica, a vida cultural, as relações interpessoais e a própria subjetividade” (SANTOS, 2009, p. 142). É possível perceber com isso que as narrativas orais cada vez mais se distanciam da boca dos narradores, pois estes não se disponibilizam para coisas que não sejam abreviadas.

Ainda assim, esse narrador, diante de uma oportunidade, lança a palavra. E a palavra, quando dita, ecoa além do que os ouvidos podem perceber, ecoa na alma, é impressa na memória, e vibra no corpo. E este exprime através da voz o mais profundo sentimento, seja de amor, de dor, de ódio. No corpo, antes de ser proferida pela boca e começar seu ciclo no outro, é pensada. Reporto-me ao ciclo de vida da palavra que a manteve viva desde o início do mundo, quando o homem fez uso dela para se comunicar, pois sai da boca por meio do som e alcança o outro através dos ouvidos fixando-se nele. Vem trazendo sabedoria de épocas longínquas e por isso tem o poder de mudar histórias.

Essa palavra oralizada é impulsionada pelo corpo através da voz e dele é dependente, porém não lhe pertence mais após sua saída. Quem já ouviu a frase: “Não foi isso o que quis dizer”, sabe bem que, após sair do corpo, a palavra não pertence mais ao emissor. No percurso entre o corpo impulsionador e o corpo receptor pode receber outros significados. Dependendo de seu tom, pode ser ou não bem recebida. Está aí o poder a mais que a palavra dita tem em relação à palavra escrita.

Quando o corpo está fraco, ela tende a sair desanimada; quando o corpo está feliz, ela sai eufórica; e se ele quiser encantar, então sai poetizada por meio da voz. Segundo Zumthor (2014, p. 27),

o corpo é o peso sentido na experiência que faço dos textos. Meu corpo é a materialização daquilo que me é próprio, realidade vivida é que determina minha relação com o mundo. Dotado de uma significação incomparável, ele existe à imagem de meu ser: é ele, que eu vivo, possuo e sou, para o melhor e para o pior. Conjunto de tecido e de órgãos, suporte da vida psíquica, sofrendo também as pressões do social, institucional, do jurídico, os quais, sem dúvida, pertencem nele seu impulso primeiro. Eu me esforço menos para apreendê-lo do que para escutá-lo, no nível do texto, da percepção cotidiana, ao som dos seus apetites, de suas penas e alegrias: contração e descontração dos músculos: tensões e relaxamento internos, sensações de vazio, de pleno, de turgescências, mas também um ardor ou sua queda, o sentimento de uma ameaça ou, ao contrário, de segurança íntima, abertura, ou dobra afetiva, opacidade ou transparência, alegria ou pena providas de uma difusa representação de si próprio.

Essa voz ultrapassa o campo informativo e desperta o prazer, através das sensações, dos sentidos. As palavras só são verdadeiramente expressivas em força, e necessitam ser atualizadas pela ação da voz, isso segundo Zumthor (2014, p. 81). Sobre essa expressividade e objetivos de alcance da voz, é inevitável lembrar-se de Orfeu, que tinha uma voz encantadora. Com ela conquistava graça diante das coisas, da natureza e do homem. Um belo dia, com a morte de sua amada Eurídice e a profunda dor da perda, decidiu ir ao reino dos mortos para tentar resgatá-la. Mas precisava fazer um longo caminho e passar por muitos obstáculos, convencer os deuses, ou não conseguiria seu intento. Com sua voz tocou o mais profundo sentimento dos deuses da morte, que se comoveram com a situação e permitiram sua amada voltar ao mundo dos vivos, sob uma condição: que durante todo o percurso Orfeu não olhasse para trás. Mas ele desobedece e sua amada é puxada de volta ao mundo dos mortos.

E se a voz sai poetizada, é porque recebeu o valor próprio da linguagem. E o que é a voz?

Segundo Zumthor (2014, p. 82), é uma coisa, pois é possuidora de materialidade, é descritível e interpretável. Faz repouso no silêncio do corpo. É ligada, intrinsecamente, à linguagem. Quando poetizada, ainda que sozinhos, faz-nos sentir acompanhados, pois é um meio de sociabilidade, daí a necessidade de muitas pessoas, quando estão sozinhas, mesmo não gostando muito desses recursos tecnológicos, ligarem um rádio ou uma televisão, apenas para ouvir vozes.

Nos capítulos 1 e 2 do livro de Gênesis, a criação dos céus, da terra, da luz, a separação entre a luz e as trevas, entre as águas acima do firmamento e abaixo dele e a porção

seca, a criação da relva, ervas, lua, sol e demais estrelas, os animais de todas as espécies e o homem, todas as ações se deram por meio de uma voz: a do Deus-criador. O Deus jamais visto, porém perpetuado entre muitas nações e povos pela força e autoridade de sua voz. A partir de estudos em teses médicas, psicanalíticas e acústicas, Zumthor (2014, p. 80-81) tira seis teses sobre a voz. São elas:

Primeira tese: a voz é o lugar simbólico por excelência; mas um lugar que não pode ser definido de outra forma que por uma relação, uma distância, uma articulação entre o sujeito e o objeto, entre o objeto e o outro. A voz é, pois, inobjetével. Segunda tese: a voz, quando a percebemos, estabelece ou restabelece uma relação de alteridade, que funda a palavra do sujeito. Terceira tese: todo objeto adquire uma dimensão simbólica quando é vocalizado. Concebem-se as implicações dessa tese para a poesia; tanto mais ela permanece plenamente verdadeira quanto mais a voz é interiorizada, e não se produz percepção auditiva registrável por aparelhos. Quarta tese (também se referindo diretamente ao poético): a voz é uma subversão ou uma ruptura da clausura do corpo. Mas ela atravessa o limite do corpo, sem rompê-lo; ela significa o lugar de um sujeito que não se reduz à localização pessoal. Nesse sentido a voz desaloja o homem do seu corpo. Enquanto falo, minha voz me faz habitar a minha linguagem. Ao mesmo tempo me revela um limite que me libera dele. Quinta tese: a voz não é especular; a voz não tem espelho. Narciso se vê na fonte. Se ele ouve sua voz, isso não é absolutamente um reflexo, mas a própria realidade. Sexta tese: escutar um outro é ouvir, no silêncio de si mesmo, sua voz que vem de outra parte. Essa voz, dirigindo-se a mim, exige de mim uma atenção que se torna meu lugar, pelo tempo dessa escuta.

Ao receber o valor da linguagem, uma única frase admite interpretações múltiplas, ainda que possua como objetivo uma única mensagem. Essa linguagem sem a presença da voz é a escrita, e ao juntar-se ao corpo vivo oportuniza o engendramento de algo conhecido como *performance*. Zumthor (2014, p.34) reitera que esta “não é simplesmente um meio de comunicação: comunicando, ela o marca”. E convence. E marca porque sua tinta indelével é impressa na memória do receptor que ouve atentamente as histórias e vê toda a *performance* do narrador.

Essa impressão é o que dá a sensação de extermínio do espúrio, sensação de certeza. A *performance* é indispensável ao defensor do réu diante do júri. É ela que pesa na hora da absolvição ou condenação dele. Faz tanta diferença que não há júízo sem ela, pois se assim o fosse, a parte escrita dos processos – levantamentos de dados e provas – seria suficiente para formar siso ou emitir pareceres.

Zumthor (2010) enumera cinco fases da *performance* na existência do poema oral, lembrando que ele chama de oral o texto que passa pelo ouvido e pela voz, são elas: produção, transmissão, recepção, conservação e repetição. Dessas, as mais utilizadas são a segunda e a terceira, somente é usada a primeira quando há improvisação, já a quinta está mais presente na tradição oral estável, enquanto a quarta liga-se exclusivamente à memória.

Do narrador oral exige-se uma *performance* cujo texto não tenha qualquer tipo de riscos. A voz do narrador precisa ser poetizada para que alcance a atenção, o sentimento e movimente a imaginação e o pensamento de seu ouvinte. Da voz depreende a capacidade de improvisação ou criação, pois apesar de criada em questão de segundos, precisa fazer parte do texto sem deixar transparecer falhas no discurso causadas principalmente pelo esquecimento, o grande destruidor de uma boa *performance*.

Além disso, é imprescindível ter uma boa voz, ou seja, não ter problemas de dicção ou na sonoridade e ter um bom ritmo e harmonia. Para tanto, são necessários *recursos vocais*:

Entendido como tudo o que se dispõe para falar, compreendem: os recursos primários da voz – respiração, intensidade, frequência, ressonância, articulação; os recursos resultantes, que são dinâmicas da voz – projeção, volume, ritmo, velocidade, cadência, entonação, fluência, duração, pausa e ênfase. Esses recursos combinados expressam as intenções e/ou os sentidos vocais na emissão (GAYOTTO, 2002, p. 20).

Isso tudo colabora para suscitar no ouvinte o desejo de ouvir mais, a fascinação pelo dito. Esse desejo do ouvinte mantém acesa a chama da narrativa e, com ela, a vida do narrador. Foi assim que a personagem Sharazad, na obra *As mil e uma noites*, não foi morta pelo príncipe como tantas outras mulheres. Ela se manteve viva pelo poder de todas as características primordiais presentes em sua *performance*. Portanto, há vozes que não são bem recebidas.

Essa voz, segundo Gayotto (2002), quando é ouvida: afeta, transporta e transforma. Quantas vezes nos deparamos em situações de ouvir vozes e lembrar o passado, a infância? Inúmeras! Outras vezes vozes nos fazem chorar, rir, desejar, refletir. Vozes que nos transmitem conhecimento, indignação e até revolta. Vozes que adentram o mais profundo de nossa alma e remexem nossas emoções, mesmo as esquecidas. Vozes que nos fazem reviver.

Algo importante para um bom narrador seria tomar conhecimento da existência dessas características, porém, nele, são geralmente inatas. Não detém conhecimento sobre as partes da narrativa, a entonação da voz na hora de gerar medo, fazer rir ou fazer refletir, simplesmente o faz por intuição. Porém, possui segurança sobre o que diz, conhece bem o conteúdo ou a narrativa que conta, e é certo que busca gerar tais sensações no outro.

Então, Gayotto (2002) chama essa busca de objetivo e/ou superobjetivo. E diferencia um do outro, comparando-os, entre si, a uma escada. Nessa escada, o primeiro degrau para quem sobe seria o objetivo, e o último, o superobjetivo. Isso porque em cada degrau se dá a conquista de mais um objetivo, mas o objetivo maior é sempre alcançar o último degrau.

Dessa forma, numa narrativa oral, o primeiro degrau, julga-se estar intrinsecamente ligado a arrumar um ouvinte, os demais degraus às próprias partes da narrativa e o último, ao gerar medo, normatizar comportamento, ou fazer rir.

A voz estreita ou desfaz laços afetivos. “Ela deve resultar na criação ou modificação da realidade como gerador de impacto sobre alguém ou alguma coisa, que toma atitude, faz acontecer” (GAYOTTO, 2002, p. 26). Sua ação tem muito poder de construir ou destruir. Não obstante, não deixa de estar carregada de traços culturais que, vez ou outra, pesam de forma distinta numa mesma frase em situações diferentes. E tem em si as singularidades de cada indivíduo participante de uma mesma cultura.

Para alcançar seus objetivos, o narrador se utiliza de situações. Sua forma de narrar também vai, aos poucos, mudando. Os recursos vocais se estabelecem e se dividem conforme o objetivo do narrador, incluindo as pausas e seus tipos. Essas pausas são imprescindíveis para criar tensão, deixar textos subentendidos e respirar.

Ora, a voz é querer dizer e vontade de existência, lugar de uma ausência que, nela, se transforma em presença; ela modula os influxos cósmicos que nos atravessam e capta seus sinais: ressonância infinita que faz cantar toda matéria... Como o atestam tantas lendas sobre plantas e pedras enfeitiçadas que, um dia, foram dóceis (ZUMTHOR, 2010, p. 9).

Sabe-se que a memória neste processo é indispensável, porém não está assegurado a ela nenhum tipo de estabilidade ou permanência. A memória é tão importante que, segundo Le Goff (2003, p. 435), Simônides de Céos, filho de Leoprepe, precisou dela para se lembrar da posição em que estava Scopa e seus convidados antes de o teto desabar sobre suas cabeças, somente por isso puderam devolver os corpos aos familiares de cada um.

A mnemônica auxilia a memorizar dados utilizando o método da associação a informações previamente estabelecidas nas cabeças das pessoas, em relação ao espaço, particularidades ou de outro aspecto referentes ao indivíduo que absorve. Essa memória faz uma recordação mítica, por exemplo, tornar-se eterna. Ela é alimentada pelo imaginário despertado diferentemente a respeito de uma mesma imagem na mente de cada pessoa. Segundo Alcoforado (2007, p. 4), “o texto oral simultaneamente é um texto artístico e um texto etnográfico, mantido virtualmente na memória do seu transmissor, que o ajusta ao universo cultural do seu grupo”.

1.3 A cultura e o lugar estudado

Em relação à cultura, o Brasil, constituído por 26 estados e o Distrito Federal, é um país gigantesco em extensão, em fauna, em flora, em clima e em relevos diversos – é incomensurável em variedade. Nele, as pessoas apresentam formas distintas no vestir, no comer e até no falar, pois, embora predomine a língua portuguesa em todo o seu território, há diferenças na pronúncia de uma mesma palavra em diferentes estados ou regiões.

Mas essa mudança de lugar não interfere somente no modo de pronunciar as palavras. Na literatura, por exemplo, muitas personagens recebem características de um povo, de uma classe social, enfim, representam o ambiente e o lugar de onde fazem parte, como em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Nessa obra, o personagem Fabiano representa o homem sofrido com as secas do Sertão e com as mazelas sociais do sistema de que faz parte, o meio também influencia o personagem, uma pessoa seca nas palavras. Esse ambiente é bem retratado na obra como mostra o trecho: “ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, [...]. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala” (RAMOS, 2004, p. 9).

Então, como se pode observar, a cultura é representada de várias formas: linguagem, literatura, vestimenta entre outros. Esse termo cultura é explicado por muitos teóricos, mas não é conceituado precisamente. A respeito dele, White (2009, p. 23) define: “Homem e cultura são inseparáveis. Por definição, não há cultura sem homem nem homem sem cultura”. O homem é o único animal capaz de atribuir significado a tudo em sua volta.

Sendo assim, imaginemos um pão após ser consagrado por um pastor. Torna-se um símbolo para os fiéis, pois representa o corpo de Cristo. Nessa condição, não pode ser comido por qualquer pessoa. Independentemente da denominação. Na cultura judaica, só quem pode partilhar dele são os que foram imersos na água, assim como João Batista imergiu Jesus (MATEUS 3:13-17). Mas antes de começar o culto, suponhamos que chega um fiel não batizado e sem saber da consagração do pão, come-o. Provavelmente, será visto pelo seu grupo como alguém desobediente que não consegue cumprir as normas da igreja. Mas pergunta-se: qual a diferença entre esse pão e outro qualquer?

Para quem não faz parte desse grupo, nenhuma, pois tanto o pão consagrado quanto o outro são constituídos da mesma matéria e possuem igual forma. A capacidade de diferenciá-los está na cabeça do fiel, reiterando o conceito de White (2009) que somente o homem pode criar símbolos. Assim, em se tratando de outros alimentos, embora todo homem precise deles, nem todos os alimentos são vistos de igual forma pelo mesmo homem. Sendo assim, uns

comem somente carne branca, outros, comidas inusitadas como rãs e escorpiões. E o que é certo ou errado para um ou outro comer, depende de sua cultura. White (2009, p. 32) informa que:

Há vários tipos de perguntas que podemos fazer sobre a cultura, ou, em outras palavras, há várias formas de explicar a cultura. Uma pergunta é: “como podemos explicar a origem da cultura?” Outra pergunta é: “Quais são as funções da cultura?” E há outra: “Como podemos explicar as variações culturais em termos de tempo, espaço e povos?”.

E conceitua:

A cultura humana não é homogênea. É tremendamente variada, e essas variações têm também uma dimensão temporal, pois uma mesma cultura muda com o tempo. A cultura dos Estados Unidos não é hoje o que era há cem anos. A cultura também varia de lugar para lugar: a cultura do estado de Nova York não é a mesma que a da Tailândia. E a cultura varia com os povos: a cultura dos esquimós não é a mesma dos pigmeus de Luzon ou da península da Malásia.

Essa cultura depende de variantes como o lugar e do tempo que implicam nas mudanças. É importante destacar que em relação à cultura existem dois lugares, segundo White (2009, p. 41): o lugar como meio ambiente, onde se tem o clima, a flora, a fauna, e o lugar como localização. Este último pode ir além de delimitações ou características físicas. É muito importante saber diferenciar o lugar como meio ambiente e lugar enquanto localização, pois o lugar em si é um dos tipos de dimensão topológica da variação cultural.

“O determinismo geográfico considera que as diferenças do ambiente físico condicionam a diversidade cultural” (LARAIA, 1986, p. 21). Afirmações como essa permearam as ideias de muitos geógrafos no século XIX, mas já foi comprovado que um mesmo lugar pode apresentar culturas diversas, o que permite observar o desenvolvimento das culturas dos centros e das periferias. Permite indicar o que causa contrastes levando em consideração o distanciamento, a interação e o isolamento entre centro e periferia. Sejam eles entre cidades dentro de um mesmo estado, ou entre bairros e centro dentro de uma cidade, ou ainda entre a cidade e o entorno dela. Mostra-se, dessa forma, o porquê de não ser levada com precisão a questão de as influências do lugar sobre qualquer costume serem de cem por cento.

Outra variante que influencia na mudança é o tempo. A própria história é dividida em Períodos ou Idades conformes ao desenvolvimento de habilidades do homem. Ele, sem interferências, foi aos poucos descobrindo o fogo, a domesticação de animais, a fabricação de instrumentos. Porém, certamente, não houve durações iguais nos períodos, uns períodos

podem ter maior ou menor duração do que outros, pois uma cultura pode manter-se por muito ou pouco tempo, isso vai depender de fatores diversos.

O tempo contribui diretamente para essas mudanças. Com o passar dele, as pessoas vão nascendo e a cultura vai sendo renovada. Alguns hábitos de uma sociedade somem, depois reaparecem ou podem nunca mais aparecer. Isso acontece muito com as vestimentas, os óculos, o corte ou cores de cabelo, entre outros comportamentos. Assim também pode ocorrer com a cultura de contar histórias. Pode ser que permaneça em determinado lugar, ou não, pode ser que se apague por um período e volte, ou pode ser que se apague e não volte mais.

A mudança cultural pode ser lenta ou rápida. “Podemos agora afirmar que existem dois tipos de mudança cultural: uma que é interna, resultante da dinâmica do próprio sistema cultural, e uma segunda que é o resultado de um sistema cultural do outro” (LARAIA, 1986, p. 96), a externa. Essa segunda é encontrada em praticamente todos os sistemas culturais, uma vez ser difícil encontrar uma sociedade totalmente isolada. Geralmente as mudanças internas – as mais lentas – podem se tornar mais rápidas com a inserção das tecnologias: como a mídia, por exemplo.

As informações estão sendo difundidas cada vez mais rápidas porque são vários os meios pelos quais elas se estabelecem como: o jornal impresso, a televisão, o rádio, o aparelho celular, o *tablete*. Eles conseguem percorrer longas distâncias, e são mídias que, de certa forma, influenciam na forma de pensar, de agir e de sentir do homem. Algumas delas, inclusive, arrancam boa parte do tempo dele, e em troca lhe proporcionam: entretenimento, fuga do cotidiano, desafios, emoções e até novos valores.

A Comunidade do Julião, que está localizada a 25 quilômetros, a contar em linha reta do Centro de Manaus, é banhada pelo Rio Negro. Está dividida em quatro distritos, sendo eles: Distrito 1 – sede, Distrito 2 – Igarapé do Farias, Distrito 3 – Igarapé do Julião e Distrito 4 – Igarapé do Caniço. Foi criada pelo Decreto 8044/2005, com 11.973 hectares e faz parte da Reserva de Desenvolvimento Sustentável (REDE) do Tupé.

Segundo Chateaubrind (2009), a palavra Tupé é de origem tupi e significa entrançado, tecido trançado com talas da palmeira arumã, em cores ou não, usado como objeto de arte, tapete, esteira, toldo de barcos entre outros. Essa reserva é constituída por mais outras cinco comunidades: Agrovila, Colônia Central, Livramento, São João do Tupé e Tatu.

O acesso externo é feito por meio de transporte aquático. As pequenas embarcações saem da marina do Davi, na Ponta Negra, e fazem o trajeto por todas as outras comunidades, semelhantemente a uma linha de ônibus. No entanto, não possui horário certo para passar nos

portos, é conforme a solicitação dos moradores das comunidades feita via rádio ou dos passageiros que saem da marina do Davi quando a embarcação atinge o número máximo de ocupantes. O transporte interno é feito a pé ou por canoa, o que vai depender da distância.

Em relação à origem da população humana dessa comunidade, ela “é fruto do encontro de culturas, seja de populações locais, ameríndias, do colonialismo europeu em um dado momento ou da recente presença nordestina do período econômico da borracha” (SILVA, 2014, p. 93). Segundo Chateaubrind (2009, p. 105-111), dois terços nasceram em Manaus, e um terço é formado por oriundos de municípios do estado do Amazonas e dos estados do Pará, Ceará, Maranhão e Rio Grande do Norte.

Essas pessoas formam dois grupos: o grupo um – das que moram na comunidade, e o grupo dois – das que moram na zona urbana de Manaus e vão para lá nos fins de semana e/ou nos feriados prolongados. Aproximadamente 200 pessoas formam os dois grupos. Destas, cerca de 70 fazem parte do grupo 01. O total de famílias é de mais ou menos 172.

Nenhum morador do primeiro grupo pretende sair de lá, pois alega que a zona urbana de Manaus é barulhenta, violenta e não há trabalho para eles. O morador vivo mais antigo é o Sr. Álvaro Oliveira Bastos, mais conhecido como Baru, cuja família chegou ao local antes do registro de criação da comunidade. Esta recebe muitos visitantes, cujo fluxo depende da vazante, conforme relatos da senhora Maria de Fátima Galvão – moradora.

Nesse espaço, muitas culturas foram hibridizadas, e o modo de vida é bem peculiar, pois pouquíssimos moradores de lá trabalham na zona urbana de Manaus, e outros da zona urbana trabalham lá. Os que trabalham em Manaus algumas vezes embarcam gratuitamente na lancha da Secretaria Municipal de Educação – SEMED, da Escola Canaã II, que sai da comunidade para buscar professores e alunos nas redondezas e na marina do Davi, porto localizado no fim da estrada da Ponta Negra; outras vezes, viajam em embarcações particulares.

Os que trabalham em outras comunidades da REDE comerciam na Praia do Tupé, ou servem a proprietários de estabelecimentos de materiais de construção ou várias atividades relacionadas ao campo. Por fim, os que trabalham na própria comunidade: limpam os quintais de vizinhos que fazem parte do grupo dois. Desenvolvem atividades como criação de suínos, de galinhas e de hortaliças; pesca, construção de casas e de pequenas embarcações. Outros trabalham na Escola Municipal Canaã II como: merendeiros, professores ou em serviços gerais.

Há três comerciantes na comunidade, que transformaram uma parte de suas casas em comércio. É importante ressaltar que, não necessariamente, um indivíduo faça uma única

atividade e viva somente dessa renda, pois há incentivos do Governo Federal através de programas assistencialistas; e que essa comunidade vive ainda a liberdade que a natureza proporciona.

A parte habitada da comunidade foi dividida em loteamentos de tamanhos diferentes assim como as finalidades. Uns são utilizados somente para moradia, outros para moradia e plantações, outros somente para plantações ou criação de animais. As residências, em totalidade, estão situadas em terra firme ou próximas a igarapés, mas não há uma só em forma de flutuante.

As casas, em sua maioria, são feitas de madeira com telhado de zinco ou amianto, suspensas por pedaços de madeira. Outras são mistas – que possuem o piso de cimento e as paredes de madeira, a pintura interna e externa não está presente em todas elas. Diferentes desses materiais, embora a cobertura seja similar, foram encontradas duas casas com paredes construídas em argila, construção mais comum ao nordeste do Brasil.

Os banheiros ou são construídos fora das casas, com um buraco no centro do piso, cercados com madeira, alumínio, PVC, sacos grossos, ou dentro das casas, conforme as características físicas destas. Não há rede de esgoto e nem todas as casas têm fossa.

A comunidade foi a primeira, entre as seis, a receber água nas casas no ano de 2014. Isso porque os comunitários compraram com recursos próprios os canos necessários para levar a água do poço, instalado com investimentos do Japão, através do consulado e a ajuda da prefeitura, até suas casas. Esse motivo que distanciou a comunidade Agrovila de receber água imediatamente após a inauguração do poço.

Antes disso, na Comunidade do Julião, a água era retirada do poço artesiano da escola e carregada em baldes para as casas, e quando a bomba quebrava, os moradores recorriam ao igarapé. Havia, ainda, pouquíssimas casas com poço artesiano ou cacimbas – um buraco fundo cavado no terreno das casas, que enche naturalmente de água para uso doméstico. Esse poço foi recebido pelos moradores com muito louvor, conforme o texto abaixo:

Moradores das comunidades Julião e Agrovila, na Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) do Tupé, receberam com festa e sentimento de gratidão a visita do prefeito Arthur Virgílio Neto, às duas localidades, ao longo da manhã e início de tarde desta quarta-feira, 2 [abril]. O prefeito, acompanhado pelo cônsul geral do Japão, em exercício, Kenji Sakurai, e os secretários municipais de Meio Ambiente e Sustentabilidade, Kátia Helena Schweickardt, e de Infraestrutura, Luiz Filho Silva Borges, inaugurou oficialmente dois poços artesanais construídos com recursos do Governo do Japão e da Prefeitura de Manaus que permitirão às duas comunidades dispor de água potável nas torneiras. Recebido com carinho pelos comunitários, o prefeito enalteceu o trabalho desenvolvido pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Sustentabilidade (Semmas) na gestão da RDS e na condução das negociações junto ao Consulado do Japão que garantiram a execução do projeto, a

um custo total de R\$ 204 mil – sendo R\$ 194 mil do governo japonês e R\$ 10 mil da Prefeitura de Manaus. Os dois poços, juntos, beneficiarão diretamente as mais de 300 famílias que vivem nas duas comunidades. No Julião, os próprios comunitários se encarregaram de instalar as ligações que permitem que a água chegue às torneiras de aproximadamente 90% das casas da comunidade. Um sonho antigo dos comunitários, que antes precisavam descer até a beira do rio carregando latas para ter água em suas casas (SEMMAS, 2014, s/p).

Quanto à energia, chegou em 2009 com o projeto Luz para Todos, criado pelo Decreto 4.873 de 11/11/2003, fornecida pela mesma empresa que fornece energia para Manaus. Antes disso, durante a noite, a população utilizava velas, lamparinas ou lampiões para iluminar suas casas.

Nessa época, a escola funcionava normalmente com o motor gerador de energia. Quanto à escola, em seu início, era feita de madeira e atendia da primeira à quarta série primária. No primeiro mandato de Alfredo Nascimento foi feita uma reforma e a escola foi ampliada e construída em alvenaria, atendendo da primeira até a oitava série do antigo sistema. Esse sistema foi mudado, pois foi incluída a alfabetização, mudando de oito para nove anos o tempo de duração do ensino Fundamental. Sendo assim, as crianças passaram a entrar na escola aos seis anos, ao invés de sete, e sair após concluírem o nono ano.

Então a escola passou a atender do 1º ao 9º ano, sendo do primeiro ao quinto o Ensino Fundamental 1 e do sexto ao nono, o Ensino Fundamental 2. Em 2015 foi retirado da Escola Municipal Canaã II o Ensino Fundamental 2, restando apenas o Ensino de Educação infantil e de primeiro ao quinto ano. Essa mudança não foi bem vista pelos pais, que precisaram adequar suas rotinas de trabalho e de acompanhamento da educação dos filhos.

As ruas são estreitas, em argila, algumas são quase totalmente tomadas por capim, restando apenas um caminho. Não há, nessas ruas, locomoção de transporte motorizado ou de tração animal. Cada uma delas recebeu um número da prefeitura. Antes, a limpeza era feita por agentes da prefeitura, com material cedido por ela, porém, era custoso o processo desde a entrada do ofício no órgão público até o recebimento do serviço. E devido à locomoção desses trabalhadores de Manaus até lá ser feita por lancha, era demorada a limpeza, pois eram aproximadamente cinco trabalhadores, que passavam em média de três a quatro horas por dia, trabalhando por mais de cinco dias.

Segundo a presidente da comunidade, D. Raimunda Nonata Pereira da Silva, esse fato não era viável financeiramente, devido aos custos com a alimentação, que era obtida com o pouco dinheiro arrecadado pela comunidade para outros fins. Ao passar do tempo, os moradores preferiram fazer a limpeza com roçadeiras e enxadas. Então, os ofícios passaram a ser encaminhados fazendo a solicitação de materiais tais como: gasolina, fios e sacos, e não

mais de pessoas. Ao fazerem a alimentação em suas residências, os moradores reduziram os gastos com alimentação e, por serem mais numerosos do que os trabalhadores da prefeitura, o tempo de limpeza foi reduzido para dois dias.

Foi observado que o cuidado desenvolve nesses moradores um sentimento de posse do lugar, embora saibam que não seja, em totalidade, de sua pertença. O morador Sebastião deixa esse sentimento de posse em evidência quando diz: “Eu coloquei bem ali porque essa rua aí, essa rua desde o começo que eu que limpo ela”³. Provavelmente por que:

O fato de certo espaço não constituir sua propriedade particular não significa que ele não o utilize. O fato de certo espaço nem mesmo ser utilizado diretamente por ele também não significa que não seja integrante de seu território, porque possui alguma importância em seu universo cultural (LIRA, 2014, p. 76).

Somente na extensão da rua principal há cestos para coletar lixo dos transeuntes. Esses cestos foram cedidos pela Secretaria de Meio Ambiente. Há na primeira entrada da comunidade dois coletores de resíduos sólidos, onde os moradores colocam a parte inorgânica. A balsa passa uma vez por semana no tempo em que o igarapé está cheio. No período da seca, as dificuldades com o lixo inorgânico são visíveis, pois os moradores precisam juntar o lixo nos quintais de suas casas – atraindo insetos transmissores de doenças, haja vista que a balsa não consegue adentrar a comunidade.

É notória a preocupação com os resíduos sólidos nessa localidade, o que não é apreensão somente dela. “A problemática dos resíduos sólidos vem impactando diretamente essas localidades [...] não havendo coleta de lixo pública e nem local apropriado para depositá-lo, as pessoas queimam” (SILVA e FRAXE, 2014, p.103). Por esse motivo, o trabalho de sensibilizar os moradores a não queimar é maior do que quando a navegação da balsa é possível.

Na verdade, a chegada da seca do igarapé é vista pelos moradores como um período de sofrimento. As aulas, por conta disso, param em outubro e retornam em janeiro. O médico, que costuma atender uma vez por semana durante o período em que o igarapé está cheio, e todos os moradores se organizam entre si para esse atendimento, não atende nos meses da seca, não nesta comunidade. O que permanece funcionando no período da seca é a casinha de saúde com uma agente comunitária de nome Marta, a quem os moradores são muito gratos pelo atendimento dela que não se abstém nem mesmo aos domingos.

³ Entrevista 01, p. 122.

Além disso, os contadores de energia das casas deixam de ser averiguados pela empresa competente, tornando as contas mais caras nos meses imediatos após a seca. Já o comércio passa a vender seus produtos mais caros porque os comerciantes pagam mais para buscar os produtos em Manaus. E os comunitários ficam quase totalmente isolados, uma vez que a distância entre a comunidade e o curso de água navegável mais próximo leva aproximadamente trinta minutos de caminhada. Nesse curso de água não passa a lancha que vai para a Marina do Davi, sendo necessário pegar uma canoa e chegar até a comunidade mais próxima aonde chega essa embarcação.

Segundo a presidente da comunidade, os moradores ficam mais solidários uns com os outros nesse período. Foi observado que os comportamentos daquelas pessoas são modificados conforme a cheia e a seca. E elas se adequam conforme as necessidades, diante das circunstâncias naturais, esquecendo o período de dificuldade logo que ele passa, mesmo sabendo que em todos os finais de ano ele estará de volta. Esse ciclo compreende quatro fases, conforme a citação abaixo:

Os ciclos naturais, particularmente o hidrológico, é de fundamental importância porque as fases de enchente, cheia, vazante e seca, delimitam os espaços a serem trabalhados por essas populações da mesma forma que as fases reprodutivas da flora e da fauna (LIRA, 2014, p.77).

Embora não tenha sido observado cada ciclo minuciosamente, porque não era essa a intenção, é notório que a comunidade é marcada pela presença da seca. Não há relatos de alagamento em épocas de cheia, pois a comunidade está muito acima do nível do igarapé. Como a comunidade é rodeada de igarapés, algumas pessoas têm seu porto próprio, mas há duas entradas públicas. Nelas estão fincadas as placas com o nome da comunidade e logo abaixo o desejo de boas-vindas em duas línguas: a portuguesa e a inglesa.



Primeira entrada da comunidade.
Foto: Cíntia Saboia, 2015.



Segunda entrada (a principal) da comunidade.
Foto: Cíntia Saboia, 2015.

A primeira entrada se dá por uma escada de inúmeros degraus, em madeira. Já a segunda, por uma escada em concreto. Nessa segunda fica o principal porto, um flutuante – a única construção sobre as águas, que foi levado da primeira entrada para lá. Embora haja contestações em relação a essa mudança, o motivo gerador dela foi o de que qualquer parada solicitada, após o porto principal de qualquer comunidade do Tupé, pelos passageiros aos condutores da embarcação, são acrescentados três reais acima do valor comum, que em 2014 era dez reais e em 2015 foi reajustado para doze. Com essa mudança, o porto ficou centralizado, beneficiando mais moradores do que antes.

A religião predominante no lugar é a Cristã. Há um templo católico em construção e três evangélicos. No entanto, não são visíveis divergências por motivo religioso; ao contrário, os comunitários católicos ajudam na construção de templos evangélicos, e os evangélicos agem com reciprocidade em relação aos católicos. Essas igrejas desempenham um papel muito importante quanto à boa convivência entre os moradores.

Há uma igreja evangélica que leva diversão e serviços gratuitos de cidadania e de assistência em datas comemorativas. A diversão se dá principalmente para as crianças, por meio de cama elástica, jogos no campo e em espaços não formais, com lanche e presentes para os homenageados. Os serviços são: cortes de cabelo, orientações jurídicas, emissão de identidade e outros documentos e atendimento odontológico, nas datas em que se comemora o dia das mães, dos pais, das crianças, e o Natal. Ademais, a igreja Assembleia de Deus, todos os anos, comemora seu aniversário com uma grande festa, que recebe convidados de Manaus e das outras comunidades. Após o culto de ação de graças e a cerimônia, é servido um jantar.

O entretenimento se restringe a bingos, futebol e banhos no igarapé. Os bingos são beneficentes e têm como objetivo melhorar a estrutura da comunidade, seus prêmios são doados pelos comunitários que fazem parte do grupo dois. Há um campo grande localizado no centro da comunidade, onde ocorrem os jogos de futebol, uma das brincadeiras favoritas dos comunitários.

É comum encontrar homens e mulheres jogando juntos numa mesma partida. É mais comum, ainda, encontrar crianças e idosos junto aos jovens no campo. Há muito respeito no tratamento dirigido aos idosos, principalmente pelas crianças e adolescentes. Nos igarapés, podem-se observar cordas amarradas em galhos de árvores que servem para adultos e crianças brincarem pegando impulso da margem para dentro d'água, conforme mostra a imagem abaixo.



Igarapé do Julião.
Foto: Cíntia Saboia, 2015.

Quanto a festejos, há uma festa anual intitulada Festa do Morcego, que tem a duração de um dia e envolve todas as comunidades da Rede Tupé, sendo em cada ano numa comunidade diferente da do ano anterior. Essa festa tem como objetivo desmistificar o animal e preservá-lo, pois os moradores têm medo de adquirirem alguma doença transmitida por ele, e por isso marcavam caçadas aos bichos. Segundo a presidente da comunidade, ainda ocorrem essas matanças, embora não sejam planejadas como antes. No entanto, os moradores não têm a quem recorrer quando um bando de morcegos invade as suas casas.

Um dos principais festejos ocorre no dia 26 de fevereiro de cada ano. Nesta data é comemorado o aniversário da comunidade do Julião. A comemoração dura o dia inteiro e os moradores das demais comunidades do Tupé são convidados a participar e o fazem. Nesse período são promovidos torneios de futebol entre comunidades, nas modalidades masculina e feminina; e um bingo. Durante a noite, há apresentações de bandas oriundas de Manaus para animar a festa.

A organização política do lugar cabe à Associação dos Moradores do Julião, que foi criada em 1993. A escolha dos representantes acontece de quatro em quatro anos por meio de voto direto. Atualmente são doze os seus componentes, sendo dois tesoureiros, dois secretários, dois fiscais, o vice-presidente, o presidente e outras quatro pessoas que executam outras atividades e dão apoio às decisões da associação junto aos comunitários. Os fiscais são muito importantes para o bom andamento comportamental dos moradores. São eles que averiguam casos de agressões à natureza, e levam à associação as reclamações do povo.

Em toda a região amazônica, a organização social nas comunidades rurais dá-se de forma tradicional. Concretiza-se por meio de instituições como a igreja e a escola e se expressa por meio de sociabilidade que podem ser exemplificadas pelas festas religiosas e ainda pela formação de associações de moradores (SANTIAGO, 2014, p. 227).

Através dessa associação, muitos benefícios são alcançados para a comunidade a um custo mensal de dez reais por lote, com ou sem moradia. É o presidente dela quem leva ao conhecimento do poder público as necessidades e as contestações dos moradores. É nas dependências dessa associação que muitas pendências entre os comunitários são resolvidas por meio de votação nas reuniões que acontecem em todo primeiro domingo de cada mês.

O transporte de socorro até Manaus, por exemplo, é garantido através de uma canoa de alumínio com um motor de 15 HP adquirido com o dinheiro arrecadado pela associação. E sempre que as pessoas precisam em casos de acidentes, e doenças, a embarcação é utilizada e seu abastecimento vem também das arrecadações.

Segundo relatos da presidente da comunidade, antes havia uma lancha que funcionava como SOS. Ela ficava ancorada na Comunidade do Livramento, e de lá saía, quando solicitada, para as demais comunidades do Tupé. Há aproximadamente quatro anos foi retirada do Tarumã-mirim e deslocada para outra parte do Rio Negro. Desde então, as pessoas ficaram sem esse benefício, o que prejudicou bastante os moradores no sentido da saúde, sendo necessário juntar recursos para comprar a embarcação atualmente utilizada.

Outro importante benefício por parte da associação foi a construção da Casinha de Saúde feita pelos moradores no ano de 2013. O lugar já possuía cadeira, ventilador, e outros materiais relacionados à saúde quando o prefeito Arthur Neto chegou à prefeitura. Então, foi enviado à Casinha de Saúde: mais materiais, e profissionais para lhe dar uma excelente pintura, e um médico.

Quanto à história da comunidade, foi fornecida oralmente pelo morador mais antigo do lugar, o senhor Álvaro Oliveira Bastos, nascido no ano de 1954. Chegou à comunidade do Julião em 1963. Nessa época, já moravam, no lugar, oito famílias. Júlio era o nome do morador da entrada do Igarapé, era um homem alto e forte, o que fez com que se tornasse conhecido por Julião, mas quando Álvaro chegou ao local, esse senhor já havia se mudado. E reitera o Sr. Ademir, outro morador antigo. “Julião aqui começou, foi fundado por causa de uma pessoa que era Julião o nome dele. Só que ele morreu, mas a comunidade como foi,

como ele era o primeiro morador da comunidade ficou sendo Julião até hoje. E por causa disso do nome dele...”⁴.

Naquela época, todos os igarapés tinham um nome, porém foi permanecendo, aos poucos, os nomes usados na boca do povo, principalmente, para direcionar a embarcação da Marina do Davi. Daí ao ser indagado para onde ia, o morador respondia que era para a entrada do Julião, depois para o igarapé do Julião e, por fim, o nome ganhou forças e se estabeleceu gerando o nome da comunidade: Comunidade do Julião. Quanto ao igarapé, o nome oficial é igarapé do Tarumãzinho, mas os comunitários não chamam por esse nome, e somente os mais antigos têm essa informação. Outros nomes atuais de igarapés passaram pelo mesmo processo. O Igarapé do Farias recebeu o nome do Sr. José Farias, outro morador antigo quase da mesma época do Sr. Álvaro. Da mesma forma o Igarapé do Dorico.

As casas eram distantes umas das outras, só se chegava de canoa. Antes de as famílias antigas chegarem à comunidade, era proibido morar lá, pois as terras eram de um alemão conhecido por José Grillo. Em 1971, após sua morte, a comunidade foi vendida pela viúva de Grillo para José Sobreiro do Nascimento. Este faleceu sem deixar mais informações, apenas que a filha dele não quer deixar passar energia pela praia da Lua. Essa energia chega através do Ramal do Pau-rosa, no KM 21, deste passa pela Comunidade de Fátima, depois pela de Ebenézer, e por fim, chega na do Julião, chegando muito fraca, por isso a comunidade sofre constantes quedas de energia.

Em relação a mudanças estruturais, foi observado que elas não passam despercebidas aos olhos dos moradores. É sabido que os lugares habitados mudam com o passar do tempo. Não foi diferente com a comunidade, segundo descrição feita por George Barreiros “Aqui era tudo mato, particularmente, aqui era tudo mato, não tinha nada, nada! Só tinha floresta, não tinha nada, nada, nada, nada do que é aqui agora, é tudo mato”⁵. Cada um traz em suas memórias lembranças relacionadas ao lugar de sua infância ou juventude, e as dificuldades que enfrentavam para viver.

Foi assim, com saudosismo no falar, que seu Álvaro se lembrou de uma árvore. E contou que era uma árvore genealógica, localizada à margem do igarapé. Nela constava o nome do patriarca de cada família antiga, moradora do lugar escrito por eles próprios, sendo eles: João Louro, Mário Pereira Gonçalves, Raimundo Sátiro, Raimundo (ninguém lembra o sobrenome) conhecido por Dico, Ludogério (ninguém lembra o sobrenome), Cristóvão, José da Beira d'Água, Deoclécio.

⁴ Entrevista 16, p.147.

⁵ Entrevista 02, p.125.

Quanto à árvore, era um pé de angelim, que foi derrubada por um grande temporal que houve, levando consigo tais registros. Embora essas famílias não estejam mais lá, e nem a árvore como um suporte de um registro da memória coletiva, as informações estão bem presentes na memória desse morador. De tal forma que faz qualquer ouvinte que não tenha visto a árvore e nem os patriarcas, imaginá-los registrando sua existência nela. Essa comunidade representa muito para esses moradores. É um verdadeiro patrimônio conquistado por eles em longo prazo, onde guardam suas memórias e suas histórias.

CAPÍTULO II – DAS PROFUNDEZAS DAS ÁGUAS SURGE O ENCANTO

Consta neste capítulo a metodologia utilizada, desde o critério de escolha dos participantes, até os procedimentos de coleta e de registro de todas as narrativas encontradas. Bem como a análise das narrativas do boto e a das narrativas da cobra grande; um estudo sobre os narradores do Julião e o levantamento dos possíveis fatores que influenciam direta ou indiretamente na passagem dessas narrativas.

Os entrevistados foram divididos em quatro grupos, ao todo as idades compreendem de 7 a 75 anos. O critério de divisão dos entrevistados foi a idade. Isso ocorreu porque essas histórias, antigamente, eram narradas mais comumente pelos idosos, então se pensou na possibilidade de saber se os idosos estão narrando e, se sim, para quem? Se não, qual o motivo? Há uma idade em que as pessoas deixam de narrar as histórias, se sim, por quê? O que impulsiona ou o que impede as pessoas de repassarem essas narrativas?

Inicialmente não seria feita a diferença de gênero entre homens e mulheres, mas entre gerações diferentes, com o objetivo de averiguar se as narrativas eram transmitidas de pais para filhos ou de avós para netos, ou os dois. Mas na única família que foi entrevistada dessa forma, a mãe não quis gravar entrevista. Somente o neto e a avó, o que nos impediu de fazer um levantamento desse aspecto. Porém, posteriormente a isso, surgiu a pergunta: quem mais costuma repassar tais narrativas: são indivíduos do sexo masculino ou do sexo feminino? Há uma idade para começar a narrar?

Antes de aprofundar tais questionamentos, é preciso apresentar as informações sobre os entrevistados, coletadas entre os dias 15 e 17 de fevereiro de 2015. Abaixo constam quatro tabelas que trazem tais informações e classificam os quatro grupos de entrevistados de acordo com as seguintes faixas etárias: a partir de 60 anos; de 35 a 59 anos, de 18 a 34 anos, de 07 a 18 anos. Há somente dados referentes às pessoas que narraram alguma história, mesmo sendo curta. Dos 21 entrevistados, quinze narraram as histórias para a entrevista, o que representa 71,4% e seis não narraram, o que representa 28,6%. Essas seis pessoas fazem parte de três grupos: uma do grupo 01, com idade a partir de sessenta anos; três do grupo 03 com idade entre 18 e 34 anos; e duas do grupo 04 com idades entre 7 e 17 anos.

Tabela 1: Grupo 01, narradores a partir de 60 anos

<p>Sebastião Bonifácio dos Santos nasceu em 24 de outubro de 1940, no seringal Jacurapá, próximo ao município São Paulo de Olivença – AM. É pai de sete filhos. Estudou até a primeira série do Ensino Fundamental. Narra as histórias: do Amigo do Matin, da cobra grande e do boto.</p>	
<p>Albenaice Barbosa Veloso nasceu em 09 de julho de 1939, em um lugar entre o município de Tapauá e de Canutama – AM. Estudou até a quinta série do Ensino Fundamental. É mãe de sete filhos. Narra a história do boto vermelho e do curupira.</p>	
<p>Maria de Fátima Saboia Galvão nasceu em 29 de junho de 1953 no Seringal Santa Cruz, Rio Purus, Município de Lábrea – AM. É mãe de três filhos e estudou até a sétima série do Ensino Fundamental. Cita a narrativa do curupira, da cobra grande, do boto e narra a história da cobra grande, do boto e aparições na Comunidade.</p>	
<p>Antônia Ribeiro Barreiro nasceu em 06 de junho de 1942, no rio Purus, Lábrea. Estudou até a segunda série do Ensino Fundamental e é mãe de dez filhos. Narra a história de um ser que aparecia ao redor da casa onde morava na infância e do boto.</p>	
<p>Álvaro Oliveira Bastos nasceu em 26 de outubro de 1954, em casa, no Alto Rio Negro. Estudou até a primeira série do Ensino Primário. Aos nove anos chega em Manaus e vai para a Comunidade do Julião onde nasce a maior parte de seus irmãos. Narra as histórias do boto, do batedor de igarapé, do Pássaro, e várias da cobra grande, além da história do lugar.</p>	

Tabela 2: Grupo 02, narradores de 35 a 59 anos

<p>Maria Brenda Henrique dos Santos nasceu em 05 de julho de 1969, em Santarém – Pará. Concluiu o Ensino médio, é mãe de cinco filhos. Na infância não ouviu muitas histórias, mas afirma ter ouvido a do jurupari, a do príncipe, e narra a do boto e aparições de um cavalo branco na Comunidade.</p>	
<p>Ana Paula da Silva e Silva nasceu em 25 de março de 1976, em Belém – Pará. Está cursando o primeiro ano do ensino médio. É mãe de quatro filhos. Na infância ouvia muitas histórias contadas pela irmã que morou no Piauí, pelo tio, avô e por um primo. Narra a história da sereia, de um morro que geme e de um cavalo que vagueia na Comunidade.</p>	
<p>Josimar Pereira Pena, conhecido por Pintacuaia, nasceu em 09 de outubro de 1966 em Monte Alegre – Pará. Estudou até a primeira série do Ensino Fundamental e é pescador. É pai de quatro filhos. Na infância ouviu muitas histórias contadas pelo pai que também era pescador. Narra a história da cobra grande e a do Nonato – uma cobra grande.</p>	
<p>Raimunda Nonata Pereira da Silva nasceu em 05 de novembro de 1962 em Eirunepé – AM. Possui o Ensino médio completo. É mãe de três filhos. Na infância, ouviu muitas histórias contadas pela mãe à luz de lamparinas. Cita a história do sapo que virava príncipe, e narra a do boto, a da cobra grande, aparições de um cavalo branco, de uma mulher de branco, e de um senhor que virava Matinta Perera</p>	
<p>Ademir Rodrigues Rabelo nasceu em 11 de novembro de 1960, em Canutama – AM. Estudou até o a sexta série do Ensino Fundamental. Na infância não teve tempo de ouvir muitas histórias porque trabalhava desde as quatro da manhã e só chegava a sua casa à noite. Ainda assim, narra a história do boto cor de rosa contada pela mãe.</p>	

Tabela 3: Grupo 03, narradores de 18 a 34 anos

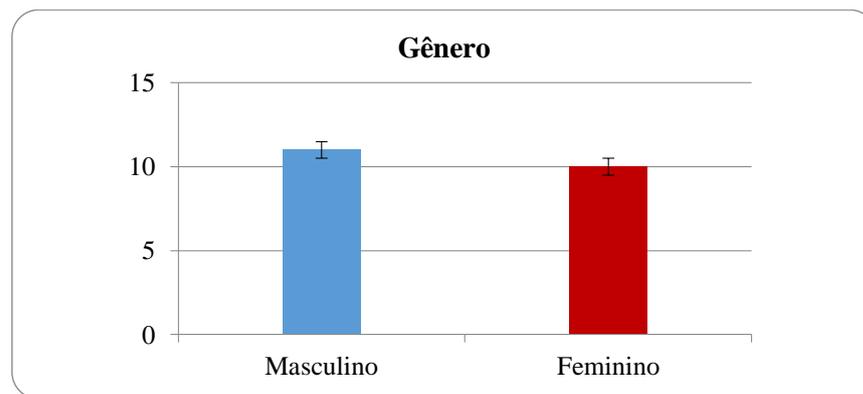
<p>George Monteiro Barreiros nasceu em 10 de fevereiro de 1991, em Manaus – AM. Está cursando Logística e não possui filhos. Na infância ouvia muitas histórias contadas pelo avô, pelo pai, pelas tias. Cita a da mula sem cabeça, a da Iara, a do saci pererê e a do boi de cara preta, esta última é narrada por ele em poucas palavras.</p>	
<p>Lucimar Moraes Rabelo nasceu em 02 de fevereiro de 1983, em Japurá – AM. Cursa o ensino superior em Pedagogia e possui três filhos. Na infância ouvia muitas histórias contadas pela cunhada, pela mãe e irmãs mais velhas. Cita a lenda da cobra grande, do Saci, da mula sem cabeça, e a do boto, esse ela tinha medo e narra a história.</p>	

Tabela 4: Grupo 4, narradores de 07 a 17 anos

<p>Luan Lima Monteiro nasceu em 28 de setembro de 2007, em Manaus – AM. Está na segunda série do Ensino Fundamental. E diz que ouve histórias contadas pelos pais e pelos colegas na escola. Narra a história do boto e a do curupira em frases. Dos pais afirma ter ouvido a dos três porquinhos. É filho de Miriam Lima Monteiro.</p>	
<p>Caio Silva da Silva nasceu em 03 de julho de 2001, em Manaus – AM. Cursa a sétima série do Ensino Fundamental. Ouvia muitas histórias contadas pelos avós e pelos colegas. Cita a do Boitatá, mula sem cabeça, uma de alguém que monta em cima do porco, a do curupira e a do boto, a qual narra em poucas palavras.</p>	
<p>Matheus Victor Galvão Bentes nasceu em 03 de setembro de 2006, em Manaus – AM. É neto de Maria de Fátima Saboia Galvão e cursa o terceiro ano do Ensino Fundamental. Afirma ouvir muitas histórias contadas pelo pai. Cita a do boto, do curupira, da lebre e da tartaruga. Narra a em poucas palavras a do boto.</p>	

Entre as informações apresentadas, os dados referentes ao gênero foram analisados, pois é necessário saber quem narra mais histórias na comunidade: a mulher ou o homem, e quem apresenta a narrativa com mais riqueza de detalhes. No quadro abaixo consta o gráfico que representa o número de todos os entrevistados, tanto homens quanto mulheres. É a partir dele que será feito o gráfico que representará só os indivíduos que narraram histórias.

Quadro 01: Gráfico da quantidade de entrevistados, classificados por gênero.



O grau de escolaridade é outro fator importante. Pergunta-se: quanto maior o nível de escolaridade, melhor a qualidade das narrações? Se sim, ou se não, qual o motivo? Como a escolaridade interfere nesse processo? Uma pessoa que possui mais conhecimento científico deixa de narrar as histórias?

O material coletado resultou em narrativas que estão devidamente catalogadas no Capítulo III, pois algumas estão fragmentadas nos apêndices. Todas as histórias coletadas estão em suporte audiovisual, e foram retiradas das entrevistas, destas, apenas uma só possui registro escrito. Algumas perguntas foram formuladas com base nas sugestões de Thompson (2006), que autorizavam a filmagem do trabalho e o uso da imagem dos participantes, e outras foram formuladas de acordo com a necessidade do objeto de pesquisa, durante as entrevistas.

É no questionário que consta a autorização dos participantes do uso de imagem na filmagem e no trabalho escrito, devidamente assinado. A apresentação prévia do trabalho e de seu objetivo, na reunião da associação, para os moradores foi fundamental para que houvesse voluntariedade nas participações.

Deve haver um formulário de consentimento que traz uma descrição do projeto, apenas umas cinco linhas, onde se lê a pergunta: “você autoriza que se utilize esta entrevista junto com o projeto?” Essa é a primeira pergunta. A segunda é: “você permite que seja arquivada para que outras pessoas a utilizem?” E a terceira: “você

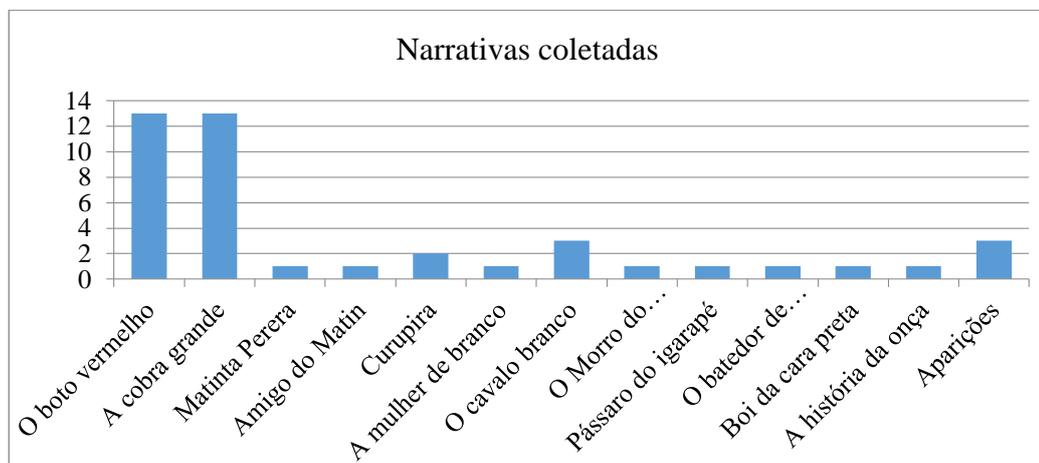
gostaria que seu nome fosse utilizado ou não?” Se o entrevistado assinar um formulário como este, o problema estará resolvido (THOMPSON, 2006. p. 39).

A partir dessas filmagens, desse registro em audiovisual, foi feito um produto contendo somente as narrativas retiradas das entrevistas. Em seguida estão os narradores e suas informações básicas coletadas entre os dias 15 e 17 de fevereiro de 2015 – datas em que ocorreram as entrevistas, para fins de identificação.

2.1 Narrativa oral na Comunidade do Julião

Muitas narrativas orais coletadas são bastante conhecidas no Amazonas, outras nem tanto. Com o objetivo de observar quais seriam as narrativas mais conhecidas pelos entrevistados, as informações coletadas resultaram no gráfico a seguir:

Quadro 02: Gráfico das narrativas conhecidas na Comunidade do Julião



Foram encontradas quarenta e duas narrativas nessa comunidade, sendo: treze sobre o Boto, treze sobre a Cobra Grande, duas sobre o Curupira, uma de um homem que se transformava em Matinta-perera, outra sobre o amigo do Matin, a lenda do boi da cara preta e a do batedor de igarapé. Seis aparições, sendo: três do cavalo branco na comunidade, uma da mulher de branco na comunidade, duas envolvendo um personagem não identificado. Uma narrativa de pássaro, outra de onça-pintada e duas lendas vindas do Nordeste: a do morro do gemedor e a do canto da Sereia. Destas, foram selecionadas para serem trabalhadas, nesta pesquisa, as mais conhecidas na comunidade: a do boto e a da cobra grande.

2.1.1 A narrativa do boto

A narrativa do boto é bastante conhecida na comunidade. Foram coletadas treze histórias, o que representa 30,95% do total de narrativas encontradas, inclusive foi narrada por duas crianças, das cinco entrevistadas, totalizando 40% do total do grupo 04. O boto é um animal cetáceo encontrado na região norte. É comum encontrá-lo no Amazonas e no Pará. São conhecidos por serem dóceis, amigos dos humanos, livrando-os inclusive de ataques de peixes carnívoros, caso haja alagamento de embarcações.

Para os moradores do Julião, o boto *se transformava em homem, em gente⁶, e se vestia como gente⁷. Um rapaz bonito de chapéu na cabeça.⁸, aí os homens ficavam tudo com inveja dele, queriam bater nele, porque ele ficava com as mulheres dos homens⁹*. Possuía a capacidade de se passar por uma pessoa para conseguir seu intento, e quando encontra o marido da vítima, transforma-se em *um homem igualzinho, a merma aparência dele, como se fosse ele¹⁰*. Em alguns lugares é bravo e ataca; em outros, é manso: *esses botos aqui até que num são tão brabo¹¹*. Uma vez age só, outras em bando: *era aqueles homens de branco, tudo bonito¹²*. Mesmo na forma de animal, não age instintivamente, ele pensa, *ele é um animal e acha que ele pode né¹³*.

As narrativas que foram coletadas começam por termos que as distanciam temporalmente do narrador e dos ouvintes. *Diz que antigamente, o boto né, aquele boto vermelho engravidava as mulhere né¹⁴*. Esse distanciamento não ocorre somente em relação ao tempo, mas também em relação ao lugar: *Tinha um casal que morava no interior. Falava né¹⁵*, o que é suficiente para colocar mais força no que é do interior em relação à cidade. Como mostra o trecho seguinte:

Até que esses botos aqui até que num são tão brabo como ele fala – põe pra cima. Mas lá onde ele morava, esses boto aqui, essas meninas moça assim não podiam entrar na água que os botos colocavam pra cima mesmo...¹⁶ Ao dizer que os botos que vivem distantes de Manaus são mais “brabos” do que os que vivem no entorno da cidade, deixa evidente a

⁶ Narrativa 25, p. 114.

⁷ Narrativa 6, p. 107.

⁸ Narrativa 4, p. 102.

⁹ Narrativa 41, p. 114.

¹⁰ Narrativa 23, p. 108.

¹¹ Narrativa 27, p. 110.

¹² Narrativa 33, p. 112.

¹³ Narrativa 16, p. 105.

¹⁴ Narrativa 6, p. 103.

¹⁵ Narrativa 23, p. 108.

¹⁶ Narrativa 27, p. 110.

comparação e a certeza dela de que os botos do interior do Amazonas fazem coisas que os do entorno de Manaus não fazem.

Propp (1997) assegura que essas primeiras palavras inserem o ouvinte numa atmosfera tranquila, porém ilusória. Tranquila por parecer distante, e ilusória por parecer que de nenhuma forma apresentará momentos de tensão para quem ouve. No entanto, isso não ocorre, pois a cada instante que passa as partes inseridas vão fazendo aflorar sensações inesperadas no ouvinte. Desse modo, elaboramos uma tabela contendo as primeiras palavras das narrativas do boto coletadas:

Tabela 05: As primeiras palavras das narrativas do boto

1.	Disse que tinha um boto que virava gente também né ¹⁷
2.	Quando eles saiam de casa, ficava só nós ¹⁸
3.	Fala que engravida a mulher né ¹⁹
4.	Morreu um amigo nosso lá ²⁰
5.	Diziam pra gente que o boto... ²¹
6.	Eu lembro assim... ²²
7.	O boto que diziam que antigamente... ²³
8.	O boto pegava a mulher ²⁴
9.	Tinha a fase da lua ²⁵
10.	Aqui, até que não tem muito ²⁶
11.	Quando ele se transformava ²⁷
12.	Tinha um casal que morava no interior ²⁸
13.	Diz que, antigamente, o boto né... ²⁹

¹⁷ Narrativa 4, p.102.

¹⁸ Narrativa 13, p. 104.

¹⁹ Narrativa 16, p. 105.

²⁰ Narrativa 10, p. 103.

²¹ Narrativa 39, p. 114.

²² Narrativa 42, p. 114.

²³ Narrativa 41, p.114.

²⁴ Narrativa 40, p. 114.

²⁵ Narrativa 33, p. 112.

²⁶ Narrativa 27, p. 110.

²⁷ Narrativa 25, p. 109.

²⁸ Narrativa 23, p.108.

²⁹ Narrativa 25, p. 109.

Das treze narrativas do boto, somente uma contada por uma criança, a oitava na tabela acima, não apresenta esse distanciamento explícito. Provavelmente, porque a criança envergonhada diante do estranho, do novo, não tenha conseguido contar, ou ainda não possua a preocupação de dizer se a narrativa é verdadeira ou falsa, numa forma de somente mostrar que já ouviu falar da narrativa e sabe identificá-la.

É importante frisar que essa narrativa foi contada somente nessas palavras da tabela, o que não possibilitou a presença de mais termos de aproximação a serem analisados. Mas o uso do verbo no pretérito imperfeito do modo indicativo esboça a certeza do que ocorria, embora a ação esteja terminada, assim, o boto que pegava, não pega mais, mas é certo que pegava, ocorrência distante de quem narrou.

Quanto à estrutura da narrativa, após o ouvinte ou o leitor ser inserido em um tempo distante dela, chega o período do Afastamento, que é a ocasião em que o pai a mãe ou esposo são afastados de casa, abrindo espaço ao inesperado. Esse Afastamento está presente neste segmento: *Quando eles saiam de casa, ficava só nós. O cachorro latia e...*³⁰ Dentro da estrutura do conto maravilhoso está relacionado à proibição.

Essa proibição geralmente é dada através de uma ordem. Essa ordem para a criança geralmente é dada pelos seus responsáveis quando saem de casa. Pedem a ela que não abra a porta a ninguém, pois a casa é um lugar que expressa segurança, embora seja parcial, pois a porta não faz seleção de quem sai ou de quem entra, simplesmente exerce sua função de passagem ao morador ou ao estranho. ... *aquele bicho saia pisando assim, parecia calçado de sapato: toc, toc. Arrudiando a casa e corria assim pra beira e caia n'água e buiava só o boto*³¹. Mas nessa narrativa foi a casa quem frustrou o ataque do boto aos que estavam dentro dela, e também impediu de ver a forma com que ele se apresentava em terra.

Mas quando são as crianças que saem de casa, os adultos limitam ou definem o caminho que deverá ser seguido por elas. Ainda assim, essa ordem parece ser dada para suprir uma ausência que poderia não existir, pois “de uma forma ou de outra os mais velhos sabem que um perigo ameaça as crianças” (PROPP, 1997, p.30), na ausência deles. E “obviamente são infringidas provocando às vezes com rapidez de raios uma horrível desgraça” (PROPP, 1997, p.30). A narrativa a seguir conta a história de um casal que vivia no interior: *E o marido dela todo dia saia pra trabalhar...*³²

³⁰ Narrativa 13, p. 104.

³¹ Narrativa 13, p. 104.

³² Narrativa 23, p. 108.

Essa saída do marido para trabalhar representa a Proibição relacionada com o Afastamento, porque marido é sinônimo de proteção para a esposa, assim como o pai o é para uma criança, embora a ordem não tenha sido dada. Dessa forma, o marido, quando se ausenta da casa, deixa a mulher vulnerável a qualquer tipo de dificuldade ou até mesmo de sofrer algum mal com consequências vitalícias. Lembremo-nos dos personagens Adão e Eva no paraíso. Adão deixou Eva só, o que a tornou vulnerável aos planos da serpente que deu a ela o fruto proibido, trazendo para si e para as gerações futuras a consequência da desobediência: a morte.

... e quando ele voltava, ela sempre perguntava:
 – Mas tu não tava aqui ainda agora?
 – Não. Cheguei aqui agora³³

Embora esteja implícito na narrativa, o antagonista está fazendo visitas à esposa do protagonista. Essas visitas costumeiras são possibilitadas pelo poder do maravilhoso em que ele toma a forma do marido a fim de ludibriar a mulher. E ela cede aos encantos dele julgando ser seu marido. Eis aí um Dano, que é o nó da intriga.

O marido que se ausenta da casa parece desapercibido, embora mais tarde ele atente para as mudanças comportamentais da mulher: *Ele começou a notar ela ficar pálida assim*³⁴. Nesse instante surge a dúvida, pois, sua esposa de saudável ficou pálida, e certamente essa mudança repentina não ocorreu naturalmente, o que teria ocorrido? Ao surgir a dúvida aparece com ela a necessidade da verdade. “A verdade depende de um encontro com alguma coisa que nos força a pensar e a procurar o que é verdadeiro”. (DELEUZE, 2010, p. 15). Era preciso descobrir o motivo da mudança, esse motivo certo era a verdade ainda oculta. Quanto à estrutura do conto, essa necessidade da verdade é chamada de Carência.

O ser humano, ao sentir essa necessidade, sai de sua zona de conforto em busca de mecanismos que o faça se sentir saciado, nesse caso o prazer da descoberta. Então, acometido pela curiosidade, o imaginário deixa florescer tais mecanismos. Passa a idealizar a vitória da descoberta; com isso, o protagonista toma a mesma atitude do suspeito: *Aí um dia ele pegou disse que ia trabalhar e não foi né, ficou escondido. Aí quando ele saiu, que ele ficou escondido...*³⁵. “O protagonista utiliza, às vezes, os mesmos meios do malfeitor quando este causou o dano inicial” (PROPP, 1984, p. 51), pois o malfeitor, embora esteja implícito no texto, esperava o marido sair para agir.

³³ Narrativa 23, p. 108.

³⁴ Narrativa 23, p. 108.

³⁵ Narrativa 23, p. 108.

Nesse momento, quem escuta a narrativa, ainda que afirme não acreditar no encantado, já espera ansioso que o marido descubra o que está acontecendo, embora o ouvinte já saiba, já tenha ouvido a mesma história anteriormente. Então, *ele viu, um homem igualzinho, a merma aparência dele, como se fosse ele*³⁶.

Ao observar que o homem que visitava sua mulher em sua ausência tinha a mesma aparência dele, redimiu-a de qualquer possibilidade de culpa, sendo óbvio que ela não teria poderes suficientes contra o encantado. Ela mesma não tinha conhecimento do que se passava com ela. Então, após ter eximido a mulher da culpa, *foi lá né, chegou com a mulher dele e ela fazendo a comida lá pra ele, tudo bem. Daí depois, ele ficou prestando atenção. Aí diz que depois, demorava um pouco lá, aí ele escutava aquele barulho pra dentro da água né.*³⁷ Então, o marido começa a fazer perguntas à esposa, cujas respostas indiciam que ela está sendo encantada pelo boto. Aos poucos, a dúvida começa a ser sanada, logo dando espaço à certeza de que o oportunista é o boto.

Após se deparar com um homem igual a ele, o marido reage, e enfrenta o animal. Todavia o combate não foi corporal. Ele age somente se utilizando de estratégias:

- Vamos fazer uma armadilha? Isso daí deve ser o boto. Eu vou fingir que vou embora e vou me esconder, tu pega um monte de alho né, e bota bastante, bastante alho na comida.
- Tá, tá bom³⁸.

A mulher, de vítima passa a auxiliar e combate junto ao herói. É ela quem é a isca para pegar o antagonista. É ela quem pega o alho e coloca na comida, a fim de expor o ser existente que se passava pelo marido.

Surge nesse instante um objeto que vai ajudar o marido a acabar com o mal. Propp (1997, p.45) afirma que “Os objetos com que o herói se equipa são muito diversificados: podem ser: pão seco, dinheiro, um barco com marinheiros bêbados, uma tenda, um cavalo”. Geralmente são objetos comuns que se tornam mágicos na mão de alguém, cheios de poderes, como uma varinha de condão na mão de uma fada, que tem o poder de transformar ambientes, roupas, animais etc. Não se pode esquecer-se da vara de Arão (Êxodo 7: 9-12), capaz de se transformar em serpente, e capaz de transformar água em sangue (Êxodo: 20).

Nesse caso o objeto mágico é o alho, um elemento comum na cozinha brasileira. Ele aparece bastante em filmes de vampiros e de demônios, e junto da água benta é como um

³⁶ Narrativa 23, p. 108.

³⁷ Narrativa 23, p. 108.

³⁸ Narrativa 23, p. 108.

poderoso exterminador do mal. É possível observar que muito ainda se tem fé em objetos e plantas sagradas, amuletos capazes de quebrar encantos como o alho citado acima, por exemplo. Com o alho, o boto foi revelado, pois é um elemento mais forte do que os utilizados pelo homem contra o que não é encantado. Após obtê-lo, tudo se torna mais fácil e encaminha a narrativa para o fim.

Essa história não traz um boto que se transforma num homem de branco, bonito e com um chapéu na cabeça, mas consegue se transformar em um homem igual ao marido da personagem que morava na margem do rio: *Aí quando ele saiu, que ele ficou escondido, que ele viu, um homem igualzinho, a mesma aparência dele, como se fosse ele...*³⁹. Esse fato não foi observado em nenhuma outra narrativa coletada e nem das obras escritas citadas no capítulo I, com exceção ao filme *Ele, o boto*. Essa ficção traz um episódio onde o boto se transforma em um turista que desembarca na pequena cidade e vai ver as terras de Rufino, marido de Tereza, que busca mudar-se do local para ver a mulher livre do encanto do boto. Mas sem saber, conversa com o boto e o leva para ver sua casa e redondezas. No meio de um lago, o suposto turista pula n'água e some, e quando surge das águas já está em forma de boto. Então, Rufino atira na direção dele com o intuito de matá-lo, e acabar com o mal, mas não consegue, pois o boto, na condição de encantado, não é atingido por objetos que matam no mundo real, como arma de fogo, por exemplo, por isso não morre. Ademais, nas outras histórias coletadas o boto se transforma em um homem de branco muito bonito encantando as mocinhas, ou tem o poder de encantar as pessoas e levá-las para o fundo do rio, para sempre.

Porém, o boto encantado muito conhecido na Amazônia não morre. Todas as vezes que sobe para a terra tem um objetivo: encantar mulheres. Nessa narrativa, a mulher apenas empalideceu, o que parece que o esposo obteve a vitória sobre o animal, no entanto, somente parcial, pois ela não aparece grávida como as demais. E não é levada para o fundo do rio, tendo o sumiço certo no mundo dos vivos. No entanto, o trecho: *mas tu tá acostumado sair e voltar. Quase todo dia tu diz que vai e não vai*⁴⁰ deixa transparecer as costumeiras visitas do animal à esposa do protagonista, o que mostra que seu intento de copular foi alcançado.

*Aí foi, quando o outro cara chegou né, que era o boto, a mesma feição dele. Aí ela deu a comida. Ele saiu doido correndo, se batendo, thobom dentro d'água. Aí ficou, metade homem metade boto*⁴¹. O processo de transformação também não aparece descrito. *Aí só via*

³⁹ Narrativa 23, p. 108.

⁴⁰ Narrativa 23, p. 108.

⁴¹ Narrativa 23, p. 108.

ele sumir na beira do rio né. Aí boiava lá no meio já... beeei... Era ele!⁴² e corria assim pra beira e caia n'água e buiava só o boto⁴³.

Mas o homem entra na água, some, e quando emerge, já está transformado, sendo que nessa história essa transformação é parcial, assim como no trecho: *Morreu um amigo nosso lá afogado disse que foi o boto que encantou né. Aí do mei pra cima gente, pra baixo boto, num rio que chama rio Passiá, na boca do rio Passia⁴⁴.* Nesse trecho é possível observar a inserção da história ao cotidiano. O encantado tinha sofrido metamorfose apenas numa parte do corpo: da metade para cima prevalece o humano, e da metade para baixo, o animal.

Nas demais narrativas há um desfecho bem diferente: o cetáceo vai às festas, encanta as mulheres e dorme com elas, engravidando-as, gravidez citada algumas vezes; em outras narrativas, apenas subentendida, conforme os trechos abaixo, respectivamente:

Quando eles saiam da água, era aqueles homens de branco, tudo bonito, e iam dormir com as moças que moravam próximo do rio. Quando era com um tempo né, as meninas apareciam grávida⁴⁵; E em: Então as mulheres dançavam com ele e eram encantadas né?⁴⁶

Ou levava as pessoas para o fundo do rio e estas nunca mais voltavam. *E essa pessoa sumia. Se encantava junto com ele e ele tomava de conta, não voltava mais⁴⁷.*

Em duas das treze narrativas, o boto sente quando a mulher está em seu ciclo menstrual. *As meninas não podiam chegar na beira d'água quando tava no tempo do seu período né⁴⁸, e em e no tempo da menstruação dela o boto ataca a mulher⁴⁹.* Esse ciclo deixa a mulher mais sensível, mais vulnerável a mudanças repentinas de comportamento, e marca um período de interdições, onde certas comidas, brincadeiras e atitudes devem e são evitadas. E essa não é uma época propícia para a mulher engravidar, mas para o encantado tudo é possível.

O espaço-físico não ganha uma descrição minuciosa, só é possível depreender que tudo o que ocorre está inserido no espaço entre uma casa e um rio. Propp (1997) assegura que essas narrativas antigas não apresentam este detalhamento do espaço. Mas a paisagem dessas comunidades ribeirinhas não deixa faltar nessas narrativas esse espaço, embora não seja

⁴² Narrativa 4, p. 102.

⁴³ Narrativa 13, p. 104.

⁴⁴ Narrativa 10, p. 103.

⁴⁵ Narrativa 33, p. 112.

⁴⁶ Narrativa 39, p. 114.

⁴⁷ Narrativa 25, p. 109.

⁴⁸ Narrativa 27, p. 110.

⁴⁹ Narrativa 16, p. 105.

citado, é bem presente, no imaginário do povo, imagens da beira do rio com casinhas próximas à margem e distantes entre si, e muito verde por todos os lados. As treze narrativas coletadas têm uma única sequência e a narrativa contada por Maria Brenda foi a que apresentou maior quantidade de elementos estruturais, onde o marido consegue salvar a sua mulher dos encantos do boto, mas certamente será dada continuidade nessas investidas em muitos vilarejos, comunidades e pequenas cidades do interior deste Estado do Amazonas.

2.1.2 A narrativa da cobra grande

Essa narrativa, assim como a do boto, é muito conhecida na comunidade estudada e é bem compartilhada entre as pessoas. Ao todo foram coletadas treze versões dela, representando 30,95% da quantidade de todas as narrativas coletadas. Na tabela a seguir consta a descrição da cobra feita pelos narradores do Julião.

Tabela 06: A descrição da cobra grande pelos narradores do Julião

1	Quando ela enrola, ela não solta não, você pode carregar ela pra onde quiser e ela não solta. [...] tinha três metros ⁵⁰ .
2	A cobra quando ela quer sentir, ela começa a mexer a língua né ⁵¹ .
3	Aí quando foi de manhã tava na lama assim um rastro mais ou menos aqui assim (mostrou o tamanho utilizando o corpo mais ou menos um metro de largura). Tipo de um animal grande assim ⁵² .
4	Ela saiu desse local e se formou o lago, e o lago ficou o nome dele é Lago do Arrombado, porque a cobra que arrombou ⁵³ .
5	Aí ele contava da história Nonato Cobra Grande ⁵⁴ .
6	Diz que a cobra quando ela é grande, ela foca que nem quase carro. [...]. E é cobra grande né, não é coisa pequena não ⁵⁵ .
7	Perto de Agrovila, morava um senhor lá [...] que ele virava cobra ⁵⁶ .
8	Ela saiu pro outro lago, uma saída assim da largura dessa casa... [a largura da casa é de 4,5 metros segundo o morador] ⁵⁷ .
9	– Rapaz, isso não é navio não, isso é cobra. Porque ela se transforma ⁵⁸ .
10	Mas ela, quando dá seis horas, ainda tá assim, no meio do rio, atravessada. [e faz a largura da cobra com os braços] Isso daí eu vi! Cobra grande é grande, assim de uns 50 metros. [...] ⁵⁹

⁵⁰ Narrativa 17, p. 105.

⁵¹ Narrativa 20, p. 106.

⁵² Narrativa 19, p. 106.

⁵³ Narrativa 34, p. 113.

⁵⁴ Narrativa 32, p. 112.

⁵⁵ Narrativa 32, p. 112.

⁵⁶ Narrativa 26, p. 110.

⁵⁷ Narrativa 3, p. 101.

⁵⁸ Narrativa 1, p. 100.

⁵⁹ Narrativa 3, p. 101.

11	Na beira do rio tinha uma pedrona, de noite, seis horas da tarde ela tava, quando foi de noite num tava mais ⁶⁰ .
12	Levantou o banheiro assim e ela dá o foco né, os olho dela... ⁶¹ .

Somente uma narrativa não descreve a cobra, provavelmente por ser curta. Trata-se da narrativa 18⁶², que fala sobre a formação do Lago do Arrombado contada pelo seu Álvaro. Segundo os narradores existem várias cobras e em vários lugares: no Rio Negro, na REDE Tupé, no Lago do Panelão,⁶³ no município de Lábrea etc. Os tamanhos variam tanto em largura quanto em comprimento, na maioria das vezes exorbitantes, e os olhos são como faróis de carro. Umas são encantadas, conseguem se transformar em barcos, outras são pessoas que viraram cobra; são destemidas, têm o poder de formar lagos, igarapés, virar embarcações e raciocinam para tanto. Na Amazônia delimitam caminho: *O motor não passa por lá*⁶⁴. Mas começaremos pela cobra real.

Sabe-se que há uma cobra real, a cobra sucuri, que apresenta estrutura física considerável. Seu Álvaro conta abaixo um episódio pelo qual passou:

Eu consegui matar aqui com seis, sete metros. Grande! Antigamente pra fazer uma criação de pato como hoje aí no Igarapé tem o pessoal que cria pato lá, e era fácil de sumir pato rapidinho. Numa ocasião nós tava... O papai tinha chegado do trabalho, tava bem olhando pro rio assim, tinha uma bóia né os pato ficava tudo em cima, aí de repente um sumiu. Aí ficou aquela borbulha no fundo assim. Aí ele chamou meu irmão, me chamou, aí tiramos um cambito, aí fomo lá, aí puxamos. A sucuri tava enrolada com a pata. Quando ela enrola, ela não solta não, você pode carregar ela pra onde quiser e ela não solta. Aí matamos ela, tinha três metros⁶⁵.

O homem do campo desenvolve no decorrer de sua vida mecanismos de defesa de sua família e de seus pertences. Na natureza está a escola que lhe ensina o caminho a trilhar. O perigo oculto nas águas e nas florestas deixa esse homem o tempo todo atento a todo movimento em seu redor. Seu Álvaro é um exímio narrador das peripécias da cobra, e conhecedor do comportamento delas. Leiamos a narrativa abaixo:

Eu já encontrei uma cobra dentro... Numa cabeceira, onde a água dava aqui assim [mede na canela, a um palmo do chão]. Eu pisava e a água molhava só aqui assim. Tinha um pé de buriti. Eu saí de casa pra ir ver se tinha caça lá né, matá caça pra alimentar os filhos. Aí chegando, antes de chegar no buritizeiro com 200 metros

⁶⁰ Narrativa 9, p.103.

⁶¹ Narrativa 8, p. 103.

⁶² Narrativa 18, p. 105

⁶³ biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/mapas/GEBIS%20-%20R...

⁶⁴ Narrativa 3, p. 101.

⁶⁵ Narrativa 20, p. 106.

assim, eu escutei a cutia se espantar né, aí aquela coisa veio na minha cabeça assim: ela não me sentiu que eu tava parado e uma distância longa né.

Aí eu já fui meio assim, com suspeita assim de que existia algum bicho por lá né. Aí eu passei, travessei por onde era a areia. Só que o buriti ficava dessa altura assim aonde dá buriti, onde o bicho come, principalmente a anta come né, fica só aquele lamaçal assim. Mas eu olhei, a lama tava certa assim, não tinha vestígio de nada.

Quando eu cheguei próximo assim, mas eu sempre com a espingarda aqui né nessa direção, olhando. E aí eu dei com aquela coisa lá. A cobra quando ela quer sentir, ela começa a mexer a língua né. Ela tava toda coberta isso dela assim, só o narizinho de fora assim sabe. Aí eu pensei que ela era assim[fez um tamanho pequeno com a mão]. Eu fui por trás do buriti, me agarrei no buriti, peguei um facão que eu usava bem amolado assim, cortei assim, partindo a cabeça dela. O que resultou que a lama todinha que eu via lá, tinha cobra embaixo. Ela era assim ó [fez com a mão um tamanho maior].

Aí sempre quando meus filhos andam na floresta eu digo olha: quando vocês chegarem na área de buriti, de chavascal, vocês usem a cabeça. Vão prestando atenção que existe isso aí. Quem diria que existia um animal daqueles naqueles confins, longe né. Que sucuri, a gente vê mais na água grande né. Aí ela foi se posicionar lá dentro né. Aí quando eu cortei a cabeça dela, ela começou a se mexer assim, aí ficou toda fora. Mas era grande, eu não consegui, peguei no rabo dela assim né, pra ver se eu puxava, mas não consegue. É muito peso⁶⁶.

Talvez um homem que não conhecesse a floresta e o comportamento da cobra, não tivesse obtido o mesmo sucesso de seu Álvaro sobre o animal. Esse conhecimento adquirido com o tempo transformou-se em sabedoria para os filhos. A sabedoria é a arte que surge das práticas do cotidiano. Arte que exercita o poder de pensar, refletir e melhorar as próprias práticas. Com isso é possível ser criado pelo homem do campo um manual de sabedoria, de conselhos a partir do que deu certo e do que não deu. E mesmo a voz desse homem que conduz tamanha sabedoria seja fixada em um livro ou em outro suporte, no dia em que for lida, revelar-se-á, transmitir-se-á, conforme assegura Zumthor (2010, p. 296), e alcançará a sua finalidade: a arte de tornar sábio aquele que a deixa entrar no profundo da alma.

Porém sabe-se que maior do que a cobra real é a cobra imaginária. O imaginário, segundo Laplatine e Trindade (1997, p.80), é:

Um processo cognitivo no qual a afetividade está contida, traduzindo uma maneira específica de perceber o mundo, de alterar a ordem da realidade. [...] A realidade consiste nas coisas, na natureza, e em si mesmo o real é interpretação, é a representação que os homens atribuem às coisas e à natureza. Seria, portanto, a participação ou intenção com as quais os homens de maneira subjetiva ou objetiva se relacionam com a realidade, atribuindo-lhe significados. Se o imaginário recria e reordena a realidade, encontra-se no campo da interpretação e da representação, ou seja, do real.

A imagem da cobra que carregamos conosco vem de datas longínquas. No próprio Gênesis (3: 1-20), ela induziu Eva a comer do fruto proibido, sendo vista a partir daí como

⁶⁶ Narrativa 20, p. 106.

astuciosa. Em alguns casos recebe asas e expele fogo, como “na cidade de Bom Jesus da Lapa, na margem do rio S. Francisco, na Bahia” (CASCUDO, 1983, p. 250). Essa história é apresentada numa reedição de *Lendas Brasileiras*, de Câmara Cascudo, onde ela, emplumada, vivia num morro agitando suas asas sem parar, a fim de que elas crescessem e assim pudesse deixar a cova devorando a todos sem hesitar. “Muita gente ouvia-lhe o ronco cavernoso e ameaçador, avisando o perigo fatal e terrível” (CASCUDO, 2010, p.53).

No fim do século XVIII, chegou à gruta Frei Clemente. Este após reconhecer o canto da serpente, pediu que os fiéis rezassem o “Ofício de Nossa Senhora” e assim, ao findar cada oração, uma pena do animal cairia e não nasceria outra no lugar, benevolência cedida pelo poder da súplica. Todos os dias muitas orações eram feitas. Com isso, a serpente morreu. Abriram a cova, mas não havia rastro algum dela. “Ainda hoje, quem visita a Lapa do Bom Jesus, à margem direita do São Francisco, verá a entrada da cova onde a serpente emplumada viveu para matar, e desapareceu, vencida pelo ofício de Nossa Senhora” (CASCUDO, 2010, p.54).

A cobra é muito ligada ao cunho religioso, e foi capaz de retardar o tempo em muitos lugares, incluindo muitas comunidades deste Estado, onde as pessoas, mesmo exaustas do dificultoso trabalho no campo, precisavam ir à igreja fazer suas petições, dessa forma afastariam de si o furor das forças do sobrenatural. No Nordeste, por onde começou a exploração do Brasil, as histórias dos portugueses foram se misturando às do nativo. No Rio Grande do Norte, por exemplo, há uma narrativa conhecida como *As cobras da Lagoa de Estremoz*, citada por Cascudo (1983).

Na história, um aldeamento abandonado começou a ser povoado de lendas e assombrações. Duas cobras moravam em uma lagoa. Uma era boa e a outra era má. Essa última devorava os banhistas da lagoa e se livrava dela os que atravessavam a lagoa e se apegavam a São Miguel. Essas cobras eram “duas crianças pagãs que os índios jogaram dentro da lagoa, a conselho dos pajés para que os Padres não as batizassem. Viraram cobras e estavam cumprindo penitência...” (CASCUDO, 1983, p.252). Um padre foi até a lagoa falar com as cobras, em nome de Deus, e ordenou que comparecessem à missa para receberem a bênção divina. A cobra fêmea compareceu e recebeu a bênção, depois disso passou a viver tranquilamente na lagoa, algumas vezes deixando aparecer seu dorso. A cobra má, o macho, não obedeceu, por isso foi excomungado pelo padre em latim. Depois disso nadou para o outro lado da lagoa, adentrou a floresta, deixando seu rastro por onde passava.

No Pará, história bem parecida com a supracitada é a de Norato, ou Honorato, que tem uma irmã por nome Maria, nomes de origem latina. Dessa vez não são jogados no rio porque

o pajé não quer que sejam batizados, mas porque são filhos do boto. O rio era o Tocantins, onde as crianças ficaram encantadas. Maria era “um verdadeiro demônio afogando banhistas, fazendo afundar embarcações, assombrando viajantes. O irmão, cansado de suas maldades, matou-a (CASCUDO, 1983, p.254). Já Norato conseguia sair das águas na forma de um rapaz bonito que dançava nas festas e conseguia conquistar a todos. Em uma única noite conseguia ir de uma cidadezinha a outra, e sua pele ficava de prontidão às margens do rio. Para que ele deixasse de ser encantado e virasse homem de vez, era preciso que alguém corajoso lhe jogasse leite, cortasse a cabeça dele até que pingasse umas gotas de sangue, isso enquanto ele estava fora da pele da cobra. Até que um dia alguém corajoso assim o fez, então ele passou a ser livre e sumiu dos rios.

Essa história é muito contada no Pará, mas ela difere da anterior, pois é acrescentada nela a briga dos irmãos até a morte de um – o que representa o mal. Já na anterior, era a cobra macho quem morria como consequência da desobediência ao padre, pois este era a representação da voz de Deus na terra. Na comunidade do Julião, Josimar contou como seu pai contava, mas fazendo suas próprias modificações, a história de Nonato Cobra Grande:

Aí ele contava da história Nonato Cobra Grande. Que cresceram, cresceram, aí começaram a brigar, começaram a brigar. Aí ele foi. Saiu pra casa da mãe dele e disse:

– Mamãe, eu vou brigar com a mana, e vou ver se domino ela. Porque ela é maior do que eu e tá comendo até gente, e eu não quero que ela faça isso.

– Não meu filho, ela tá maior de que tu. Ela vai te matar, cuidado!

– Não, mas eu consigo!

E brigaram, e brigaram, e quando amanhecia o dia, a água tava toda toldada. Eles brigaram. Ela [a mãe] já tinha até medo de a família dela ir pra beira por causa disso. Até que quando foi um dia ele chegou e disse:

– Mamãe, dominei ela. Eu vou matar ela. Ela já tá muito cansada e eu vou matar ela.

Até que quando foi um dia, ele conseguiu dar fim dela né. Aí ficou só ele. Aí ele foi e virou um cobraão e num apareceu mais em casa, pra lá ele ficou. Até hoje ele nunca mais apareceu⁶⁷.

E nessa história, o narrador conta a história de dois irmãos, um macho e uma fêmea. Em relação a narrativa conhecida no Pará, foi alterado o nome de Norato para Nonato. Foi omitido o início, onde a mãe joga os filhos no rio porque eram filhos de boto. Também foi omitida a parte em que havia o duplo, pois Nonato não assume a forma de homem como ocorre com Norato, pois, este deixa a pele da cobra no rio enquanto dança. E no desfecho a cobra-macho não se desencanta, com o leite e o próprio sangue, mas some de vez no rio. É acrescentada no enredo a palavra toldar, muito conhecida por moradores ribeirinhos, por ser

⁶⁷ Narrativa 31, p. 111.

algo comum nos rios da Amazônia – é quando um banhista adentra a água, em algumas partes, sobe uma camada de sedimentos depositados nos rios. Nessas três narrativas, é evidenciada a força soberana do bem contra o mal.

Em relação ao surgimento da cobra como metade sendo homem e metade animal, como ocorre com o boto, não houve. Quanto a esse processo, o mais parecido foi a história narrada por Ademir, mas nela a transformação do homem em cobra ocorre por completo, conforme o segmento na próxima página:

Eu já ouvi, um tempo aí, uns comentários aqui de ali na fazenda Portugal, lá em cima, perto de Agrovila, morava um senhor lá, que num sei o porquê de acontecer isso, mas diz que ele virava cobra. Aí diz que certo dia houve uma confusão na comunidade do São Sebastião e com esse homem, só que ele só virava cobra, mas ele só tinha esse coisa de virar quando ele tava pelo meno com os pés dentro d'água porque senão ele não tinha esse coisa. Isso daí é o que me contaram né⁶⁸.

Essas histórias vêm sofrendo modificações, ainda que poucas. Entretanto, acontece de acordo com o interesse dos povos, da vida em sociedade. A respeito disso Elíade (1991, p. 21) diz que “A atualização dos símbolos e dos mitos não é mecânica: ela está relacionada às tensões e às mudanças da vida social, e em último lugar, aos ritmos cósmicos”. Josimar, por exemplo, já conta o que foi lhe contado pelo pai e sobre o atualizar da narrativa diz: *E é uma história grande isso daí. Aí meu tempo era pouco pra contar direito né, aí não posso mais nem lhe explicar mais como terminou a história.* Assim, não precisa se comprometer com a verdade, se a forma que contou ao ouvinte, foi igual à que recebeu do pai.

Ainda sobre a oração dos fiéis ter poder sobre esse monstro aquático, vê-se isso em muitas cidades como: Fortaleza, Belém, Óbidos, Parintins, Manaus, Lábrea. No município de Parintins, dizem que é base de sustentação da ilha e no dia em que se mexer tudo irá afundar. Os antigos moradores de Manaus também diziam que, nesta cidade, ela vivia no Centro, precisamente, embaixo da igreja da Matriz, e quando alguém sumia no porto é porque tinha sido engolido pela cobra.

Em Lábrea ela aparece fazendo destruições como narra dona Fátima:

Diz que foi assim, Cínthia, umas seis horas da tarde, a valência é que eles não tavo. Arriou assim como arria o barranco, diz que de uma vez, a dela, a do filho dela, que não enxergava nem cumieira, nada, nada, nada. Ela perdeu tudo, tudo, tudo. Foi lá na terra firme do Passiá [localizado em Lábrea – AM]. Diz que a da Gorete ficou assim, mais de semana tudo vermelho. Aquilo só borbulhando, tudo vermelho. Tu já pensou, três casas, que era dos dois filhos dela e dela acontecer isso? Você num vê

⁶⁸ Narrativa 26, p. 110.

casa, num vô cumieira da casa, Cínthia. Num vô talba, num vô nada, que sumiu. Pois é. Foi⁶⁹.

A mistura com o cotidiano fortalece o imaginário, a existência da cobra grande, e se torna uma realidade nos rios amazônicos. Alguns acontecimentos onde as famílias perderam posses e entes queridos são conservados na memória de muitas pessoas, como Fátima, que conta essa história vivenciada por alguém que possui nome, a irmã dela.

Esse cair de terras e gerar um ruído estrondoso é comum em lugares às margens de rios como o rio Purus – afluente do Solimões, cuja correnteza é forte, e recebe o nome, na Geografia, de fenômeno das terras caídas. Sobre esse fenômeno, Rangel (2008) representa a dor da perda do homem caboclo num de seus contos da obra *Inferno Verde* através de uma família cujos personagens são: José Cordulo, Rosa e seus três filhos.

Cordulo determinara, não obstante, partir, e enquanto esperava que se aprontassem Rosa e os filhos, tragava com pachorra a fumaça do cigarro [...]. De súbito, todos ouviram na serenidade ambiente um fragoroso ruído tonitruante, qual o de longínquo trovão rimbombando. – Há de ser “terra caída”, observou o velho Pacu. E todos confirmaram a explicação do compadre. [...] Aproximada mais a montaria da beira, o Cordulo reconheceu estar de fato bem defronte à sua posse. Mas a terra desabada fizera desaparecer toda a frente, com a mongubeira, a barraca, o curral, as laranjeiras. [...] Escapara o Cordulo de um alçapão, com o prejuízo de cinco anos de trabalho incessante. Tanto esforço, dia a dia, hora a hora, e os sonhos, o suor e os seus bens aniquilados com o absurdo – o sumiço da própria terra! (p. 65 - 67).

Esses episódios alimentam o imaginário dessas comunidades, e apesar de serem casos isolados, alcançam a memória individual, saem desse espaço para o repertório coletivo do povo, para dele sair novamente retornando ao indivíduo. São renovados pela própria geografia do lugar, e mesmo distante de lá, continuam bem vivos e guardados no maior arquivo humano – a memória, esperando um novo ou antigo ouvinte. Dona Fátima conta com veemência o ocorrido, “é a voz e o gesto que propiciam uma verdade” (ZUMTHOR, 1993, p. 165), e, segundo ela, é algo conhecido no lugar, mas não o fenômeno com o nome científico que possui, e sim a atitude da cobra de destruir lugares por onde passa.

O lugar parece mudar, as vítimas também, mas o vilão é o mesmo, as ações permanecem as mesmas. Por isso, faz o ribeirinho temer certos horários, pois é no escuro da noite e do rio que ela se esconde.

O vovô Francisco contava que uma vez ele foi, eles foram pra Lábrea e a cobra grande atacou eles no rio. Que levantou o banzerão e quase que ela pega eles nessa história. Por isso que ele não gostava muito de sair à noite. Levantou o banheiro

⁶⁹ Narrativa 12, p. 104.

assim e ela dá o foco né, os olho dela. Foi um milagre, aí foi baixando, baixando, aí era ela. A gente diz que é história, mas é verdade. Pela gente mermo, a gente vendo⁷⁰.

Fernandes (2002, p.53) diz que:

Uma forte característica do relato oral é a mistura de tempo no desenrolar dos fatos. O cotidiano confunde-se com o passado, a história de cada um incorpora vivências dos ancestrais. O tempo é, como na narrativa moderna, um amontoado de lembranças e vivências, não há uma linearidade na memória. Quando o narrador se refere ao que acontecia “antigamente”, não se pode afirmar que ele viveu tais experiências, mas elas são parâmetros de que se vale para explicar seu mundo de hoje.

Essas ações da cobra fazem o homem ribeirinho mudar de hábitos. Sendo assim, evita andar no rio à noite, pois nesse horário o encontro é quase certo. Não se pode esquecer de que é do rio que esse homem extrai os peixes necessários para sua sobrevivência. E mesmo que não seja vista, para o ribeirinho a cobra permanece lá, fica escondida por baixo dos banheiros⁷¹, e as forças das águas dependem do remexer dela. Quanto maior seu corpo, maior as ondas e os estragos causados por ela. Nessa narrativa, os olhos da cobra focam como carro, assim também como em: *Quando eu pensei que não, ela buiou já mei distante. A gente só viu o foco. Diz que a cobra quando ela é grande, ela foca que nem quase carro né*⁷².

Em outros casos, citados pelos narradores do Julião, ela se transforma em barco:

Antigamente meus pai contavam que nesse Solimões, andavo quando era assim umas duas horas da madrugada, uma hora saia aquele barco bonito subindo o rio né?. Aí o cara dizia:

– Lá vem o navio e saiu. Vamos trocar a banana com a bolacha né?

Aí saíram pra lá. De longe o cara viu que era uma pintura tipo cobra, aquelas mancha grande.

– Rapaz, isso não é navio não, isso é cobra.

Porque ela se transforma⁷³.

Nessa narrativa, o ofídio parece ser mais uma pintura trazendo em si resíduos de uma vivência sofrida e esquecida da época da borracha. Segundo Edinea Dias (1999, p. 41), nessa época, as mercadorias eram transportadas pelos regatões em embarcações conhecidas por batelões, que saiam de Manaus e iam até os seringais, onde eram recebidas pelos donos dos seringais. Estes repassavam os produtos por preços absurdos aos seringueiros, de tal forma que a conta parecia não acabar.

⁷⁰ Narrativa 8, p. 103.

⁷¹ Onda aquática.

⁷² Narrativa 32, p. 112.

⁷³ Narrativa 1, p. 100.

À surdina da noite, essas embarcações se transformavam numa alternativa para os trabalhadores desses seringais, que escondidos dos donos dos seringais, compravam produtos industrializados mais baratos e até trocavam por produtos da terra. E foi em um desses seringais mais tarde, que nasceu seu Sebastião:

Entrevistador: Onde o senhor nasceu?

Entrevistado: Eu nasci num município, num seringal por nome Jacurapá. Fica em frente São Paulo de Olivença, o lago⁷⁴.

Essa é uma história social que faz parte da história deste Estado e de muitas pessoas que viveram na época e ainda vivem na memória de seus descendentes como seu Sebastião, por exemplo. Bosi (1994, p. 60) diz, em relação aos velhos que essas pessoas “já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis”.

Seu Sebastião não conta sua história, antes rememora o pai, e traz ao ouvinte a história dele, a vivência dele. Dessa forma, liga a história do pai à sua própria. Essa narrativa da cobra grande parece representar, neste caso, a perda do sonho de adquirir um produto industrializado e o medo do desconhecido nas profundezas das águas. Essas vivências incluídas no enredo não são aleatórias, antes, ela, “a memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns” (BOSI, 2003, p.31).

Das onze narrativas, duas trazem resquícios de um mito etiológico, pois a saída da cobra de um ambiente próximo ao lugar estudado, formou o conhecido Lago do arrombado da cobra. *Eles dizem que ali era tudo vedado. Aí teve um grande temporal e saiu o animal de lá e acham que era a cobra, e por isso que ficou aquele fundo ali*⁷⁵. E assegura a presidente da comunidade: *nesse dia, ela saiu desse local e se formou o lago, e o lago ficou. O nome dele é lago do arrombado, porque a cobra que arrombou*⁷⁶. Apesar do distanciamento inicial, e de não se assumirem como testemunhas oculares do ocorrido, narram como se assim o fosse.

Enfim, essas narrativas da cobra grande, são em sua maioria, vistas pelos moradores como verdadeiras.

⁷⁴ Entrevista 01, p. 122.

⁷⁵ Narrativa 18, p. 105.

⁷⁶ Narrativa 34, p. 113.

2.2 Observando os narradores da Comunidade do Julião

O narrador oral é um narrador vivo. Um bom narrador cria no ouvinte expectativas e, ao alcançar graça de seu público, é indicado como alguém que tem muitas histórias para contar, mas se esse narrador perde o fio condutor da narrativa, as pessoas o escutam por educação e não sentem vontade de contar as histórias, outrora sem graça, sem vida.

No Amazonas, antes da chegada dos portugueses, a cultura de contar histórias era bem presente em meio aos povos que aqui viviam. Eles não tinham a letra, mas tinham a palavra e, por meio dela, repassavam suas crenças, seus costumes e tradições. Uma cultura passada de geração em geração através da palavra dita. A esse respeito, Vansina (2000, p. 157) afirma que:

Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar elocuições-chave, isto é, a tradição oral. A tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para a outra.

Nas tabelas apresentadas no início deste capítulo vimos que dos 21 entrevistados, apenas seis não narraram uma história, o que representa 28,6%. Essas seis pessoas fazem parte de três grupos: uma do grupo 01, com idade a partir de sessenta anos; três do grupo 03 com idade entre 18 e 34 anos; e duas do grupo 04 com idades entre 7 e 17 anos. Essas seis pessoas forneceram informações muito importantes, como o porquê de não saberem ou não quererem narrar as histórias, conforme as informações abaixo:

Yasmin é uma criança de sete anos, que informa na entrevista que as histórias conhecidas por ela são contadas pelas professoras durante as aulas. Diz que já ouviu contar a história da Turma da Mônica, mas ao ser indagada se já ouviu falar sobre alguma narrativa do boto ou da cobra grande, ela respondeu que sim e, após a delimitação da história, ela respondeu colocando outros personagens como mostra o diálogo abaixo:

Entrevistador: Elas te contam alguma história de boto, de cobra grande?

Entrevistado: Sim

Entrevistador: Quais histórias elas te contam?

Entrevistado: Do urso, da onça...⁷⁷.

⁷⁷ Entrevista 04, p. 127.

Para uma criança aprender algo é exigida certa dedicação de tempo por parte do adulto. Além disso, é preciso paciência para repetir até perceber que a criança aprendeu e não precisa mais ser lembrada para fazer ou contar o que lhe foi ensinado.

Sabemos que a repetição é para a criança a essência da brincadeira, que nada lhe dá tanto prazer quanto ‘brincar de outra vez’. [...] A criança recria, começa sempre tudo de novo, desde o início. [...] Comer, dormir, vestir-se, lavar-se, devem ser inculcados no pequeno e agitado ser através de brincadeiras, acompanhadas pelo ritmo de versos e canções. É da brincadeira que nasce o hábito, e mesmo em sua forma mais rígida o hábito conserva até o fim alguns resíduos da brincadeira (BENJAMIN, 2012, p. 270-271).

O adulto, por sua vez, não investirá tempo em algo que julga desnecessário para a criança. Na entrevista de Ademir, pai de Yasmim, percebe-se que as narrativas orais julgadas por ele sem importância e aquém da realidade são deixadas de lado em favor de outros ensinamentos.

Entrevistador: Ah, tá. E o senhor, costuma contar essas histórias hoje pra suas filhas, seus filhos?

Entrevistado: Pra falar a verdade... Não! Porque eu acredito assim, que hoje em dia, no mundo que a gente vive, é a gente tem mais que contar assim é, porque eu tenho quatro filhas mulheres, todas elas são mulheres. Mas que eu sempre conto assim é em prevenção, em... Mais em prevenção porque... Tá tendo muitas, assim, vamos dizer assim, doenças que até a medicina não consegue uma cura, como a AIDS, o Ebola, essas coisas assim. Porque eu acho que fazendo isso, a gente tá prevenindo um mal maior, principalmente pra sociedade. Então, se eu acredito que eu tento mais passar pra elas isso daí sabe? Pelo menos é uma coisa que é real. Aí eu passo mais isso daí pra elas, porque eu acredito que no mundo que a gente vive, tem que ter isso daí porque se não é muito complicado⁷⁸.

Fato comprovado ao ouvir Yasmin falar sobre o que conhece de histórias, porém, sabe-se que a idade é propícia mais para receber informações do que para dá-las. Há aí a possibilidade de ela ter ouvido na escola, mas não lembrar mais por não terem sido repetidas suficientemente até que aprendesse. Yasmin e o pai fazem parte do grupo de moradores permanentes da comunidade.

Do mesmo modo ocorre com Rogério, filho de Maria Brenda, ambos moradores fixos do lugar. Ele diz que não sabe as narrativas, mas afirma que ouviu histórias na escola, contadas pela professora no cantinho da história e cita a história da Turma da Mônica. Sua mãe diz que não conta mais histórias porque não possui mais tempo, trabalhava durante o dia e estudava durante a noite. E expõe que contava as histórias aos filhos, os mais velhos, quando morava no interior. Vejamos:

⁷⁸ Entrevista 16, p. 147.

Entrevistador: E a senhora costuma contar essas histórias?

Entrevistado: Às vezes eu contava pro meus filhos. Mais quando a gente morava lá no interior, no sitio mermo né. Depois que eu me mudei pra cá mermo, quase a gente não tem mais tempo assim, porque eu estudava a noite né, chegava tarde do trabalho e ia pra escola⁷⁹.

Alicéia, por sua vez, no trecho abaixo, assegura que não sabe as narrativas porque não ouviu contar. No entanto, essas narrativas, como já foi mostrado no capítulo I, foram registradas por autores regionais, não sendo o narrador oral o único meio de transmissão delas.

Entrevistador: Onde e quando eram contadas?

Entrevistado: Na casa da minha avó, a noite depois quando ia dormir, ante de dormir.

Entrevistador: Quais as histórias você costumava ouvir?

Entrevistado: Mariazinha, Joãozinho, história da bruxa.

Entrevistador: Mais alguma?

Entrevistado: Não.⁸⁰

Embora não tenha conhecimento das narrativas do boto e da cobra grande, afirma que ouvia textos maravilhosos, e que esses são repassados para as crianças na igreja. Sabe-se que textos como os citados por elas são muito utilizados pelos adultos para ensinar bons costumes à criança, principalmente a obediência e juízo de valor. A entrevistada faz parte do grupo de moradores do lugar.

D. Terezinha reside em Manaus e nos fins de semana e feriados vai para o Julião. Na infância ouvia muitas histórias contadas pelo avô, que reunia os filhos e netos antes de dormir para contá-las. Mas ela não conseguiu reproduzi-las durante a entrevista, pois dizia que não lembrava mais, ou ainda, lembrava só pela metade.

Entrevistador: Quais as histórias a senhora costumava ouvir?

Entrevistado: História da cobra grande, do boto vermelho e mais algumas que eu nem lembro mais.

Entrevistador: Tem alguma das duas que a senhora possa contar ou as duas? A senhora que sabe.

Entrevistado: Ai! Eu não lembro mais não.

Entrevistador: Não lembra mais de nenhuma?

Entrevistado: Só pela metade.

Entrevistador: Não quer contar a metade?

Entrevistado: Não.⁸¹

⁷⁹ Entrevista 14, p. 142.

⁸⁰ Entrevista 07, p. 130.

⁸¹ Entrevista 11, p. 135.

Mas, ao ser questionada se repassava as histórias que ouvia, surpreendeu. Ao invés de dizer que não, porque não lembrava, disse que não, mas porque não havia quem escutasse sua história, pois as pessoas próximas não tinham tempo de ouvir. Dona Terezinha recebe sempre a visita dos filhos e dos netos, em Manaus, e algumas vezes vão juntos para a comunidade.

Entrevistador: E a senhora costuma contar essas histórias?

Entrevistado: Nada! Agora ninguém tem tempo de contar mais nada.

Entrevistador: É? Não porque não tem mais tempo né?

Entrevistado: É. Os filhos... Todo mundo tá em casa, todo mundo vai pra sua casa. Neto não quer saber mais de história de idoso pra não dizer velho mermo.

Entrevistador: Então a senhora não conta por que não tem mais tempo e nem para quem contar?

Entrevistado: Isso!⁸²

Antes, eram os avós que se encarregavam de passar conhecimento através de suas histórias. Geralmente na juventude não tiveram tempo para repassá-las aos filhos, por isso repassam aos netos, porque são estes que ficam sob seus cuidados quando os pais vão trabalhar. Porém, as crianças e adolescentes, atualmente, não costumam dar atenção a esses textos, pois os julgam desinteressantes em favor da mídia.

Marcos nasceu e cresceu em Manaus e mora na comunidade há mais de cinco anos. Lá, ele constituiu família. Antes de ser feita a entrevista com ele, houve uma conversa prévia, e muitas informações foram passadas, o que foi reiterado na gravação. Ele não conta histórias porque afirma não lembrar:

Entrevistado: Eu não me lembro. Assim, não lembro não. Não me lembro porque eu nunca me interessei e nem nunca contei pra nenhum filho meu. Pra ninguém porque é como lhe falei anteriormente né, eu não quero, na minha opinião, no meu ponto de vista eu não vou perder tempo contando história que acredito, que eu sei que não é verdadeira, pra mim não tem sentido perder tempo contando uma fantasia uma... esse é meu ponto de vista né. Sei que, às vezes, as pessoa chama isso de cultura, mas minha cultura é diferente⁸³.

Miriam, esposa dele, da mesma forma:

Entrevistador: Lembra assim dessa história que a sua avó lhe contava?

Entrevistado: Não. Faz tanto tempo, acho que eu tinha uns oito, sete anos⁸⁴.

Mas nesses casos, o esquecimento parece ter motivo certo: não querer lembrar. No entanto, esse não querer lembrar está intrinsecamente ligado a um material que fez história em

⁸² Entrevista 11, p. 135.

⁸³ Entrevista 17, p. 151.

⁸⁴ Entrevista 19, p. 156.

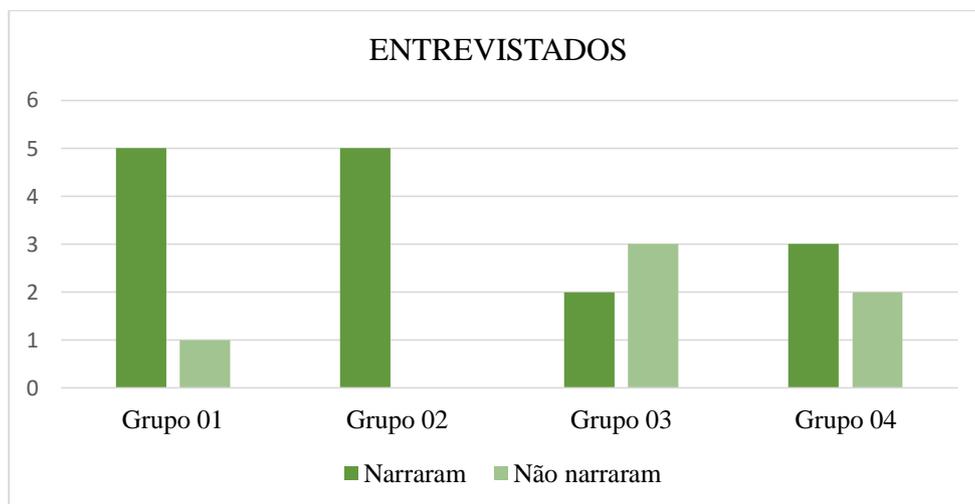
algum momento da existência dos entrevistados. Os indícios de recebimentos das narrativas estão visíveis nos trechos supracitados.

Por isso, devido à dinâmica da cultura, não se pode afirmar que essas narrativas têm, nesse meio, assegurada sua permanência, levando em consideração que o homem, capaz de raciocinar, julgar para si e para os seus, o que deve ou não permanecer consigo e o que perdeu importância, provavelmente, poderão ser trocadas por outras práticas ou anuladas, pois apesar de todos morarem na mesma localidade, nem todos participam da mesma cultura de contar histórias. “A participação de indivíduos em sua cultura é sempre limitada; nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura” (LARAIA, 1986, p. 80), o que não quer dizer que não os conheça.

Esses foram os seis entrevistados que não narraram nenhuma história, seguiremos com os que os que narraram.

O gráfico abaixo representa o resultado da comparação entre os indivíduos dentro dos grupos e entre os grupos. Na área de plotagem, a cor verde-escuro representa o número de pessoas que contaram histórias, e ao lado, representado pela cor verde-claro estão os números que representam os que não contaram as histórias.

Quadro 03: Gráfico comparativo entre os grupos de entrevistados



Do grupo 01, o dos mais velhos, cinco pessoas narraram histórias, o que equivale a 83,3 %, e uma não, o que equivale a 16,7 %. Do grupo 02, os de idade entre 35 e 59 anos, as cinco pessoas narram as histórias, o que representa 100%. Do grupo 03, os de idade entre 18 e 34 anos, somente dois narram histórias, e três, não, o que equivale a 40% o e 60%,

respectivamente. E do grupo quatro, com idades entre 7 e 17 anos, três contam as histórias e dois não, o que equivale a 60% e 40%, respectivamente.

Outros dados interessantes foram levantados a partir dessas coletas e nenhum foi selecionado aleatoriamente. Eles foram extraídos dos entrevistados quando responderam às perguntas: você costuma contar essas histórias? Acha importante contar? Se conta ou não conta, qual o porquê? A partir de então, iniciou-se o levantamento de tais fatores.

Nem todas as quinze pessoas que narraram histórias as transmitem, vários são os motivos apontados por elas. Dentre eles estão: a verdade, o medo, a chegada da energia, a ausência do tempo.

Desde pequeno, quando o ser humano aprende sobre mentira e sobre verdade, procura saber se o que viu, ouviu ou tocou era de mentira ou de verdade. A busca da verdade traz consigo sofrimentos como culpa e dor, e, paradoxalmente, alívio e prazer. A criança vê segurança e proteção no adulto. Os adultos mais próximos são os mais confiáveis: pai, mãe, avós, tios e até vizinhos. E tudo quanto dizem a ela não lhe gera dúvidas, somente se falarem algo em tom de brincadeira.

Um bom exemplo disso é a festa de Natal, o mundo encantado do Papai Noel. A criança tem sonhos despertados no período do ano próximo a essa data, os filmes em tela, a cartinha ao Papai Noel, o brilho dos pisca-piscas torna o mundo de sonhos da criança num mundo possível, real. Porém, um dia, ela, mais crescida, se depara com a realidade e descobre que o presente encontrado embaixo da cama foi dado por seus pais e não pelo Papai Noel, e o pior: descobre que Papai Noel não existe. Vem a seu encontro a decepção, a dor de ser enganada, a quebra de uma verdade incontestável, mas também o encontro com a verdade.

Assim, seja na criança, seja nos jovens ou nos adultos, a busca da verdade está sempre ligada a uma decepção, a uma desilusão, a uma dúvida, a uma perplexidade, a uma insegurança ou, então, a um espanto e uma admiração diante de algo novo e insólito (CHAUI, 2010, p.113).

Esse é um exemplo apenas para ilustrar sobre mentira e verdade, pois na comunidade ribeirinha estudada não reina essa lenda. As crianças desde cedo trabalham com os pais e nem sempre estes têm condição de dar-lhes brinquedos. Não precisam se comportar o ano todo para ganhar presente do Papai Noel – um comportamento normatizado pelo incentivo positivo. Ao contrário, evitam desobedecer para não perder.

Luan é uma das duas crianças que faz parte do grupo 04 e que conta histórias. Ele conta uma história do boto, em poucas linhas: *o boto pegava a mulher*⁸⁵. Embora não houvesse o objetivo de perguntar às crianças se repassavam as histórias que elas ouviam por saber que a criança está mais propícia ao recebimento de todo o tipo de conhecimento, a ele foi perguntado. E respondeu com muita propriedade.

Entrevistador: Tu costumava contar essa história pra alguém?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Pra quem?

Entrevistado: Pros meus amigos, quando eu vou pra aula⁸⁶.

Não há nele a preocupação de provar que é verdade, mas a criança se distrai facilmente com o que não lhe chama a atenção. Depreende-se então que para ele, de algum modo, essas narrativas possuem significado.

À outra criança, Matheus, não foi feita a mesma pergunta, e embora ela tenha citado o pai como fonte da narrativa do boto, e não a avó – entrevistada Maria de Fátima, é com a história dela (*morreu um amigo nosso lá afogado disse que foi o boto que encantou né. [...] Eu sei que nem o corpo dele ninguém achou.*⁸⁷) que se identifica a narrativa contada por ele: *Eu lembro assim quando o boto pega a gente, pega a nossa perna e leva a gente pro fundo*⁸⁸.

Matheus mora em Manaus e passa os finais de semana e feriados prolongados na comunidade, onde seus pais têm uma casa e onde mora a avó Fátima. Esta sabe muitas histórias trazidas de Lábrea – município do Estado do Amazonas. No entanto, quem o menino cita como narrador é o pai, o qual não se disponibilizou a dar entrevista e, por isso, a ele não foi feita nenhuma pergunta sobre o que costumava contar.

É na adolescência que começa a busca da verdade no caráter dos pais. Basta faltarem com a verdade uma vez que inevitavelmente isso será lembrado por muito tempo. Principalmente se é cobrado do adolescente algo que não é ensinado por meio de vivências. Já não se aceita mais, sem objeção alguma, o velho ditado: “faça o que digo, não faça o que faço”.

Caio foi o único adolescente entrevistado. Ouvia as histórias contadas pela avó, que já faleceu há algum tempo. Afirma que conta as histórias ouvidas por ele na infância à irmã mais

⁸⁵ Narrativa 40, p. 114.

⁸⁶ Entrevista 08, p. 131.

⁸⁷ Narrativa 10, p. 103.

⁸⁸ Narrativa 42, p. 114.

nova antes de ela dormir, porém não com muita frequência. Não há momentos em que ele emita opinião sobre a veracidade do que conta.

Entrevistador: E hoje, tu costumas contar essa história pra alguém?

Entrevistado: Pra minha irmã.

Entrevistador: Quando é que tu costumas contar?

Entrevistado: Antes dela dormir

Entrevistador: Muitas vezes?

Entrevistado: Não. Só às vezes mesmo⁸⁹.

As adolescentes que procuravam não sair à noite para as festas com medo de serem atraídas pelo homem de branco, bonito e com chapéu na cabeça, que evitavam andar com desconhecidos ou ficarem por muito tempo na água, parecem ter ficado no interior deste estado. Como assevera Ana Paula:

Mas lá onde ele morava, esses boto aqui, essas meninas moça assim não podia entrar na água que os botos botava pra cima mesmo. Aqui não, aqui eu vejo essas meninas moça tudo pulare dentro d'água não tão nem preocupada se vem boto, se não vem, elas querem saber é de se divertir né⁹⁰.

Ademir, pai de Yasmin, não conta as narrativas às filhas porque não acredita nelas. Disse que a mãe lhe contava histórias de boto, na infância, para que ele e os irmãos não se demorassem muito no rio, pois a correnteza era muito forte e quando percebeu isso optou por repassar às filhas as mazelas que têm sido noticiadas pela mídia.

Entrevistador: Então, o senhor não conta mais aquelas histórias antigas por quê? Por que que não conta mais aquelas histórias antigas?

Entrevistado: É por causa que é assim, eu vejo assim da seguinte forma... Essas histórias antigas que minha mãe contava pra mim, depois de um certo tempo que eu me entendi, eu pensei assim: que é história que... Eu não acredito⁹¹.

Seu Álvaro seleciona entre as narrativas que julga verdadeira e as julga não ser. Dependendo desse julgamento as narrativas que serão contadas. Em um comentário dele, diz que estava conversando com um amigo sobre a narrativa do boto, e tenta desvendar o mistério da narrativa, chegando à conclusão de que a mulher pensa que o boto quer “malinar” dela no período de suas regras, mas na verdade, o boto é atraído pelo cheiro da mulher e como ele é um animal, acha que pode.

⁸⁹ Entrevista 05, p. 127.

⁹⁰ Narrativa 27, p. 110.

⁹¹ Entrevista 16, p. 147.

Embora tente mostrar que o animal não é encantado, acaba por atribuir capacidade de julgamento ao animal.

Entrevistador: E hoje, o senhor ainda conta essas histórias?

Entrevistado: Só as que eu vejo mermo que é certo né⁹².

Mas os adultos, diferentemente da criança, podem sofrer graves punições e até deixarem de participar de grupos quando são pegos falando inverdades ou se comportando de forma contraditória ao que dizem. É por isso que D. Antônia afirma que não conta, por que tem medo de não acreditarem nela:

Aí por isso que eu tô dizendo que eu num contava pa ninguém assim aqui até mermo quando a gente vai assim viajar prum canto porque a pessoa pode pensar que não é verdade né a coisa, mas é.

Entrevistador: Ah, então a senhora não costuma contar essas histórias?

Entrevistado: Não⁹³.

E embora as pessoas possam não acreditar no que ela diz, ela acredita veementemente. Acredita, mas não se sente intimidada pelo temor de pensarem ser mentira. Mas entre os lugares mais afastados do centro de uma cidade e os menos afastados como está situada a comunidade do Julião, cada vez mais chega a busca dessa verdade sobre tais narrativas. Não há mais quase quem diga que tenha visto algo maravilhoso acontecer. Geralmente, quando um pouco próximo, quem viu foi o pai, ou o avô, ou os tios, e o discurso começa a se encher de expressões de distanciamento. Porém, D. Antônia não se intimida diante da câmera e se diz testemunha ocular de uma das narrativas do boto:

Entrevistador: Na infância, a senhora ouvia muitas histórias?

Entrevistado: Ouvia e via!⁹⁴

E sobre essas narrativas, uns dizem que só ouviram contar e não acreditam, outros se mostram inseguros, e buscam na verdade se acreditam ou não acreditam. Enfim, foi averiguado que essa verdade é um fator que os impulsiona ou os impede de repassar as narrativas.

Mas esse não foi o único fator encontrado como possível causa para a não difusão dessas narrativas. A falta de tempo dos mais novos, o lugar mais próximo à cidade de

⁹² Entrevista 15, p. 144.

⁹³ Entrevista 12, p. 137.

⁹⁴ Entrevista 12 p. 137.

Manaus, a televisão e seus similares, o medo, e a falta de interesse pelo assunto também contribuem para isso. Vejamos:

Quanto à falta de interesse pelo assunto, seu Sebastião, apesar de possuir um repleto repertório de história, afirma que não conta mais histórias, mas porque não tem para quem contar, diz que às vezes tem vontade, mas... Fica em silêncio, distancia o olhar da câmera e diz que fica calado.

Entrevistador: O senhor costuma contar essas histórias?

Entrevistado: Às vezes dá vontade de contar essas histórias. [...]. Mas aí eu fico calado né. Não falo nada⁹⁵.

“É necessário em uma situação contemplativa, agir como observador capaz de perceber a realidade imediata e, ao mesmo tempo, entender cada objeto como uma potência latente do que não foi dito por ter sido silenciado...” (GINZBURG, 2012, p. 110). Diante disso, a curiosidade não foi contida e a pergunta com tom de resposta surgiu: *Não conta porque não tem pra quem, não conta por que ninguém quer ouvir né?*⁹⁶ E balança a cabeça afirmativamente.

Ao narrar a da cobra grande, narra como verdade, e continua a entrevista dizendo já ter visto o animal: *Mas ela, quando dá seis horas, ainda tá assim, no meio do rio, atravessada [e faz a largura da cobra com os braços]. Isso daí eu vi!*⁹⁷. É necessário salientar que nem todos os moradores do lugar acreditam nas mesmas coisas, para seu Sebastião, por exemplo, o boto parece ser personagem que faz parte de uma invenção, mas na existência da cobra grande ele acredita e enfatiza que *cobra grande é grande, assim de uns 50 metros*⁹⁸.

Esses processos de encantamento estão bem vivos no imaginário do povo. Misturado ao cotidiano, criam forças para serem contados e recontados. A dúvida permeia esse imaginário. Mas logo perde espaço para uma verdade coletiva, principalmente ligada aos mais velhos e aos mais próximos, fincada numa certeza única: o sumiço definitivo da pessoa. *Morreu um amigo nosso lá afogado disse que foi o boto que encantou né, do mei pra cima gente, pra baixo boto num rio que chama rio Passiá, na boca do rio Passiá*⁹⁹.

Quanto ao medo, George aponta esse motivo como a causa de não repassar mais as narrativas. Diz que quando era pequeno, ao ouvir as histórias sentia medo, e ao crescer viu que isso não é bom. Não é bom fazer medo para as crianças.

⁹⁵ Entrevista 01, p. 122.

⁹⁶ Entrevista 01, p. 122.

⁹⁷ Narrativa 3, p. 101.

⁹⁸ Narrativa 3, p. 101.

⁹⁹ Narrativa 10, p. 103.

Entrevistado: Assim, contar eu contava assim pros meus primos no tempo que eu cuidava deles. Mas assim, é... Atualmente, eu não conto mais essas histórias. [...].
 Entrevistador: Tu disseste que atualmente não contas mais essas histórias, tu tens um por quê?
 Entrevistado: Faz muito tempo que eu ouvia essas histórias e ficava com medo. Prefiro não contar mais¹⁰⁰.

Mas se de um lado ele aponta o medo como uma influência negativa para a transmissão das narrativas, do outro D. Albenaice encontra no medo a razão de transmiti-las.

Entrevistador: A senhora costuma hoje contar essas histórias pra alguém?
 Entrevistado: Eu sempre costumo contar pras minhas filhas. A gente tá junto aqui no Julião né, aí a gente fica contando essas histórias né. Aí minhas filhas ficam morrendo de medo. É, mas aqui não tem não, só pra longe né. Aqui já é uma comunidade¹⁰¹.

O medo é um forte indicativo mantenedor das lendas, pois quem tem medo de alguma coisa, termina por querer compartilhá-lo. Mas só se tem medo de algo, quando se acredita na existência dele, e não se acredita em uma mentira, não quando ela já foi descoberta. O medo faz quem o sente passar por situações vexatórias, julgadas por outros como insignificante como o medo de barata. Outras vezes deixa o receptor da história narrada com temor, como ocorre na narrativa contada por D. Fátima:

Um dia desses eu vinha da igreja aí eu vinha de lá pra cá e daqui pra lá ia uma pessoa toda de branco. Aí eu me arrupiei, fiquei nervosa, aí eu pedi de Deus e Jesus, mas eu ando com a espada que é minha biblia ninguém mexe comigo. Aí aquilo sumiu¹⁰².

E é por causa do medo de perder algo ou alguém, ou de passar por castigos que os seres humanos fazem sacrifícios. Foi assim com os indígenas diante do novo. Quando Stradelli mostrou aos índios seu microscópio, ouviu da mulher de um deles: “dono do anacá desejado (*Deroptyus accipetrus*): – Dê o papagaio. É melhor. O branco pode aumentar tudo e aumentará os piolhos para o tamanho do papagaio. E os piolhos acabam comendo você. É melhor dar!...” (CASCUDO, 2001, p.60). E o objetivo foi alcançado como se pode ver em: “E o índio deu o Anacá”.

E dona Albenaice, na época em que ouvia as histórias contadas pelo pai diz que sentia muito medo, que chegava a imaginar. Ela tem um objetivo ao narrar suas histórias: fazer medo. *Mas a gente fica pensando assim, de contar pros filhos, pros netos, pra eles também*

¹⁰⁰ Entrevista 02, p. 125.

¹⁰¹ Entrevista 09, p. 132.

¹⁰² Narrativa 11, p. 104.

*ficarem com medo né (risos)*¹⁰³. Para Benjamin (2012, p. 271), “*O adulto alivia seu coração do medo e goza duplamente sua felicidade quando narra sua experiência*”.

Há certas histórias que narramos só por alguns dias ou semanas depois que aconteceram e logo as esquecemos. Quanto a outras, gostamos de repeti-las inúmeras vezes vida afora. Por vezes uma história desconhecida nos aborrece, ao passo que, noutras prestaremos a máxima atenção ao ouvir a mesma história tantas vezes repetida (HELLER, 1993, p.72).

Dona Albenai se mostra algumas vezes confusa em relação à veracidade das narrativas, diz que o pai contava a ela, mas ele dizia que eram outras pessoas que tinham lhe falado. No final da entrevista ela diz que essas coisas acontecem no interior do Estado, ela assegura que no Julião não ocorre porque é uma comunidade.

Percebe-se então, que essas narrativas descem do interior para a cidade, mas perdem força no longo percurso. Maria Brenda também informa que contava as narrativas mais quando morava no interior:

Entrevistador: Então é não? A senhora, aqui, não costuma não né contar? Mas quando seu filho era pequeno, a senhora morava mais pra dentro, mais pro interior a senhora contava?

Entrevistado: Aí eu contava, sempre contava histórias¹⁰⁴.

Quanto à televisão, parece ser o objeto mágico do conto maravilhoso de Propp, capaz de matar os vilões das águas do rio Negro e do Amazonas. A presença dela dentro das casas é citada por cinco dos quinze narradores, todos com mais de trinta anos, como sendo o motivo de não repassarem tanto as narrativas. E sua ausência em um tempo remoto na vida deles, parece ter sido o maior incentivo de ouvir as narrativas, como mostra os segmentos abaixo:

...é assim de noite, assim. Que agora sempre a gente fica assistindo televisão né¹⁰⁵. Papai contava em casa mermo. Não tinha televisão né? Ele ficava contando história pra gente¹⁰⁶.

Eu acho, porque no tempo que eu era criança, é como o pessoal fala não tinha esse negócio de televisão né...¹⁰⁷

Geralmente eram contadas em casa, de preferência quando não tinha energia¹⁰⁸.

Pra lá nesse tempo nem energia tinha né, nesse interior, que eu sempre morei em interior pra lá¹⁰⁹.

¹⁰³ Entrevista 09, p. 132.

¹⁰⁴ Entrevista 14, p. 142.

¹⁰⁵ Entrevista 09, p. 132.

¹⁰⁶ Entrevista 12, p. 137.

¹⁰⁷ Entrevista 14, p. 142.

¹⁰⁸ Entrevista 10, p. 134.

¹⁰⁹ Entrevista 18, p. 152.

Provavelmente seja esse um dos motivos de Lucimar não narrar essas histórias com tanta frequência. Ela mesma informa que só o faz raramente, conforme o texto abaixo:

Entrevistador: E hoje a senhora costuma contar essas histórias?
 Entrevistado: Costumo!
 Entrevistador: Pra quem?
 Entrevistado: Pros meus filhos.
 Entrevistador: Tem uma frequência?
 Entrevistado: Raramente¹¹⁰.

Contudo, ainda existem narradores que dão mais vida às narrativas. Josimar, assim como seu Sebastião, também acredita nas histórias de cobra contadas pelo pai e por amigos, e reitera que cobra grande *é cobra grande né, não é coisa pequena não*¹¹¹. Afirma que pegou cobras pequenas, de três metros, na malhadeira e tinha isso registrado no aparelho de celular, além das conversas com essas cobras, porém tudo foi perdido com o aparelho. Ele corrobora que conta as histórias, mas somente às vezes. Leiamos o fragmento abaixo:

Entrevistador: E hoje, o senhor costuma contar essas histórias pra alguém?
 Entrevistado: As vez a gente conta, quando se ajunta assim com os conhecido de antigamente né.
 – Rapaz, e aí como é que tá aquelas história daquele tempo vamo contas história
 – Umbora.
 Tem uns que conta umas histórias boa que só, mas nova também né¹¹².

Maria de Fátima Sabóia, moradora do lugar, diz que conta essas narrativas raramente às pessoas próximas, porém mais às amigas do que a família, pois só confirmou contar aos netos após ser lembrada na entrevista.

Entrevistador: E hoje a senhora costuma contar essas histórias?
 Entrevistado: Muito difícil. Só a vez quando eu vejo uma amiga que é assim, que eu lembro, que ela também lembra do tempo da gente nova né? Aí a gente lembra, que nem a minha prima que mora na Alvorada [Bairro de Manaus]. Aí a gente lembra aqueles causos, aquelas histórias.
 Entrevistador: Seus netos, suas filhas...
 Entrevistado: Pro meus neto eu conto¹¹³.

Ainda assim, contou com muita propriedade as histórias trazidas de Lábrea em sua memória, sempre envolvendo episódios ocorridos com pessoas próximas, naquele lugar.

¹¹⁰ Entrevista 10, p. 134.

¹¹¹ Narrativa 32, p. 112.

¹¹² Entrevista 18, p. 152.

¹¹³ Entrevista 13, p. 139.

Além de D. Fátima, outras duas pessoas também asseguram contar para pessoas próximas, uma é a presidente da comunidade, que conta em seu ambiente de trabalho para adolescentes:

Entrevistador: E nessa comunidade aqui, vocês costumam contar histórias? A senhora costuma, hoje, contar essas histórias que a senhora ouvia?

Entrevistado: Tem uns adolescentes que trabalham comigo daqui da nossa comunidade. Eles sempre tão aqui, e sempre a gente conta história né. Tem outro rapaz que sempre gosta de contar, mas sempre eu conto história da época que eu era adolescente e ouvia da minha mãe¹¹⁴.

E outra que conta para a família, os amigos e parentes. Ela apresenta um pensamento interessante sobre o porquê de transmitir as narrativas. Diz que assim o faz porque alguém mais velho contou para ela, e isso a impulsiona a contar na ausência deles.

Entrevistador: E você costuma contar essas histórias?

Entrevistado: Assim, eu costumo comentar assim quando tá com os meninos né, com os meus filho, que no tempo da... A minha tia, quando nós se junta tudinho, minha irmã, a gente começa a conversar sobre isso. Sobre essas coisas dos que eu já ouvi, do que eu já assim, nunca presenciei, mas já ouvi essas coisa né, tenho ouvido, aí nós sempre comenta quando se junta todo mundo assim família, ou então amigo mermo aí a gente começa a contar as histórias né. [...] Mas daí já vem ele que é mais de idade do que eu que já conta para mim né. Então, se eu vou escutando, quando eles não tão presente, eu vou passando para ele né, e vou contando as história¹¹⁵.

É a consciência de Ana Paula que a impulsiona a contar as histórias. Algumas vezes ela parece querer lutar contra seus próprios pensamentos, dizendo que não acredita nas narrativas, outras vezes diz que isso não acontece em Manaus, mas em outros municípios ocorre. Loureiro (1995), explica que em ambiente “especificamente ribeirinho, a cultura mantém sua expressão mais tradicional, mais ligada à conservação dos valores decorrentes de sua história. A população da zona rural está mergulhada num ambiente onde predomina a cultura oralizada” (LOUREIRO, 1995, p. 55).

Os narradores do Julião utilizam o corpo para dizer:

Aí cavamo um pedaço como daqui aí [apontando a distância com a mão]¹¹⁶.

Eu já encontrei uma cobra dentro de uma cabeceira onde a água dava aqui assim (mede na canela, a um palmo do chão). Eu pisava e a água molhava só aqui assim. Só que o buriti ficava dessa altura assim aonde dá buriti [...] mas eu sempre com a espingarda aqui né nessa direção, olhando. [...] Ela tava toda coberta isso dela assim (utiliza o corpo), só o narizinho de fora assim sabe. Aí eu pensei que ela era assim. [...] Ela era assim ó (E faz um tamanho grande com a mão). Aí quando foi de manhã tava na lama assim um rastro mais ou menos aqui assim, tipo de um animal grande

¹¹⁴ Entrevista 06, p. 129.

¹¹⁵ Entrevista 20, p. 158.

¹¹⁶ Narrativa 3, p. 126.

assim (mostrou o tamanho utilizando o corpo mais ou menos um metro de largura)
¹¹⁷.

Apesar de a capacidade de contar histórias ser própria do homem, cada pessoa tem uma forma de contar. Essa forma recebe influências do lugar onde ela cresceu e das pessoas que participaram de seu crescimento, pois ao nascer, uma criança está com a cabeça vazia de qualquer tipo de cultura. Sendo assim, esse narrador que está inserido numa sociedade, recebe dela influências da cultura.

Os narradores se utilizam também de onomatopeias a fim de intensificar a história na cabeça do ouvinte. Eles tentam reproduzir os sons que os animais e os objetos emitem, e ruídos desconhecidos, amedrontadores oriundos de aparições. “As onomatopeias são quase sempre criações espontâneas motivadas por associações sonoras imitativas buscando certa aproximação com o significado” (ALCOFORADO, 2007, p. 5).

O cachorro latia e aquele bicho saia pisando assim, parecia calçado de sapato: toc, toc. [...]. Os cachorro ficavam latindo, aí eles ficavam apanhando aquelas lapada. Chega fazia lêpo, lepo¹¹⁸;
 Ele saiu doido correndo, se batendo, thobom dentro d'água¹¹⁹;
 Disse que era um carocinho de tucumã né! que só tinha um buraco que assoviava pi, piri, piraí. [...]. Tocou fi, fi, frou, caiu no meio do lago [...] Aí tinha o jacaré que esturrava de noite né, e aí a cobra respondia assim tipo com um tiro: bou, bou¹²⁰;
 Ele gritava igual uma pessoa... Igual quando tá assim distante iiiiiiiih. [...]. Aí começou a gritar igual uma pessoa gritando mermo né. Iiii e lá vem o bicho. [...]. Depois mais, gritou mais perto. – Rapá o bicho tá perto. O último, o grito foi bem em cima assim: uuurra¹²¹.

E quando não produzem sons, comparam a sons que julgam fazer parte do cotidiano do ouvinte: *um animal né bate tipo assim quando uma pessoa pega um pano de rede assim e que bate numa talba quando tá lavando né, as mulheres do interior só lavam roupa assim né batendo, aí bate igual*¹²².

Os recursos vocais ajudam muito na hora de contar uma história. Envolvem várias características: ela sai meio aguda, meio grave, fraca ou forte, rápida ou lenta; e possuem determinados fins: até uma pausa para retomada de ar, mesmo inconsciente, pode causar efeitos distintos nos ouvintes, inclusive para deixar textos subentendidos.

¹¹⁷ Narrativa 19, p. 106.

¹¹⁸ Narrativa 14, p. 104.

¹¹⁹ Narrativa 23, p. 108.

¹²⁰ Narrativa 3, p. 101.

¹²¹ Narrativa 22, p. 108.

¹²² Narrativa 21, p.107.

2.3 Análises dos dados coletados

Dos quinze narradores, quatro nasceram em Manaus, oito em municípios do Estado do Amazonas, um em Belém – PA, um em Santarém – PA, e um em Monte Alegre – PA. Nessa comunidade prevalece o narrador viajante de Walter Benjamin (2012), aquele citado no Capítulo I, porém, a diferença consiste em que estes não saem da comunidade para passar um tempo fora e depois voltar trazendo muitas histórias. Ao contrário, trouxeram de sua cidade de origem nas embarcações, deslizando pelos rios, o boto, a cobra grande e tantas outras histórias conhecidas nesta região. De todos esses moradores, somente as crianças não souberam falar sobre o futuro, mas os adultos deixaram evidente que já estão na condição de sedentários.

Apesar de cada indivíduo ser capaz de escolher para si e para os seus o que deve ou não fazer parte de sua vida, essas narrativas estão, ainda que despercebidas, intrinsecamente ligadas às histórias deles. Não há como esquecer-se das histórias do pai, das histórias das mães, das histórias dos avós, se é nelas que estão inseridas as vivências deles. Esquecer é apagar a existência deles.

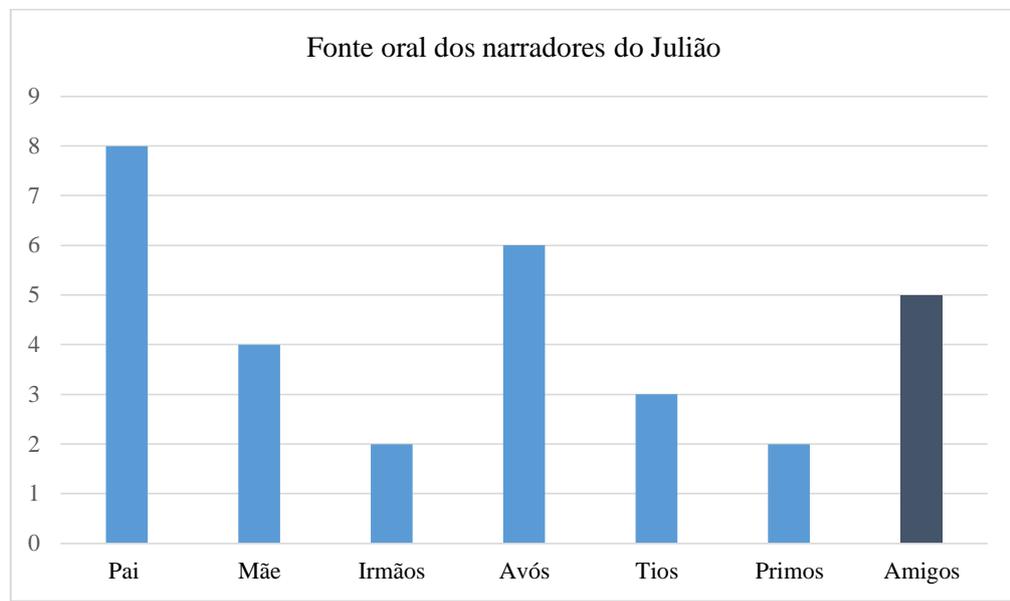
As informações por eles fornecidas possibilitaram a criação de tabelas e gráficos. Abaixo estão informações sobre as pessoas de quem eles receberam as narrativas. Cada um deles pode citar um ou mais de um.

Tabela 07: Fonte oral dos narradores do Julião

Entrevistados	Mãe	Pai	Irmãos	Avós	Tios	Primos	Amigos
Sebastião		X		X	X	X	
George		X		X	X		
Caio				X			X
Matheus		X					
Raimunda	X						
Luan	X	X					
Albenaice		X					X
Lucimar	X		X				X
Antônia		X					
Fátima				X			
Brenda				X	X		X
Ademir	X						
Ana Paula			X	X		X	
Álvaro		X					X
Josimar		X					

Esperava-se que fossem os avós os maiores contadores, a maior fonte de histórias para os narradores dessa comunidade, mas foi o pai quem mais se encarregou de contar as histórias de um modo geral, como se pode perceber no quadro abaixo.

Quadro 04: Gráfico comparativo entre as fontes orais dos narradores do Julião



Ademais, é com a família que está o poder de veiculação das narrativas sobre a geração entrevistada na comunidade com um total de 83,4%, e com amigos ou conhecidos de 16,6%.

Outro dado interessante surgiu a partir das perguntas: Onde e quando eram contadas?

Esperava-se que fosse respondido em casa e a noite, antes de dormir. Embora tenham prevalecido respostas como essa, foram as relacionadas ao trabalho que chamaram mais a atenção, como em:

Em casa. Às vezes no roçado, na casa de farinha¹²³.

Na boca da noite, quando nós ia dibulhar feijão e ele contava. [...]. Em casa¹²⁴.

Eu lembro que quando eu morava no interior a gente ia dibulhar milho, abrir palha à noite quando tava luar né, assim. Aí o pessoal contava um monte de história assim¹²⁵.

Foi desta forma que alguns desses narradores, todos com mais de quarenta anos, ouviram essas histórias, enquanto trabalhavam. Mas um deles afirma contar histórias

¹²³ Entrevista 01, p. 122.

¹²⁴ Entrevista 13, p. 139.

¹²⁵ Entrevista 14, p. 142.

enquanto trabalha, conforme o segmento: *Tem uns adolescentes que trabalham comigo daqui da nossa comunidade. Eles sempre tão aqui, e sempre a gente conta história né*¹²⁶. Os demais moradores não costumam contar histórias enquanto trabalham, nesse período, costumam ensinar os artifícios da atividade que exercem aos mais novos.

Ademais, os lugares citados foram: as casas em que moravam, sítios, beira de rio, castanhal, seringal. Quanto ao tempo, a maioria ouvia no fim de tarde e à noite, segundo seu Josimar, era *olhando pro luar né, tão bonito o luar de noite*¹²⁷, logo após a viração do dia.

Quanto ao grau de escolaridade, há pessoas que estão estudando e há as que pararam de estudar. Independentemente da idade, aqui será levado em consideração o que está estudando e o que não está, independente de se estar em idade escolar ou não. Posteriormente será feito a comparação a partir dos elementos da narrativa.

Do grupo 01, o dos mais velhos, Sebastião, Albenaice, Antônia, Álvaro e Maria de Fátima pararam de estudar ainda no Ensino Fundamental, antigo Primário. Do grupo 02, Ademir, Josimar pararam de estudar também no Ensino Fundamental, Ana Paula retomou os estudos e completou o Ensino Fundamental, e Raimunda e Brenda retomaram os estudos e terminaram o Ensino Médio. Do grupo três, George e Lucimar têm o Ensino Médio completo e ambos estão cursando o Ensino Superior em Manaus; ela é moradora fixa e ele não. Do grupo 04, todas as crianças estudam.

Tabela 08: Elementos básicos da narrativa (grupo 01)

Narrador	Personagem	Lugar	Tempo	Enredo
Sebastião	X	X	X	Bem desenvolvido
Albenaice	X	X	X	Bem desenvolvido
Álvaro	X	X	X	Bem desenvolvido
Antônia	X	X	X	Desenvolvido
Fátima	X	X	X	Bem desenvolvido

No grupo acima, o pouco grau de escolaridade por parte dos narradores não foi empecilho para eles. Todas as narrativas apresentaram os elementos básicos das narrativas, com personagens, incluindo familiares e amigos, lugar com nome, tempo definido a partir do período de vida do narrador ou de um parente próximo. Quanto ao enredo, muitas narrativas

¹²⁶ Entrevista 06, p. 129.

¹²⁷ Entrevista 18, p. 152.

dessas pessoas apresentaram grande momento de tensão para o ouvinte, e em todas elas houve a preocupação do narrador de localizar bem esse ouvinte no tempo e no lugar.

Tabela 09: Elementos básicos da narrativa (grupo 02)

Narrador	Personagem	Lugar	Tempo	Enredo
Ademir	X	X	X	Bem desenvolvido
Raimunda	X	X	X	Bem desenvolvido
Josimar	X	X	X	Bem desenvolvido
Brenda	X	X	X	Bem desenvolvido
Ana Paula	X	X	X	Bem desenvolvido

Neste quadro, do grupo 02, há duas pessoas com Ensino Médio completo, ambas apresentaram muito bem o enredo contendo todos os elementos básicos da narrativa. Das outras três, todas apresentaram histórias bem organizadas capazes de despertar tensão no ouvinte.

Tabela 10: Elementos básicos da narrativa (grupo 03)

Narrador	Personagem	Lugar	Tempo	Enredo
Lucimar	X	X	X	Ausência de desfecho
George	X			Não desenvolvido

Neste grupo 03, os dois narradores estão cursando o Ensino Superior. Ambos apresentaram personagem em suas histórias. O tempo dentro da narrativa não foi apresentado por George e nem o lugar; o enredo foi contado em uma oração de período simples. Lucimar, ao chegar perto do fim da narrativa, não concluiu. Embora pareça que a narrativa do boto está concluída, não está, pois em *então as mulheres dançavam com ele e eram encantadas né*¹²⁸ não deixa claro se esse encanto as levava para o fundo do rio definitivamente ou se devolvia as mulheres grávidas ou com outros danos relacionados ao encantamento, como é comum terminar as histórias do boto.

No quadro abaixo, o dos narradores do grupo quatro, optou-se por não o levar em consideração, pois são crianças e precisaríamos de comparações em relação à idade, o que não

¹²⁸ Narrativa 39, p. 114.

foi objetivo deste trabalho. Mas a partir da idade de cada um, é possível extrair que na Comunidade do Julião os novos narradores surgem a partir dos oito anos de idade, ainda que timidamente, e que na adolescência podem apresentar um bom desempenho em sua *performance*.

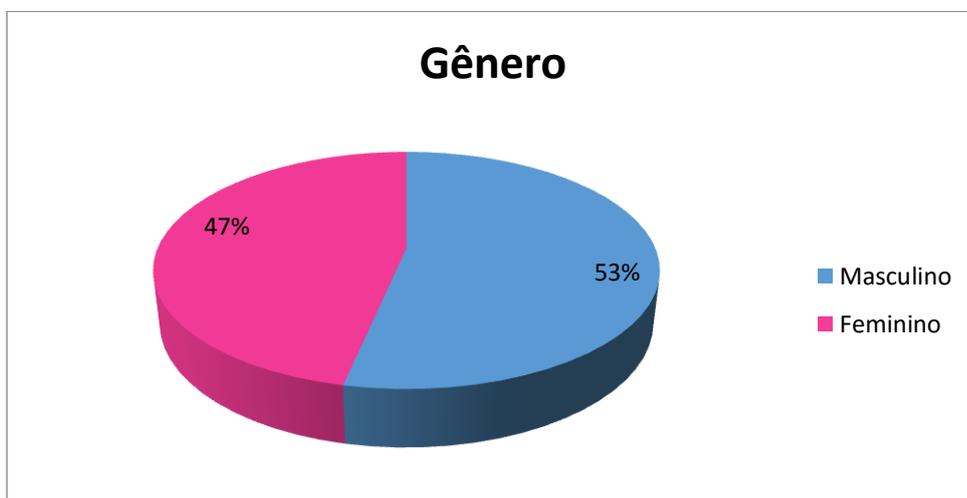
Tabela 11: Elementos básicos da narrativa (grupo 4)

Narrador	Personagem	Lugar	Tempo	Enredo
Caio	X	X	X	Bem desenvolvido
Matheus	X	X	X	Pouco desenvolvido
Luan	X			Não desenvolvido

Como resultado dos estudos em relação ao grau de escolaridade, chegou-se à conclusão de que não está vinculada a ele a arte de narrar. O que pode estar interferindo, ao menos na Comunidade do Julião, é na duração da narrativa, pois foi observado que as duas pessoas sabem narrar, mas ambas não demonstraram preocupação com o ouvinte.

Caminhando para o fim das análises, vejamos o gráfico a seguir:

Quadro 05: Gráfico referente ao gênero dos narradores



Foram oito os narradores masculinos e sete os narradores femininos. Apesar de o número de homens ser maior do que o número de mulheres, foi observado que elas são mais dispostas a contar as histórias, e os homens mais inibidos. Ao falar do projeto para a comunidade, eram as mulheres quem primeiro se disponibilizavam e ainda convenciam os

homens a participarem também, isso na idade adulta. Das crianças somente uma menina aceitou o desafio de enfrentar a câmera e contar o que sabia. Três meninos participaram das entrevistas gravadas em audiovisual, e um somente para a entrevista escrita. Seu Álvaro foi bastante resistente na hora de gravar, parte de sua entrevista está gravada apenas em áudio, só da metade em diante ele se deixou gravar pela câmera.

CAPÍTULO III – REGISTRO E ARQUIVO DE NARRATIVAS ORAIS

Este capítulo tem o objetivo descrever desde o processo de coleta até o registro das narrativas coletadas na Comunidade do Julião. Para tanto, foram conceituados registro e arquivo, trazendo um breve histórico sobre cada um dos dois, e as narrativas retiradas das entrevistas, onde cada uma recebeu um título de acordo com a história contada.

3.1. Registro e arquivo: da argila à tela

O homem sempre teve necessidade de registrar e, algumas vezes, não se pergunta o porquê e nem para quê. Mas são visíveis as marcas deixadas por ele nas paredes, calçadas, prédios públicos, e outros lugares de uma cidade. Essa necessidade não surge por causa do crescimento das cidades, da falta de conhecimento, ou de aspectos ligados à condição econômica, antes, é identitária.

É imprescindível saber que o ato de registrar necessita de duas coisas – a superfície onde ficará o registro: caderno, lousa, livro – conhecida como suporte; e o instrumento que fará esse registro: grafite, giz, editor – que será chamado de instrumento de escrita. Não há como escrever um nome num caderno – suporte que serve para anotações com fins de fazer lembrar e que não é documental – sem ter em mão um grafite ou uma caneta.

Até a pena de pato já serviu como instrumento de escrita, e segundo Chartier (1998, p.16) aquele que escreve com ela na era da pena, “produz uma grafia diretamente ligada a seus gestos corporais”. Para a caneta ou o grafite, nesse exemplo, o caderno é um suporte compatível, pois ambos conseguem riscá-lo sem sacrifícios, logo, o caderno é compatível para os dois. Sem essa relação entre os materiais torna-se impossível obter um registro.

Outro suporte bem interessante é a lousa. Acrescentemos aqui o quadro branco, substituto dela. Aquela era riscada pelo giz (muitos alunos que começaram a vida escolar de 2011 em diante nem tiveram contato com ela), já este – o quadro branco – pelo pincel, apropriado para quadro branco, pois pode ser apagado facilmente. É fácil notar que o giz não é compatível com o quadro branco e nem o pincel com a lousa, pois esta possuía o fundo bem escuro. O importante, além disso, é saber que tanto o suporte quanto o instrumento de escrita são apropriados para informações mutáveis e se adequam entre si.

Esses objetos utilizados para registrar não são englobados numa denominação simples, uma vez que podem ser trocados de acordo com a necessidade do escritor. Até um dedo pode servir como instrumento de escrita e a areia como suporte. Quem ainda não viu alguém

escrevendo o nome na areia com o dedo? E o mais interessante é que, após esse feito, vem a água e apaga. É obvio que quem faz isso não tem intenção de perpetuar suas marcas ali, caso tivesse escreveria num outro suporte e não na areia. A própria pele humana pode ser um suporte, difícil é apagar nela as marcas feitas com a tinta e o bisturi.

Dos registros deixados pelo homem têm-se relatórios bem antigos. Inicialmente, eram representações pictóricas deixadas em paredes de cavernas e outras superfícies que faziam parte do cotidiano de povos antigos. “Não muito tempo atrás, em 1940, representações pictóricas de cervos e bisões foram descobertas nas cavernas de Lascaux, no Sudoeste da França, datando de 15.000 a.C” (LYONS, 2011, p.16). Na Espanha foram encontradas imagens de renas datadas da Era Glacial, e outras pinturas rupestres feitas com ocre que precedem em muitos anos os exemplos anteriores.

Depois de essas paredes de cavernas serem usadas como suporte, foi o papel quem ganhou o recorde de maior tempo na sociedade para fins de registro de importantes informações. A igreja e a escola, por exemplo, são instituições que perpetuam: os costumes, os ensinamentos, os registros de pessoas, por anos e até séculos. Porque unido ao papel está o sistema da escrita. Ambos passaram por muitas modificações, e já foram bem diferentes da imagem que temos do papel branco e da lapiseira de cuja ponta emana tinta.

A tinta também passou por diversos processos. Para sair preta, foram estudadas várias tecnologias até conseguirem o efeito com clara de ovo, verniz e fuligem de lamparina. E se a intenção de quem escreve for definir posse, registrar para preservar certamente escreverá com um instrumento de escrita de excelente fixação num suporte duradouro que será arquivado em lugar propício a sua conservação e consulta.

Segundo Lyons (2011, p.16) a escrita como sistema de registro completamente codificado surgiu por volta do início do quarto milênio a.C. nas burocracias urbanas centradas em templos, no sul do atual Iraque. Era feita com um instrumento pontiagudo em placas de argila ainda úmidas e depois eram colocadas ao sol para secar, tinham o tamanho aproximado de um cartão de crédito e cabiam na palma da mão. Na China antiga, por exemplo, o registro era feito em casco de tartaruga e os livros mais antigos reconhecidos – datam do século VI a.C. – foram os *Jiance* ou *Jiandu* feitos de tiras finas de bambu ou madeira. Essas tiras eram secadas pelo fogo, e enroladas em feixes, muito vulneráveis à podridão, pois a tinta entrava em processo de esmaecimento muito rápido. Essa tecnologia foi bastante usada, mesmo depois da invenção do papel, no século II d.C. Depois, surgiu a seda, que foi muito bem aceita, porque absorvia a tinta e proporcionava um fundo branco ao texto, isso durante 475-221 a.C.

Enquanto isso, Grécia, Roma e Egito usavam papiro, a primeira forma de papel, na produção de livros. Esse último era quem mantinha o monopólio e exportava para todo o mediterrâneo. Há registro dessa tecnologia desde 460 a.C. e sua matéria-prima era o caule do junco, uma planta pantaneira. Conforme Lyons (2011, p.21), “como a folha de papiro era composta de duas camadas sobrepostas, a direção das fibras era diferente em cada lado; daí os termos *recto* (quando estavam dispostas na horizontal) e *verso* (quando na vertical)”.

A partir do século I d.C. surge o registro em pergaminho, cuja matéria era a pele de animais. Muitos eram mortos para este fim: coelhos, carneiros, bois, cabras – mas a pele preferida era a do vitelo.

A Bíblia de Winchester, por exemplo, consumiu 250 peles de vitelo, mas 2 mil foram reunidas, e dessas apenas as melhores foram usadas. [...]. No período Romano tardio e no início do período medieval, os documentos oficiais e manuscritos de luxo eram escritos em tinta de ouro e prata sobre pergaminho tingido ou pintado com caros pigmentos purpúreos, como expressão de poder e riqueza imperial (LYONS, 2011, p.22).

Ambas as tecnologias foram usadas concomitantemente por determinado tempo, mas o pergaminho, aos poucos, foi mostrando crescimento na preferência do povo. Isso se deu por causa de sua superioridade em relação ao custo econômico para Roma, pois não precisava ser exportado do Egito; à durabilidade, já que o papiro se decompunha mais rápido com a umidade, o que inviabilizava seu uso em alguns lugares; e ao manuseio, pois o pergaminho podia ser dobrado e unido por costura, enquanto o papiro era guardado em rolo – o que, dependendo do tamanho, não permitia obter o sentimento de totalidade do texto, ou precisava de duas pessoas para abri-lo. Já o pergaminho possibilitava a totalidade e, ainda, a reutilização – através da raspagem do texto o material ficava pronto outra vez.

Esse sentimento de totalidade como temos hoje em relação ao livro só foi possível completamente com a chegada do registro em códice. Este não possuía o formato do rolo, suas páginas eram individuais e, ao invés de serem desenroladas, eram viradas. Pela primeira vez, um formato, uma tecnologia permitiu a escrita de ambos os lados, diminuindo a necessidade de material, facilitando a leitura, a anotação e o manuseio.

Os Cristãos, ao contrário dos judeus, preferiam o códice. Um livro bem interessante que se insere nesse formato é o de Kells, que faz parte de um estilo artístico da monarquia irlandesa. “Os cristãos primitivos estiveram entre os primeiros a adotar o códice: os primeiros códices em papiro da Bíblia datam do século II” (LYONS, 2011, p.36). A forma onde eram guardadas as leis dos judeus era em rolos.

Os manuscritos judaicos mais antigos, por exemplo, estão na forma de rolo e foram escritos em grego, hebraico e aramaico, encontrados no Mar Morto. São textos sagrados, interpretações, e outros históricos da formação de povos que não foram inseridos na Bíblia. Na Idade Média, os judeus eram acostumados a ouvir a lei através da leitura em voz alta, tanto nos templos quanto nas meditações feitas em casa.

Os livros eram, ainda, copiados à mão, pois havia muita resistência por parte dos judeus e mulçumanos quanto ao texto impresso. O primeiro registro em livro impresso surgiu em 1475, na Itália e, somente no século XVII, Johannes Gensfleisch zur Laden zum Gutenberg se tornou um nome conhecido desde então, por ser atribuída a ele a invenção da imprensa com tipos móveis, no entanto, foram encontrados registros mostrando que ela existia na China desde o século XI.

A imprensa foi se aprimorando por meio do surgimento de novos materiais. Isso melhorava a qualidade dela, e propiciava o aumento da quantidade de impressão numa escala cada vez menor de tempo. No século XV, a população aumentou e, com ela, a quantidade de leitores e a necessidade de documentos impressos utilizados pelas instituições diversas.

Houve uma época no Egito em que as pessoas não conseguiam decodificar o que estava escrito nos registros. Na Alemanha, somente 4%, aproximadamente, da população sabia ler. O registro só possui significado quando existe a possibilidade de ser decodificado, do contrário, perde sua função, pois quem registra, não necessariamente registra para si.

A palavra egípcia mais comum designando leitura, *dj*, também significava “declamar”[...]. A leitura no Egito antigo também era duplamente oral: não só a escrita era entendida como discurso visível, mas toda a leitura era fisicamente realizada em voz alta por meio de um escriba-testemunha (FISCHER, 2006, p.26).

Qualquer livro naquela época era caro, alguns tidos como sagrado não podiam ser reproduzidos de qualquer forma – nem impressos nem escritos em qualquer tamanho. Havia medo nas pessoas de que essas mudanças acabassem com esses livros. Em relação a esse tamanho, segundo Manguel (1997, p. 150), o Código de Leis da Média Assíria, que mede 6,2 metros quadrados – é um livro para ficar fixado e demonstrar através do tamanho dele o poder da lei, ou seja, não somente para torná-lo inacessível.

Uma cópia dos registros da Bíblia custava o salário de um mês de trabalho de um trabalhador médio, e isso porque era sem a encadernação. Os textos impressos, inicialmente, assim como os escritos à mão, eram densos visualmente, pois não tinham a estrutura comum a

nós do século XXI. Muitos não estavam divididos em parágrafos, eram desprovidos de pontuações, espaço nas laterais, e espaço entre as palavras.

A imprensa conhecida na época de Gutenberg perdurou por volta de quatrocentos anos após sua morte em 1547, mesmo com tantas mudanças ocorridas na sociedade a prensa resistiu. Porém, em 1830, as mudanças acentuadas pela industrialização foram inevitáveis, as prensas, antes de madeira, foram substituídas pelas de metal. Estas eram mais caras, porém, mais duradouras. Além disso, tornou mais rápido o processo de impressão, o que incidiu no barateamento dos livros.

O papel também contribuiu para isso, uma vez que seu processo de produção se tornou mais desenvolvido e barato com as máquinas de produção de papel em rolos. O aumento do número de leitores foi outro indicador para o crescimento do consumo de livros.

A própria fabricação de papel passou por uma revolução. Henry Fourdrinier (em 1799) e Thomás Gilpin (em 1816) haviam construído máquinas que produziam rolos contínuos de papel de grande largura. Nos anos 1860, a extração de papel da polpa de madeira, em vez de trapos, tornou-se tecnologicamente viável, e o preço do papel, que sempre fora uma despesa substancial, caiu progressivamente, reduzindo de maneira drástica o custo na produção dos livros (LYONS, 2011, p.133).

A população renovada, nascida em meio às novas descobertas, não precisou se desfazer emocionalmente do que era antigo – o livro manuscrito. As páginas se tornaram mais brancas com a utilização do cloro, as letras já vinham impressas, quase todas obedecendo a uma universalidade, pois em séculos anteriores a 1830, vinha separada da capa, a fim de agradar ao cliente abastado, que fazia sua própria encomenda de capa conforme seu gosto e possibilidades financeiras.

Não só a beleza da capa, mas outras características foram se tornando critérios de escolha do livro, pois, o homem busca proporcionar, para si e para outros, formas que atendam suas necessidades de bem-estar e conforto. Essa sensação de conforto no ato da leitura, segundo Manguel (1997), foi o que impulsionou a encomenda de um livro de horas¹²⁹ do tamanho da mão de Ana da Bretanha para o casamento dela.

Não só foram transformados os tamanhos do suporte, como o próprio móvel utilizado no ato da leitura. O atril, uma espécie de estante, e a escrivaninha são exemplos de móveis que passaram por transformações para tanto. Manguel (1997, p.155) descreve: “Uma gravura do século XIV, mostra um estudioso numa biblioteca cheia de livros, escrevendo numa mesa-

¹²⁹ Livro contendo orações, calendários das festas e dos santos, livro devocional.

com-atril octogonal que lhe permite trabalhar de um lado, depois girar a mesa e ler os livros já dispostos nos outros sete lados”.

E não somente móveis proporcionam conforto, a própria posição do corpo no ato de ler dá essa sensação de comodidade, no entanto, há alguns lugares que não permitem esse conforto. Numa repartição pública, por exemplo – onde os livros são guardados em bibliotecas, geralmente são catalogados e alocados em prateleiras a fim de facilitar o uso, algumas vezes precisando de escadas para alcançá-los – não se pode consultar um livro de qualquer forma, nem o ler na posição que julgar melhor.

Mas voltando aos objetos, outros inventos possibilitam hoje essa comodidade. Na década de 1990, surgiram os primeiros celulares. Eram aparelhos grandes que não possuíam muitas funções. Com o passar do tempo, sua tecnologia foi passando por inovação, o que possibilitou tirar fotos, acessar a internet, baixar livros e também armazenar arquivos.

Essa tecnologia quando alcançou o livro, causou conforto para uns e desconforto para outros. Primeiro, porque, o registro em papel começou a perder espaço. Mas assim como a letra impressa no livro foi rejeitada em detrimento da letra manual, a letra eletrônica, em parte, também é rejeitada em detrimento da impressa. Algumas pessoas – as mais tradicionais – não se conformam ainda em ver alguns livros serem lidos no suporte eletrônico, principalmente quando se trata de livros sagrados como a Bíblia, pois é no papel, no formato de livro que ela é vista como sagrada. Mesmo assim, muitos jovens, embora advertidos por líderes das igrejas, preferem a leitura dela em suporte eletrônico.

Mas ao saber que o livro é o formato mais utilizado para o registro de textos da Bíblia, percebe-se o quanto esse suporte vem sofrendo mudanças. Muitos livros já não estão sendo folheados, de suas páginas não saem mais cheiro de papel. Os textos passaram a ser rolado na tela do computador, celular, *tablet*. O instrumento de escrita deixou de ser a tinta da caneta e passou a ser o teclado do computador, o editor de texto. O livro não tem como objetivo informações mutáveis, quanto maior o tempo de durabilidade, melhor. Dessa forma, o registro varia de acordo com a necessidade de quem registra.

Os livros documentais, por exemplo, inicialmente, foram guardados na biblioteca das escolas, e de outras repartições públicas e até em residências, os arquivos documentais, por exemplo, tiveram início na casa das pessoas ilustres. Essa casa, esse lugar de arquivo encontra significado no termo *arkheîon* – “inicialmente uma casa, um domicílio, um endereço, a residência dos magistrados superiores, os arcontes, aqueles que comandavam”. Esses cidadãos tinham o poder político de representar e fazer a lei. Por isso, os documentos oficiais eram

guardados na casa deles, aos cuidados dos arcontes – que também tinham a competência de interpretar as leis. E foi assim que os arquivos nasceram.

Em todas as instituições organizadas é possível encontrar um arquivo. Mas quando pensamos na palavra arquivo, vem à mente a imagem de armários com gavetas cheias de pastas organizadas desde a letra A até a Z. No entanto, o que se pretende mostrar é que vai muito além desse simples conceito criado em nossas cabeças. Segundo Derrida (2001, p.12), a palavra arquivo carrega em si a memória do nome *arkhê*, dois princípios: o começo e o comando. Este é o princípio nomológico, ou seja, o lugar a partir de onde é dada a ordem, onde os homens e os deuses comandam. Já aquele, o princípio físico, histórico ou ontológico: onde as coisas começam.

E sobre esse lugar onde eram guardados os livros, a biblioteca tem a função de guardar, proteger e preservar o uso do livro. A Biblioteca de Alexandria, por exemplo, tinha guardados em si mais de 500 mil rolos, e apenas 120 catalogados. Sendo que uma obra era composta de 20 a 30 rolos. O que deixa claro o trabalho de busca e o tempo dispensado. Conforme Lyons (211, p. 26), ela objetivava manter em si todo o tipo de obra existente.

Mas hoje, não só os livros documentais como o próprio lugar de arquivo têm mudado. A França também teve esse objetivo, e pretendia restabelecer esse projeto de Alexandria, dessa vez com textos eletrônicos. Esse objetivo pareceu até mais possível, pois o meio eletrônico não sofre com as ações do tempo.

Mas se engana quem pensa que o registro neste formato não pode ser perdido. Afinal, em termos de bons conteúdos, tantos trabalhos foram perdidos porque não foi pensado numa forma de suporte durável, ou não houve a preocupação de acompanhar a inovação da tecnologia dele em uso. E, embora poucos anos tenham passado desde 2000, foram suficientes para quase não nos lembrarmos de um suporte de armazenagem muito usado: o disquete 3½ polegadas (90 milímetros). Nele, guardávamos textos, fotos, planilhas e até cópias de documentos, tão guardados que, aos poucos, essa tecnologia foi sendo trocada pelo *Compact Disc* – CD, o substituto do *Long Play* – LP, mais conhecido como disco de vinil, e quase não notada por alguns. Fato percebido quando o computador antigo precisou ser deixado para trás e o novo computador já não possuía uma entrada compatível para o uso do velho disquete.

Quanto ao aparelho responsável por passar a informação para o suporte – como o computador, ou fazer sua conversão em imagem – como o aparelho de videocassete também mudaram. Lembremo-nos de que o vídeo, antes, era assistido em fita no aparelho de videocassete, depois em CD no aparelho de DVD, agora pode ser colocado no computador ou, e pode sair do espaço da casa para qualquer lugar quando é baixado no celular, ou colocado

no *pen drive* e outras tecnologias semelhantes. Também, quanto a essa inovação, não precisa necessariamente desaparecer um suporte, para aparecer outro, concomitantemente, ao celular, o *tablet*, o *pen drive*, o CD todos coexistem e com a mesma função quanto ao registro: guardar.

A internet permite carregar vários vídeos e livros – *e-books* – basta dar um clique para ter acesso, além disso, o custo é baixo. Para assistir vídeos, o celular é mais utilizado do que outros recursos eletrônicos, principalmente, porque é a última coisa que uma pessoa costuma esquecer ao sair de casa, e ao esquecer, dificilmente, não volta para buscar. Por isso, ao invés de individualizarmos os aparelhos, chamaremos todos de tela, pois é ela a porta de saída deles.

As telas possibilitam, estão disponibilizadas em vários tamanhos, e possibilitam: compartilhar o conhecimento e interagir – mais ainda se for através do projetor de imagem que alcança um número maior de pessoas, enquanto a do celular, no máximo, dois ou três indivíduos assistiriam aos vídeos num único aparelho, ao mesmo tempo e em condições desiguais.

Essas mudanças de forma refletem diretamente no comportamento do ser humano. Das fotos, antes arquivadas em grandes e grossos álbuns de família, gradativamente, passaram a ser guardadas na memória do computador, no disquete, no CD-ROM, no *pen drive*. Muitas mensagens enviadas através de cartas, que antes chegavam por correios, passaram a chegar via e-mail, *Facebook*, *whatsapp*, que chegavam escritas, agora chegam em mensagens de voz, em vídeos. Por isso, a preocupação com a armazenagem de um livro, de um documento, de um CD exige certo cuidado. Esse cuidado não é entregue às mãos de qualquer pessoa.

3.2 Da imagem no livro à imagem com movimento

Retornando ao início do capítulo, lembremo-nos de que a imagem precedeu ao sistema de escrita, ainda que não houvesse beleza, precisão e técnica. Essa última foi sendo aprimorada com o passar do tempo. Por exemplo, no século XIX, as ilustrações passaram a ser mais frequentes nos livros. Antes disso, elas já existiam, porém ficavam separadas dos textos, provavelmente por serem produzidas por processos e em lugares diferentes de como e onde eram feitas as impressões da página escrita.

Na China, a cópia mais antiga de imagem impressa encontrada faz parte de um livro intitulado *O Sutra de diamante*. É o livro impresso mais antigo, que data de 868 d.C, muitos séculos antes de Gutemberg inventar seu método de impressão. “Após o século VII, por

exemplo, o método chinês de impressão com blocos de madeira passou a ser usado no Tibete, mas copiar e ilustrar os sutras ainda eram ocupações de elevado prestígio” (LYONS, 2011, p. 34).

No Egito, um papiro – a primeira forma de papel – já possuía imagens contidas no livro da morte, em, aproximadamente, 1375 a.C.. Quanto às imagens coloridas, um pergaminho sobre a parábola da vinha é rico delas e “faz parte do Códice Áureo, um evangelho iluminado produzido [...] na Abadia beneditina de Echternach (hoje no Grão-Ducado de Luxemburgo)” (Lyons, 2011, p. 22).

No Japão, a edição de Harusana Yamamoto possuía 227 ilustrações que eram xilogravuras datadas de 1650. Dessa vez, a imagem combinava com o texto, e ele com ela. E entre esse interstício de tempo, até o fim do século XIX, muitas mudanças ocorreram em vários lugares do mundo, em relação à imagem. Mas foi em 1895 a maior delas: a imagem ganha movimento.

O primeiro registro em câmera foi feito pelos irmãos Lumière em 1895, intitulado *A saída da fábrica*. Era simples, nada mais do que cenas do cotidiano. Não havia a presença da voz. “... cenas que os pioneiros gravaram com uma revolucionária câmera que registrava em 24 quadros por segundo o que acontecia a sua frente. A câmera era pesada. Não permitia nenhum movimento” (LUCENA, 2012, p. 9).

Em seis de outubro de 1927, a voz entra em cena nas imagens de cinemas, pois antes disso já se associava à imagem em encenações religiosas ou profanas. Outros filmes tentaram conseguir a técnica, mas os equipamentos construídos na época não possibilitaram.

Era o sistema *Vitaphone*, [...] uma enorme e desajeitada máquina de projeção que imortalizou o filme *The Jazz Singer* (1927), com Al Jonson, se utilizando de um disco de 78 rotações, [...]. Suas inconveniências eram grandes, a baixa qualidade da amplificação da época, o chiado do disco e a eminente possibilidade do disco riscar com o tempo e tirar o filme de sincronismo. Mas foi um sistema pioneiro [...] que agora poderia incluir não só música, mas também diálogos e ruídos (SALLES, 2002, s/p).

Na época da Segunda Guerra Mundial, as câmeras já possibilitavam serem carregadas no ombro, e dispensavam a forte luz dos refletores. Gradativamente, essa tecnologia foi melhorando. O som e a imagem ficaram bem mais sincronizados devido ao surgimento de um sistema magnético em substituição ao dispositivo de gravação óptica. Hoje, a imagem e o som tornaram-se fortes aliados tanto para a criação quanto para a recriação.

Este trabalho, por exemplo, foi possibilitado pela existência da câmera e seu fácil acesso, incluindo o custo financeiro, mas está mais ligado ao documental, que “... registra

fatos, personagens, situações que tenham como suporte o mundo real (ou mundo histórico) e como protagonistas os próprios ‘sujeitos’ da ação...” (LUCENA, 2012, p. 11). Sendo assim, chamaremos o produto deste trabalho de registro em audiovisual. Ainda que Lucena (2012, p.16) ressalte que:

A meu ver, resumindo e ao mesmo tempo ampliando o que foi dito, o documentário, diferentemente da ficção, é a edição (ou não) de um conteúdo audiovisual captado por dispositivos variados e distintos (câmera, filmadora, celular), que reflete a perspectiva pessoal do realizador – ou seja, nem tudo é verdade no documentário –, envolvendo informações colhidas no mundo histórico, ambientações quase sempre realistas e personagens na maioria das vezes autodeterminantes (que falam de si ou desse mundo), roteiro final definido e não necessariamente com fins comerciais, com o objetivo de atrair nossa atenção.

Almeida (2001) afirma que, numa sala de aula, um filme é assistido mais como forma de ilustração, assumindo assim um papel secundário inferior à exposição oral do professor. Ao tomar conhecimento deste uso, foi definido que o trabalho em audiovisual não será para fins didáticos, embora possa ser usado para esse fim, mas para difundir as narrativas da Comunidade do Julião.

Pois é por meio de um conteúdo de um filme que se pode aprender ou tomar conhecimento pela primeira vez de algum assunto, no entanto, ao adentrar a sala de um cinema não é perguntado a uma pessoa o grau de escolaridade que ela possui e nem sua idade para fins de compreensão. Este último é só para indicar a idade apropriada às cenas do filme, o que não proíbe de as crianças assistirem em casa mediante autorização dos pais.

Isso porque, independentemente do instrumento em tela, a imagem e o som da tela são capazes de mudar comportamentos, ditar regras, ainda que implicitamente: “uma das coisas de que se fala muito é da influência da televisão e do cinema, a forte absorção e reprodução de comportamentos e visões de mundo expressas nesses meios. As imagens e os movimentos sonorizados do cinema e da televisão têm um grau forte de ‘realidade’” (ALMEIDA, 2001, p.9).

É notória essa confusão na cabeça do telespectador em relação à realidade. Muito já se ouviu falar sobre a moda impregnada nos adolescentes através das novelas, tais como: roupas, cortes e cor dos cabelos, gírias, produtos tecnológicos de última geração. Não é difícil encontrar um deles pelas ruas com cortes inusitados imitando seu ídolo seja ele cantor ou jogador de futebol. Certamente, em tempos em que só havia rádio isso não aconteceria.

A imagem da televisão, dentre as tecnologias em tela, é a mais utilizada na comunidade do Julião, acompanhada da presença de som. Apesar de a imagem por si só

transmitir mensagens, assim como um texto em quadrinhos sem fala, ou desenhos animados como Tom e Jerry, o som ajuda dando força à expressão facial e gesticulações, enfim, nas ações. Não se pode esquecer de que os sons da fala, as situações por que passam os personagens de filmes e novelas, na televisão, são iguais aos sons produzidos e situações pelas quais passa o telespectador, fazendo com que este se enxergue na televisão.

Essa similitude tão importante nos faz lembrar longas aulas sobre determinado conteúdo e diálogos informais. Certa vez, numa sala de aula, foram usados dois tempos de aula de aproximadamente 45 minutos cada cujo assunto era texto narrativo. Após conceituar, mostrar os elementos constitutivos e exemplificar, o professor perguntou oralmente o que havia terminado de falar. E verificou, então, que os alunos não tinham atentado para detalhes e nem se esforçaram para aprender, de certo que não aprenderam, não conseguiram compreender.

Então foi visto que era preciso planejar uma nova aula, e dessa vez, começaria diferente, começaria por um vídeo, este seria o principal assunto. Ao saber que seria passado um vídeo, todos os alunos se esforçaram para assistir, inclusive afastando suas cadeiras para mais próximo da televisão e pedindo para apagar as luzes. Após essa aula, foi mostrado a eles quando e onde se passou a história, as personagens com seus respectivos nomes, a fala que vinha de alguém que não aparecia na história e a história propriamente dita.

A surpresa veio após repetir as perguntas feitas na aula mal sucedida, desta vez, todos quiseram falar ao mesmo tempo, todos souberam localizar os personagens, souberam dizer onde e quando ocorreu, contaram a história resumidamente, encontraram o narrador. E tudo com muita riqueza de detalhes, sem precisar estudar para isso. O oposto da aula sem imagem e som.

Contudo, sabe-se que filme é produto de uma indústria e até pequenos vídeos podem ser bem elaborados, “é um produto industrial de fábrica, no qual trabalham pessoas que fazem determinadas partes, e não outras, num determinado momento da produção, e não conhecem o todo do produto que está sendo fabricado” (ALMEIDA, 2001, p. 12). Já o material em mídia proveniente deste projeto não foi construído por uma equipe de profissionais de imagens e sons, daqueles que produzem as mais sofisticadas maquiagens e efeitos, ou possuem os melhores recursos materiais e condições de trabalho, ou sabem o uso da posição da luz e suas teorias.

É imprescindível frisar que esses efeitos vão, aos poucos, sendo modificados. Titanic (1998), de James Cameron, foi um filme que ganhou naquele ano vários prêmios no Oscar. Passados dezessete anos, os efeitos já não são mais tão envolventes e impactantes como

dantes. No entanto, aspectos como a história da época, as vestimentas e comportamentos dos personagens a representação das classes ali representadas continuam comoventes, porque uma imagem guarda dentro dela aspectos de um povo, de uma paisagem, que podem até não mais existir, e a imagem da face dos atores, na época bem mais jovens.

O gosto pelo antigo pode estar presente em algumas pessoas e noutras não, o que implica a aceitabilidade de uma obra. Acrescenta-se a essa aceitabilidade o fato de a pessoa não precisar imaginar descrições, pois tudo que está na imagem pode ser visualizado, como precisamos fazê-lo ao ouvir uma história ou ao lermos um romance sem imagens. O filme requer atenção, embora deixe a falsa sensação de total distração.

Sentada em frente à televisão, uma pessoa pode ter a sensação de que não gasta energia como para ler, por exemplo. Isso porque, em frente a uma televisão, as informações vêm prontas, ou seja, não exigem raciocínio de quem assiste e os olhos e os ouvidos realizam suas atividades sem que pareça haver esforço para tanto. No entanto, Almeida (2001), assegura que:

O espectador de cinema ou de televisão passeia ingênuo e desarmado, buscando seu prazer em meio a um mercado que não é ingênuo, nem desarmado. [...] O cinema e a televisão não são meios democráticos como a sua intensa difusão popular parece mostrar (ALMEIDA, 2001, p. 23).

Por isso, filmes alcançam um bom público compreendendo leitores e não leitores. Culturalmente, as pessoas gostam de ver filmes. E onde há um canal aberto de televisão que reproduzam filmes, certamente, já foi utilizado por elas.

Quem, na infância, não assistiu a um filme com princesas, castelos, onde sempre no final a bruxa morria ou era presa e um lindo príncipe aparecia e se casava com a princesa e eram felizes para sempre? E se pudesse repeti-lo em vídeo cassete, repetiria por várias vezes? Em casa, na ausência de tais tecnologias, muitas crianças gostam de ouvir histórias parecidas por muitas noites, e até se deixam ficar contrariadas se o final ou outra parte da história for mudada.

Diferentemente do conto de fadas e distante de intenções mercadológicas, esse registro das narrativas através de filmagens busca mostrar à sociedade os narradores encontrados na Comunidade do Julião e seus repertórios de narrativas “desta região”, além de mostrar a eles próprios como estão inseridos no contexto do qual fazem parte e a importância de sua narrativa – única. Ou seja, esse narrador não é um mero espectador, mas um participante

efetivo. Além disso, não será tratado como ator de cinema ou de televisão que encara suas cenas como um trabalho mercadológico pelo qual recebe pagamento.

3.3 Registro e arquivo das narrativas orais coletadas na Comunidade do Julião

O caboclo amazônico busca, ainda que não totalmente, eternizar suas manifestações folclóricas, suas narrativas e seus costumes através da oralidade. Faz isso porque enquanto humano busca uma forma de registrar, tornar eterna sua existência. Esse costume teve início nos povos primitivos que aqui viviam na época da chegada dos portugueses ao Brasil – os indígenas. Muitas de suas narrativas foram ouvidas e registradas no papel, outras somente na memória e por isso, talvez, tantas tenham se perdido.

Sabe-se que assim como as línguas eram muitas, as narrativas também o eram. Cada tribo tinha uma história de criação do mundo, assim como para outras narrativas, adequando-as de acordo com suas necessidades. No entanto, várias tribos foram dizimadas, devido a isso, muitas dessas histórias não chegaram e nem chegarão até nós, porque elas eram arquivadas na memória, uma vez que a escrita convencional não existia no Brasil.

3.3.1 Coleta: gravação em áudio e vídeo, e entrevista.

A coleta de material se deu por meio de entrevistas. A maioria delas foi feita em casa a pedido do entrevistado. Poucos procuraram uma paisagem natural ou outro ambiente, mesmo assim, era no fundo do quintal, ou um lugar mais reservado, uma vez que não queriam ser vistos pelos vizinhos. As crianças e os idosos precisaram de uma atenção maior, uma conversa antes. Gostavam de ver como estavam se saindo diante das câmeras após a filmagem, e sempre se arrumavam para isso.

A linguagem da pesquisadora precisou se adequar, e foi feito tudo ao alcance para que os participantes se sentissem mais à vontade.

O roteiro da gravação também foi a entrevista. Foram gravadas 20 delas e uma somente escrita. As que foram gravadas apresentam tempos diferentes de duração, pois algumas se estenderam mais com as observações colocadas pelos participantes. Dessas 21, uma é do morador mais antigo e nela consta a história do lugar, pela primeira vez contada por alguém que ali mora. A partir delas foi criado um DVD intitulado NARRADORES do Julião, sob direção e roteiro de Cíntia Sabóia; produção de Kelcimar Sabóia, edição de Alexandre Torres e revisão do Prof. Dr. Marcos Frederico Krüger Aleixo, com duração de 51 minutos,

38 segundos e 23 centésimos. As entrevistas coletadas se encontram integralmente nos apêndices deste trabalho para fins de utilização por outros pesquisadores ou por quem tiver interesse em tomar conhecimento, incluindo os participantes.

As perguntas na gravação foram feitas conforme as do questionário. Além das pertinentes ao tema, foram feitas as que autorizavam a filmagem do trabalho e o uso da imagem dos participantes. E foram todas gravadas. O que só se tornou possível devido ao projeto ter sido anunciado previamente em reunião comunitária que acontece na comunidade em todo o primeiro domingo de cada mês. Nessa reunião foi perguntado quem gostaria de participar, a estes foi explicado o projeto, desde sua finalidade e os procedimentos de sua execução.

Mas a alguns dos entrevistados fizeram-se outras perguntas que, mesmo sendo simples e objetivas como as do questionário, algumas vezes deixaram dúvidas, ao passo que, cautelosamente, foram sendo sanadas. No decorrer da gravação foram surgindo outras perguntas, a fim de sanar possíveis dúvidas de compreensão, desta vez, por parte da pesquisadora. Após o término da gravação das entrevistas, as pessoas assinaram seus nomes abaixo das perguntas conforme consta em anexo e algumas registradas por fotos. Não houve problemas quanto a essa assinatura, pois até as pessoas que afirmaram ser analfabetas, logo surpreenderam o olhar ao vê-las assinando seus nomes por completo.

Essa entrevista fez surgir, na maioria das vezes, o que há de mais precioso e profundo na memória em relação às narrativas, e outras pouquíssimas vezes calou quem não teve coragem de dizer o que gostaria diante das câmeras.

... é natural que as entrevistas pautem-se em um roteiro básico, que pode ser modificado diante dos narradores, pois são eles que constroem as teias para o diálogo avançar. Assim, quem conduz o trabalho deve conhecer a matéria e ser sensível ao tratamento da questão, para encontrar a questão necessária; reconduzir alguns temas; escolher a palavra compreensível naquele universo; conceber várias formas de expressar a pergunta; saber calar e ter disponibilidade de ouvir, de ouvir muito; não deixar a ansiedade saltar caminhos e chegar à pergunta final, sem ainda ter chegado ao fim da entrevista; deixar espaços abertos para uma próxima entrevista, ou um próximo pesquisador; para tantas outras aprendizagens e trocas (FARES, 2010, p. 24).

No entanto, algumas vezes, assim como numa conversa, onde todos falam ao mesmo tempo e ainda assim conseguem se compreender, as falas se cruzaram, mesmo com todo o cuidado investido.

3.3.2 Transcrição: do oral ao textual; edição de áudio e imagem; e catalogação

Foi feito neste capítulo o registro das narrativas encontradas na comunidade. Sucedeu que todos os vídeos estão com as falas dos entrevistados transcritas, no modo habilitado ou desabilitado. Esse modo é onde o telespectador tem a opção de escolher assistir aos vídeos com legenda ou sem legenda. Essa forma foi pensada para deixar mais à vontade quem assiste. Assim pode ser lida por quem não escuta, e ouvida por quem não lê ou não enxerga. É indispensável o ato de ter duas vezes o mesmo texto: uma em audiovisual outra escrita, pois assim qualquer leitor deste trabalho terá acesso ao texto do produto em audiovisual.

Nem nos vídeos e nem no texto escrito houve correções de vocabulário, nem de vícios de linguagem, apenas foram retirados momentos de silêncios prolongados, de falas de terceiros e algumas palavras excessivamente repetidas como: “né”, “particularmente”, “assim” etc. Procurou-se manter todas as características vernáculas dos moradores e até mesmo músicas locais tocadas em casas vizinhas no momento da gravação, a fim de manter características culturais do lugar.

Outros acontecimentos inoportunos foram deixados: o cantar do galo na hora da pergunta, o material que ao cair imediatamente ao chão fez um barulho estrondoso, que assusta a quem assiste ao vídeo. Foram deixados trechos interessantes como o do Sr. Sebastião, que ao ser perguntado quantos filhos ele tinha, respondeu que teve sete e concluiu com a frase: “eu não, a mulher que teve” – vídeo 01. “Os pontos ideais para cortes e emendas são descobertos pelo editor com a prática e a sensibilidade. A regra básica é dar sentido à fala” (BARBEIRO; LIMA, 2001, p.71). Todos os vídeos foram editados no programa *Adobe Premiere PRO CC 2015*.

Quanto à catalogação, as tabelas abaixo totalizam o número de quatro, divididas em cinco partes. A primeira contém os dados dos narradores com mais de sessenta anos, a segunda, os de 35 a 59 anos, a terceira, os de 19 a 34 anos e a última, os de 7 a 18 anos. Os vídeos seguem a mesma ordem da tabela e contêm seu tempo de duração.

A coluna 01 de cada tabela contém as informações se narrador é morador fixo do lugar ou morador eventual. Na segunda coluna estão os nomes de cada um deles. Na terceira coluna estão as narrativas produzidas por cada um deles. Na quarta coluna estão as informações sobre a filmagem, se foi feita no interior da casa ou na área externa, incluindo o quintal ou um lugar de acesso público próximo da casa. A diferença entre pátio e varanda foi feita levando em consideração que ambos são extensões da casa, porém um pertence à casa imediatamente no chão – o primeiro, e o outro à casa suspensa – o segundo; e se era dia ou noite.

Tabela 12: Narradores de 60 anos +

Tipo de morador	Nome	Narrativas registradas	Descrição do ambiente e do período do dia
Fixo	Sebastião Bonifácio dos Santos	1. A cobra se transforma em navio 2. Amigo do Matin 3. A cobra grande é destemida. 4. O boto que virava gente	Interior da casa – dia
Eventual	Albenaice Barbosa Veloso	5. O curupira no castanhal 6. O boto vermelho	Interior da casa – dia
Fixo	Maria de Fátima Saboia Galvão	7. A história da onça 8. História do vovô Francisco 9. A cobra grande se transforma em pedra 10. O encanto do boto no rio Passiá 11. Aparição na Comunidade do Julião 12. A destruição no rio Passiá	Interior da casa – dia
Fixo	Antônia Ribeiro Barreiro	13. Pisadas do boto 14. Aparições no quintal 15. Aparições	Área Externa da casa – dia
Fixo	Álvaro Oliveira Bastos	16. A verdade sobre o boto 17. A sucuri 18. Lago do Arrombado da cobra 19. A cobra sai da Comunidade Nossa Senhora de Fátima 20. O narizinho da cobra 21. O batedor de igarapé 22. O pássaro do igarapé	Área interna da casa – dia.

Tabela 13: Narradores de 35 a 59 anos

Fixo	Maria Brenda Henrique dos Santos	23. A revelação do boto 24. Aparição do cavalo branco na no Julião	Área externa – dia
Fixo	Ademir Rodrigues Rabelo	25. O boto vermelho encantava as pessoas 26. O homem que virava cobra	Área externa
Fixo	Ana Paula da Silva e Silva	27. O feitiço do boto 28. O morro do gemedor 29. O canto da sereia 30. O cavalo branco anda à noite no Julião	Área externa da casa – dia.

Fixo	Josimar Pereira Pena	31. Cobra Nonato 32. História de pescador	Área externa – dia
Fixo	Raimunda Nonata Pereira da Silva e	33. Aqueles homens de branco 34. O lago do Arrombado 35. A mulher de branco perto do campo 36. O cavalo branco no campo 37. Matita perera	Área externa da casa

Tabela 14. Narradores de 19 a 34 anos

Eventual	George Monteiro Barreiros.	38. Boi da cara preta	Pátio da casa – noite
Fixo	Lucimar Moraes Rabelo	39. O boto se comparava a outros homens	Varanda da casa – dia

Tabela 15. Narradores de 07 a 18 anos

Fixo	Luan Lima Monteiro	40. O boto	Varanda da casa – dia.
Fixo	Caio Silva da Silva	41. Os homens tinham inveja do boto	Varanda da casa – dia.
Eventual	Matheus Victor Galvão Bentes	42. O boto leva pro fundo	Área interna da casa – noite

3.4. As narrativas orais coletadas

As narrativas estão registradas conforme a ordem em que estão seus narradores nas tabelas acima. Elas estão numeradas a fim facilitar a consulta, uma vez que remetem aos números presentes nas tabelas.

1. A cobra se transforma em navio

Antigamente meus pai contavam que nesse Solimões, andavo quando era assim umas duas horas da madrugada, uma hora saia aquele barco bonito subindo o rio né?. Aí o cara dizia:

– Lá vem o navio e saiu. Vamos trocar a banana com a bolacha né?

Aí saíram pra lá. De longe o cara viu que era uma pintura tipo cobra, aquelas mancha grande.

– Rapaz, isso não é navio não, isso é cobra.

Porque ela se transforma.

2. O companheiro do Matin

O companheiro do Matin né, quando era umas horas da noite, ele saia do corpo da pessoa. Aí o outro ia lá antes de dormir, chegava lá só encontrava o corpo, a cabeça não tava. Aí quando foi uma noite, o outro disse:

– Espera aí, hoje ele vai sair com a cabeça inteira.

Aí quando ele (o companheiro do Matin) já tava se aprontando pra sair, ele fechou, disse que era um carocinho de tucumã né! Que só tinha um buraco que assoviava pi piri, piraí. Ele passou uma colazinha malmente pra...

– Ele vai sofrer com esse negoço aí, quando assoprar o bicho abre né? Aí ele vai cair. Aí diz que na frente assim tinha um lago grande né quando saiu tocou pi piri. Aí ia tocar lá no meio do lago outra vez. Aí quando tocou lá no meio do lago né, no chavascal né, aí tocou fi, fi, frou, caiu lá no meio do lago né. Aí ele gritava de lá:

– Ei, me acode que eu tô perdido aqui no meio desse lago.

Aí os cara ouviram a zoada e foram pra lá. Tava no maior cerrado. Aí pegaram ele, aí levaram pra casa, aí ele nunca mais quis sair.

3. A cobra grande é destemida

Esse negócio de cobra grande existe, e grande, não é pequena não. Ali onde nós morava, tinha um lago grande chamavam Panelão. Um lago grande. Tinha uma casa de morador antigo, era um lago muito fundo. Aí tinha o jacaré que esturrava de noite né, e aí a cobra respondia assim tipo com um tiro né: bou, bou. Aí quando foi um dia, o meus primos disse:

– Rapaz, o lago tá bem pertinho, vamo furá?

– Vamo!

Aí fomo prá lá, atravessamo o rio, aí cavamo um pedaço como daqui aí (apontando a distância com a mão com extensão aproximada de um metro). Aí aquela cachoeira enorme

desceu. Quando foi a noite todinha, quando foi de manhã o bicho tava quase seco né?! Aí ela ficou lá, ela não saiu não. Saiu outros bichos: tracajá, essas coisas... Jacaré, mas a cobra num saiu não. Ela saiu pro outro lago, uma saída assim da largura dessa casa, no meio da rastina né, um buracão (a largura da casa é de 4,5 metros segundo o morador). Aquele enorme buraco assim, no meio da rastina.

Agora aqui no Rio Negro tem, abaixo da entrada do Rio Branco. Ali tem uma que a gente vê ela de dia mermo. Ela é muito grande a cobra. O motor não passa por lá, passa pelo Paraná. Mas ela, quando dá seis horas, ainda tá assim, no meio do rio, atravessada [e faz a largura da cobra com os braços]. Isso daí eu vi!

Aqui no Julião não tem. Ainda não ouvi falar, talvez os antigos. Até sucuri é difícil aqui. Uma vez pegou um frango da irmã que mora perto aí. Aí esse dono dessa casa aí, ele morava aí. Um hora ela veio:

– Irmão, vem, vamo matá uma cobra ali.

Aí ele pegou aquele material que roça como é? Ruça é? Aí correu prá lá. Diz ela que ele errou a batida. Em vez de bater na cobra bateu na terra. Aí ela entrou pro buraco.

Cobra grande é grande, assim de uns 50 metros.

4. O boto virava gente

Disse que tinha um boto que virava gente também né? Quando era aquelas horas da madrugada ele aparecia lá. Às vezes numa festa, diz que um rapaz bonito de chapéu na cabeça. Diz que butava pra dançar nas festas. Aí quando dizia:

– Já vou me embora.

– Não me espera, eu vou junto com você.

Aí ele saía na frente. Aí só via ele sumir na beira do rio né. Aí boiava lá no meio já... beeei... Era ele!

5. O curupira no castanhal

E quando nós ia pro castanhal eu tinha muito medo, porque diz que tem a curupira né. Um bicho que tem o pés contrário né. Aí também eu tinha muito medo. Isso era meu pai que contava né. A gente ficava com medo perguntando dele né se existia esse bicho. Aí ele disse que não, que era uma lenda, que muita gente dizia que via esse bicho no mato. Diz que é uma

peçoazinha que fica escondida, bate nas pessoas. Mas que ele nunca tinha visto né aí nós também, eu pelo meno nunca vi, mas eu tinha medo.

6. O boto vermelho

Diz que antigamente, o boto né, aquele boto vermelho engravidava as mulhere né. Saia, quando tava nas festas, se vestia como gente, ia namorar com as moças aí engravidava. Aí eu ficava com medo disso.

7. A história da onça

Aqui na comunidade a onça pegou três bois ali na fazendinha. Aí o Josimar matou a onça-pintada. Aí a gente comeu a carne da onça.

8. História do vovô Francisco

O vovô Francisco contava que uma vez ele foi, eles foram pra Lábrea e a cobra grande atacou eles no rio. Que levantou o banzerão e quase que ela pega eles nessa história, por isso que ele não gostava muito de sair à noite. Levantou o banheiro assim e ela dá o foco né, os olho dela. Foi um milagre, aí foi baixando, baixando, aí era ela. A gente diz que é história, mas é verdade. Pela gente mermo, a gente vendo.

9. A cobra grande se transforma em pedra

Uma vez, lá em casa assim, na beira do rio tinha uma pedrona, de noite, seis horas da tarde ela tava, quando foi de noite num tava mais. Aí o pessoal diz que era a cobra grande. Mas aí a gente não viu né. Só viu o banheiro assim que a gente focou pra lá. Mas aí era a cobra grande também.

10. O encanto do boto no rio Passiá

Morreu um amigo nosso lá afogado disse que foi o boto que encantou né. Aí do mei pra cima gente, pra baixo boto, num rio que chama rio Passiá, na boca do rio Passiá. O nome dele era até Salatiel. Que aí o pessoal tinha medo de ser encantado, tinha medo de passar de

noite. Até eu tinha medo porque ele tinha morrido, tinha acontecido isso podia fazer com a gente. Aí diziam que tinha sido a cobra grande que tinha alagado a canoa e ele tinha sido encantado. Eu sei que nem o corpo dele ninguém achou.

11. Aparição na Comunidade do Julião

Um dia desses eu vinha da igreja, aí eu vinha de lá pra cá, e daqui pra lá ia uma pessoa toda de branco. Aí eu me arrupiei, fiquei nervosa, aí eu pedi de Deus e Jesus, mas eu ando com a espada que é minha bibla ninguém mexe comigo. Aí aquilo sumiu. E eu nem contei pro Francisco que era pra ele não deixar mais eu ir pra igreja.

12. A destruição no rio Passiá

Diz que foi assim, Cínthia, umas seis horas da tarde, a valência é que eles não tavo. Arriou assim como arria o barranco, diz que de uma vez, a dela, a do filho dela, que não enxergava nem cumieira, nada, nada, nada. Ela perdeu tudo, tudo, tudo. Foi lá na terra firme do Passiá. Diz que a da Gorete ficou assim, mais de semana tudo vermelho. Aquilo só borbulhando, tudo vermelho. Tu já pensou, três casas, que era dos dois filhos dela e dela acontecer isso? Você num vê casa, num vê cumieira da casa, Cínthia. Num vê talba, num vê nada que sumiu. Pois é. Foi.

13. Pisadas do boto

Quando eles saiam de casa, ficava só nós. O cachorro latia e aquele bicho saia pisando assim, parecia calçado de sapato: toc, toc. Arrudiando a casa, e corria assim pra beira e caia n'água e buiava só o boto.

14. Aparições no quintal

Os cachorro ficavam latindo, aí eles ficavam apanhando aquela lapada. Chega fazia lêpo, lepo. Os cachorro saiam correndo para o difumador, pra casa de farinha. Aí os cachorro ficavo tudo quietinho depois que apanhavo e a gente olhava e não via nada, só escutava os cachorro gritando, apanhando.

15. Aparições

A gente morava no interior que tinha um garapé igual aqui né? Mas um garapé mais estreitinho do que esse. Aí batia de noite assim com aquelas pancadas fortes e gemia. Aí daí me marcou pra sempre, nunca mais me esqueci. Batia e gemia, aquele gemido forte chega tremia a gente. E a menina novinha, minha fia pequena, aí abria leite muça, botava na boquinha dela pra vê se ela calava, que ela já tava chorando. Quando fazia barulho o cachorro latia, aí que batia puf, gemia, aquele gemido que a gente se arrupia todinha. E sabia que aqui em Manaus tem? Diz que em Manacapuru tem. Muita gente que conversei disse que tem sim.

16. A verdade sobre o boto

Fala que engravida a mulher né? E no tempo da menstruação dela o boto ataca a mulher. Mas é por causa disso, porque ele sente o cheiro da mulher né. Aí ele quer de qualquer maneira possuir, que ele é um animal e acha que ele pode né e elas acham que eles são encantados que querem levar elas pro fundo, quer malinar delas, e não é. A verdade é essa aí!

17. A sucuri

Eu consegui matar aqui com seis, sete metros. Grande! Antigamente pra fazer uma criação de pato como hoje aí no Igarapé tem o pessoal que cria pato lá, e era fácil de sumir pato rapidinho. Numa ocasião nós tava... O papai tinha chegado do trabalho, tava bem olhando pro rio assim, tinha uma bóia né os pato ficava tudo em cima aí de repente um sumiu. Aí ficou aquela borbulha no fundo assim. Aí ele chamou meu irmão, me chamou, aí tiramos um cambito, aí fomo lá, aí puxamos. A sucuri tava enrolada com a pata. Quando ela enrola, ela não solta não, você pode carregar ela pra onde quiser e ela não solta. Aí matamos ela, tinha três metros.

18. Lago do Arrombado da cobra

Eles dizem que ali era tudo vedado. E teve um grande temporal e saiu o animal de lá e acham que era a cobra, e por isso que ficou aquele fundo ali. [...].

19. A cobra sai da Comunidade Nossa Senhora de Fátima

E também aqui no Fátima [...] No início de 63, ali em Fátima secava tudinho. Secava mermo. Ficava só aquele rego assim. Mas pra dentro era bastante água. Quando foi a noite deu um temporal forte, aí mexeu com os peixes, jacaré cantou, esturrou né, onça esturrou, pássaro começaram a cantar também. Aí quando foi de manhã tava na lama assim um rastro mais ou menos aqui assim (mostrou o tamanho utilizando o corpo mais ou menos um metro de largura). Tipo de um animal grande assim.

Eu creio que foi uma cobra muito grande que tinha ali. E desde então o Fátima começou a... Todo ano seca. O Fátima não era, o local não era chamado Fátima, era o Igarapé do São José. Veio passar a ser comunidade de Fátima referente à padroeira né, de Fátima. E a neta do morador de lá era chamada de Maria de Fátima por causa disso.

20. O narizinho da cobra

Eu já encontrei uma cobra dentro... numa cabeceira, onde a água dava aqui assim (mede na canela, a um palmo do chão), eu pisava e a água molhava só aqui assim. Tinha um pé de buriti. Eu saí de casa pra ir ver se tinha caça lá né, matá caça pra alimentar os filhos. Aí chegando antes de chegar no buritizeiro com 200 metros assim, eu escutei a cutia se espantar né, aí aquela coisa veio na minha cabeça assim: ela não me sentiu que eu tava parado e uma distância longa né.

Aí eu já fui meio assim, com suspeita assim de que existia algum bicho por lá né. Aí eu passei, travessei por onde era a areia. Só que o buriti ficava dessa altura assim aonde dá buriti, onde o bicho come, principalmente a anta come né, fica só aquele lamaçal assim. Mas eu olhei, a lama tava certa assim, não tinha vestígio de nada.

Quando eu cheguei próximo assim, mas eu sempre com a espingarda aqui né nessa direção, olhando. E aí eu dei com aquela coisa lá. A cobra quando ela quer sentir, ela começa a mexer a língua né. Ela tava toda coberta isso dela assim, só o narizinho de fora assim sabe. Aí eu pensei que ela era assim (fez um tamanho pequeno). Eu fui por trás do buriti, me agarrei no buriti, peguei um facão que eu usava bem amolado assim, cortei assim, partindo a cabeça dela. O que resultou que a lama todinha que eu via lá, tinha cobra embaixo. Ela era assim ó (um tamanho maior).

Aí sempre quando meus filhos andam na floresta eu digo olha: quando vocês chegarem na área de buriti, de chavascal, vocês usem a cabeça. Vão prestando atenção que

existe isso aí. Quem diria que existia um animal daqueles naqueles confins, longe né. Que sucuri, a gente vê mais na água grande né. Aí ela foi se posicionar lá dentro né. Aí quando eu cortei a cabeça dela, ela começou a se mexer assim, aí ficou toda fora. Mas era grande, eu não consegui, peguei no rabo dela assim né, pra ver se eu puxava, mas não consegue. É muito peso.

21. O batedor de Igarapé

É terrível. Se você num tiver coragem num fica lá perto não. E eu descobri tudo isso aí. Em todo canto, todos os lugares central de igarapé assim existe. Mas não é lenda é uma coisa... Quer dizer, eles acham que eles dizem assim ó: quando ver bater no igarapé, sem ser o rio grande assim né, chega a represa da água, aí o igarapé vai né aí tem o animal que bate lá é um animal né bate tipo assim quando uma pessoa pega um pano de rede assim e que bate numa talba quando tá lavando né? As mulheres do interior só lavam roupa assim ne batendo, aí bate igual. Aí os antigos dizem ai isso é o batedor, é a mãe do garapé, é isso, é aquilo né.

E um dia eu tava acampado dentro de um igarapé aqui pra cima com o nome Vai-quem-quer e tava com umas seis pessoas comigo entre dois irmão meu e o resto era vizinho que foro trabalhar comigo em extração de breu. E uma boca de noite, o bicho começou a bater no igarapé, bateu, bateu. Ai eu falei pro meu irmão:

- Rapaz umbora ver o que que é esse bicho. Aí o outro vizinho falou pra mim assim:
- Rapaz não vai não porque isso é a mãe do garapé né, é o batedor e tal.
- Ah eu vou lá, se o bicho aparecer eu atiro nele.

Aí eu fiquei na beira do igarapé e bateu assim bem de frente né. Aí eu foquei com a lanterna e vi a cabeça do bicho com os olho né. Atirei na cabeça dele, o bicho virou de peito pra cima né. Deixei lá. Aí quando foi de manhã eles perguntaram:

- Cadê? Matou o bicho?

Eu disse:

- Rapá ficou de peito pra cima lá. Sabe o que era?

Eu já sabia né! Eu não quis falar pra ele não que era pra de manhã cedo eles tavam curioso de ir ver lá.

Aí chegamos lá era um tipo de jacaré que tem que a gente chama de jacaré de centro né. Ele tem a cabeça toda vermelha, o corpo dele é todo preto, barriga branca, mas a cabeça é vermelha. Aí ele chega em cima da ponta de terra e tem a areia né e fica lambando com o rabo

assim no chão pá. Um baquezinho desse de noite, no escuro, dentro de um igarapé faz uma zoada grande, quanto mais bater né. Ai eu disse:

– Taí a mãe do rio de vocês é isso aqui, é isso é que bate.

Então, muitas coisas é lenda né. As vezes a pessoa fala uma coisa e nunca chegou lá pra ver né, pra confirmar, e dizer.

22. O pássaro do igarapé

Aqui mesmo nós tinha um... Ainda tem um igarapé que tem um pássaro aí. O pessoal que morava ali naquela ponta de terra ali não entrava pra cá pra trabalhar pra fazer nada porque o bicho gritava de dia mermo. Ele gritava igual uma pessoa... Igual uma pessoa quando tá assim distante: iiiiiiiih. Eles tinham medo né. E um dia nós entramos aí pra caçar aí dentro de noite. Matamos caça e de manhã nós fomos levar um pedaço pro vizinho lá, esse mermo vizinho que tinha medo de entrar aí dentro.

– Rapaz cê vai aí pra dentro? Cê não tem medo do grito né?

– Não, se o bicho vim a gente dá um tiro nele.

Aí uma certa noite, só que meu irmão, ele não queria entrar no igarapé né. Ai eu falei:

– Rapaz umbora logo lá ver o quê que é isso. Se o bicho vim a gente atira nele.

Quando nós a gente chegamo lá dentro aí paramo lá e ficamo quieto. Aí começou a gritar igual uma pessoa gritando mermo né. Iiiii. E lá vem o bicho. Depois mais, gritou mais perto.

– Rapá o bicho tá perto.

O último, o grito foi bem em cima assim: uuurra. Aí ele focou era uma coruja. É uma coruja. Ela até hoje ainda existe lá. Era um senhor que tirou terreno lá e trabalhou lá e disse:

– Ah seu Baru até hoje essa coruja ainda existe lá. De dia ela grita.

E os camaradas não entravam pra lá, não trabalhavam pra lá com medo do grito.

23. A revelação do boto

Tinha um casal que morava no interior. Falava né que o marido dela trabalhava fora. E o marido dela todo dia saía pra trabalhar, e quando ele voltava, ela sempre perguntava:

– Mas tu não tava aqui ainda agora?

– Não. Cheguei aqui agora.

Ele começou a notar ela ficar pálida assim. Aí um dia ele pegou disse que ia trabalhar e não foi né, ficou escondido. Ai quando ele saiu, que ele ficou escondido, que ele viu, um homem igualzinho, a merma aparência dele, como se fosse ele. Foi lá né, chegou com a mulher dele e ela fazendo a comida lá pra ele, tudo bem.

Daí depois, ele ficou prestando atenção. Aí diz que depois, demorava um pouco lá, aí ele escutava aquele barulho pra dentro da água né. Aí ele foi conversar com a mulher dele pra saber né. Aí ela disse:

– Não né, mas tu tá acostumado sair e voltar. Quase todo dia tu diz que vai e não vai.

Ai ele pegou e disse:

– Vamos fazer uma armadilha? Isso daí deve ser o boto. Eu vou fingir que vou embora e vou me esconder, tu pega um monte de alho né, e bota bastante, bastante alho na comida.

– Ta, tá bom.

Aí foi, quando o outro cara chegou né, que era o boto, a mesma feição dele. Aí ela deu a comida. Ele saiu doido correndo, se batendo, thobom dentro d'água. Aí não deu tempo de ele cair todo dentro d'água. Aí ficou, metade homem, metade boto. Daí descobriram que era o boto.

24. Aparição do cavalo branco no Julião

Era dum tal dum cavalo que aparecia aqui, diz que tipo um cavalo, uma mula sem cabeça, sei lá. Diz que aparecia, e o pessoal ouvia o barulho desse cavalo andando né. Aí diz que gemia e tudo, mas eu mermo nunca vi, mas um tempo desse, não faz muito tempo, o pessoal tava com essa história, entendeu? E diz que várias pessoas tinham visto, diz que é tipo um cavalo que andava. Diz que escutavam só o barulho.

25. O boto vermelho encantava as pessoas

Quando ele se transformava em homem, em gente, vinha pas festa e encantava as pessoas e levava pro rio. E essa pessoa sumia. Se encantava junto com ele e ele tomava de conta, não voltava mais..

26. O homem que virava cobra

Eu já ouvi, um tempo aí, uns comentários aqui de ali na fazenda Portugal, lá em cima, perto de Agrovila, morava um senhor lá, que num sei o porquê de acontecer isso, mas diz que ele virava cobra. Aí diz que certo dia houve uma confusão na comunidade do São Sebastião e com esse homem, só que ele só virava cobra, mas ele só tinha esse coisa de virar quando ele tava pelo meno com os pés dentro d'água porque senão ele não tinha esse coisa. Isso daí é o que me contaram né. Aí eu fico pensando: num dá nem quase pra entender isso aí, mas foi o que me passaram, o que contaram pra mim. Que ele virava cobra e quando ele virava cobra nada atingia ele, nem tiro, nem nada. Mas foi isso aí que se passaram.

27. O feitiço do boto

Aqui, até que não tem muito. Esses botos aqui até que num são tão brabo como ele fala – põe pra cima. Mas lá onde ele morava, esses boto aqui, essas meninas moça assim não podia entrar na água que os botos botava pra cima mesmo. Aqui não, aqui eu vejo essas meninas moça tudo pulare dentro d'água não tão nem preocupada se vem boto, se não vem, elas querem saber é de se divertir né. E lá não, as meninas não podiam chegar na beira d'água quando tava no tempo do seu período né que o boto botava pra cima mermo, que se fosse possível fundava até canoa.

28. O morro do gemedor

Diz que era um morro muito grande de areia. Aí quando era umas meia-noite assim, por aí, ela (a irmã) conta que eles estavam lá por perto demorava muito aquele morro começava a gemer. Aí procuravam, olhavam e não tinha ninguém, era o morro gemendo. Aí todo mundo diz que saia correndo com medo daquele ruído, daquele gemido de lá. E quase eles não chegavam lá perto, porque, até mesmo porque era difícil o acesso de chegar até lá né, porque eram aquelas montanha de areia. Aí fazer?! Aí achavam uma história interessante né, de que a areia, esses morros assim gemer é coisa esquisita né.

29. O canto da sereia

Aí o canto da sereia. Ela conta que uma vez que o nosso tio diz que foi quase enfeitado pelo canto da sereia. Lá em Piauí mesmo, ele mora até hoje mora em Piauí. Ai ele por lá, quando foi já passando da meia noite diz que a vovó contava que isso começou a cantar aquele canto por lá. Cantando bem aquele canto diz que bonito, quando viu diz que o titio já ia pra dentro da água já atrás do canto. Foi quando o pessoal viro e sairo puxando o meu tio pra ele não ir pra dentro d'água.

30. O cavalo branco anda à noite no Julião

Aqui da comunidade, eu já ouvi contar que esse aqui tava andando um cavalo a noite aqui. Sempre, uma vez ou outra. De vez em quando ele anda aqui pela rua aquele cavalo relinchando de noite aqui. Tem uns que dizem que já viram, tem outros que dizem que não, que já é invenção. Mas sempre os meninos sempre contam aqui que chegaram a ouvir relinchar ali perto da janela da casa da mãe deles, mas aí as filhas ali do irmão ali também já ouviu, mas nunca tiveram a coragem de abrir a janela pra ver se realmente é né. Mas diz que relinchava bem lá perto e que andava a rua de cima a baixo.

31. A cobra Nonato

Aí ele contava da história Nonato Cobra Grande. Que cresceram, cresceram, aí começaram a brigar, começaram a brigar. Aí ele foi. Saiu pra casa da mãe dele e disse:

– Mamãe, eu vou brigar com a mana, e vou ver se domino ela. Porque ela é maior do que eu e tá comendo até gente, e eu não quero que ela faça isso.

– Não meu filho, ela ta maior de que tu. Ela vai te matar, cuidado!

– Não, mas eu consigo!

E brigaram, e brigaram, e quando amanhecia o dia, a água tava toda toldada. Eles brigaram. Ela (a mãe) já tinha até medo de a família dela ir pra beira por causa disso. Até que quando foi um dia ele chegou e disse:

– Mamãe, dominei ela. Eu vou matar ela. Ela já tá muito cansada e eu vou matar ela.

Até que quando foi um dia, ele conseguiu dar fim dela né. Aí ficou só ele. Aí ele foi e virou um cobraão e num apareceu mais em casa, pra lá ele ficou. Até hoje ele nunca mais

apareceu. E é uma história grande isso daí. Aí meu tempo era pouco pra contar direto né, aí não posso mais nem lhe explicar mais como terminou a história.

32. Histórias de pescador

Meu pai também parava e contava pra gente:

– Meu filho se um dia você for pescador, você vai ver muitas coisas n'água, muitas feras n'água. Eu escapei de a cobra me comer. Eu andava com um senhor por nome seu Manoel. Ele dizia:

– Seu mano, lá vem a bicha seu mano. Lá vem a cobra. O senhor tá escutando?

– Não.

– Pois eu tô escutando. Ela tá vindo aí. Tremeu a água aqui, tremeu a água na canoa aqui.

Aí ele disse:

– Será rapaz?

– É

– E eu duvidava meu filho que era brincadeira. Brincadeira que ele era mais acostumado a pescar do que eu. Ele era mais novato (o pai).

– Quando eu pensei que não ela buiou, já mei distante.

A gente só viu o foco. Diz que a cobra quando ela é grande, ela foca que nem quase carro né. Aí ele disse:

– Umbora tirar pra beira seu mano?

Eles tavam no meio do rio né, e arrojaram no remo pra beira. E remaram, e remaram, e remaram, e remaram. E quando eles foram chegando na beira, foram pulando da canoa, ela foi chegando junto. Jogou a canoa e eles muito dentro, no seco. Isso aí ele contou muitas vezes pra mim, que escapou de morrer sobre cobra, escapou de a cobra comer ele. E é cobra grande né, não é coisa pequena não.

33. Aqueles homens de branco

Tinha a fase da lua que eles saiam da água. Quando eles saiam da água, era aqueles homens de branco, tudo bonito, e iam dormir com as moças que moravam próximo do rio. Depois eles iam embora. Quando era com um tempo né, as meninas apareciam grávida. Ela

me falava que esses homens só usavam chapéu porque diz que eles tinham um buraco no meio da cabeça, um furo na cabeça deles. Então, era isso as histórias que ela contava.

34. O Lago do arrombado

Tinha só um garapé. Quando foi um dia, teve um temporal, ali perto do Tupé. Morava um senhor, passou o temporal, esse senhor foi lá no lago, e tinha um buraco, um buraco imenso. O pessoal conta que, eles acham que era uma cobra grande que morava ali né. Inclusive nesse temporal, nesse dia, ela saiu desse local e se formou o lago, e o lago ficou o nome dele é Lago do Arrombado, porque a cobra que arrombou.

35. A mulher de branco perto do campo

Na nossa comunidade, a história que eu conheço é dali de perto do campo. Diz que tem uma mulher que sempre aparece, uma mulher de branco [...].

36. O cavalo branco no campo

[...] e um cavalo também, já me falaram que já viram, um cavalo branco aí correndo nesse campo.

37. Matinta Perera

E tinha também um senhor aqui que virava. Ele ainda mora aqui esse senhor. Diz que em noite de lua cheia ele virava Matita Pereira. O pessoal viu e começaram a pesquisar pra ver se realmente era ele, e só dava nele. Toda vez que o pessoal saia pra ver se ele tava em casa, quando ela dava na comunidade, depois que iam ver que ele tinha saído. Toda vez que essa Matinta Perera dava na comunidade ele não tava em casa.

38. Boi da cara preta

Contavam que era um boi que assustava as crianças.

39. O boto se comparava a outros homens

Diziam pra gente que o boto, ele se transformava em um homem nas noites e saia com um chapéu na cabeça e se comparava com os outros homens, se confundia com os outros homens. Então as mulheres dançavam com ele e eram encantadas né.

40. O boto

O boto pegava a mulher.

41. Os homens tinham inveja do boto

O boto que diziam que antigamente, ele se transformava num homem bonito, aí os homens ficavam tudo com inveja dele, queriam bater nele, porque ele ficava com as mulheres dos homens, aí ele ia embora.

42. O boto leva pro fundo

Eu lembro assim quando o boto pega a gente, pega a nossa perna e leva a gente pro fundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Amazônia, que abrange vários estados, não possui uma cultura única. São várias culturas que se hibridizaram entre si e receberam outras provenientes das diversas regiões deste país, culturas por sua vez também hibridizadas por aqueles meios. Dentro desta região há muitos lugares de cultura, e há muito a ser estudado, pois há um vasto campo a ser descoberto, não só em tamanho, mas em costumes, histórias, tradições e vivências.

Dessa forma, este trabalho procurou contribuir com estudos sobre as narrativas orais na Comunidade do Julião. Porém, como a narrativa oral vem do povo, não havia como estudá-la sem saber quem eram, de onde vinham e como viviam as pessoas desse lugarejo. A respeito dessa população é necessário dizer que não é uniforme. Muitos caboclos que vivem lá fazem parte da terceira e quarta geração originária a partir da miscigenação de indígenas que viviam no Amazonas e no Pará, com portugueses, e também de descendentes de nordestinos vindos para o norte no ciclo da borracha.

Acostumados à vida no campo, esses homens e mulheres vieram de vários municípios deste estado e pararam às margens da cidade de Manaus, onde o ritmo de vida é um pouco parecido ao do interior. São pessoas que estão sempre prontas a enfrentar as dificuldades impostas pela natureza; no entanto, o respeito e o amor que demonstram por ela são nítidos no olhar e no cuidado, pois a natureza é a sua maior fonte de riqueza e sustento. Disso estão cientes, de tal forma que repassam esses ensinamentos as suas crianças.

Ouvir as histórias contadas por eles e registrá-las requereu horas e horas de escuta, muita paciência e muita leitura sobre o histórico do registro. Foi preciso responder à pergunta: para que registrar? E chegamos à conclusão de que é a necessidade de rememorar que leva o homem a fazer isso. Mas um registro não se faz por gosto, existem critérios que vão desde a seleção do material até a transcrição, a edição, o como e, por fim, o registro propriamente dito. Porém, o “como” nos levou até ao estudo de técnicas cinematográficas, que, embora não tenham sido apreendidas nem utilizadas pelo pesquisador, foram um norte para o produto em audiovisual deste trabalho.

Esse tipo de registro foi pensado após a observação de que aquela cultura vem passando por constantes transformações, ocasionadas principalmente com a chegada de energia mediante o Projeto Luz para Todos. Isso foi citado por eles mesmos como um período marcado por mudanças não só quanto às velhas práticas de contar histórias junto aos vizinhos, mas também as de deixar objetos criados por eles e utilizados na pesca e outras atividades. A mídia e a tecnologia têm se tornado os principais responsáveis por essas

transformações nos costumes e nos valores do povo que ali vive. Sendo assim, o produto apresentado visa devolver àquelas pessoas, através da difusão, suas histórias, além de propagá-las através do meio eletrônico, semelhante ao de quem apresenta outros costumes e valores: a televisão.

Encontrar quinze narradores dentre vinte e um entrevistados não é poder dizer que a arte de narrar não caminha para o fim; ao contrário, é ter que concordar que Benjamin (2012) não estava errado em dizer que a arte de narrar caminha mesmo para o fim. Inclusive na comunidade estudada, pois dentre os quinze narradores, são poucos os que conseguem prender a atenção do ouvinte na história. Já as narrativas em si estão sendo bastante utilizadas pela literatura infanto-juvenil e, principalmente, por autores indígenas.

Ademais, não pretendemos com este trabalho esgotar tal assunto naquela comunidade. Nem isso seria possível, na certeza de que novos narradores surgirão ali. Mas o que foi mostrado durante o trabalho – dar voz a quem teve a voz esquecida ou nem sequer notada – já foi de grande valia. O que deixou de ser analisado ou escrito torna-se uma lacuna a ser preenchida futuramente.

REFERÊNCIAS

A CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/carta.pdf> Acesso em: 10 nov. 2015.

ALCOFORADO, Doralice. Oralidade e Literatura. In: **Oralidade e Literatura: outras veredas da voz**. FERNANDES, Frederico (org.). Londrina: EDUEL, 2007.

ALMEIDA, Milton José de. **Imagens e sons: a nova cultura oral**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual de Radiojornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

BARTHES, Roland. Introdução à Análise Estrutural da Narrativa. In: **Análise estrutural da narrativa: seleção de ensaios da revista “Communications”**. 3. ed. Tradução Maria Zélia Barbosa Pinto (ed.). Rio de Janeiro: Vozes Ltda., 1973.

BENJAMIN, Walter. **O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8. ed. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Coleção Obras escolhidas, 1).

BÍBLIA SAGRADA. Português. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

BÍBLIA SAGRADA DA MULHER. Português. Tradução Neyd V. Siqueira. et al. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2003.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. **Memória e sociedade: Lembranças dos velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Lendas brasileiras**. 11. ed. São Paulo: Gaia, 2010.

_____. **Geografia dos mitos brasileiros**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1983.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun/Roger Chartier**. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial; UNESP, 1998. (Coleção Prismas).

CHATEAUBRIND, Annunziata Donadio. et al. Comunidade do Julião. In: **Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé – Redes do Tupé, espacialização e informações das comunidades**. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2009.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. Disponível em: <http://home.ufam.edu.br/andersonlfc/Economia_Etica/Convite%20%20Filosofia%20-%20Marilena%20Chai.pdf> Acesso em 23 dez. 2015.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. 2. ed. Tradução Antônio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Tradução Cláudia de Moraes Rego – Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DIAS, Edinea Mascarenhas. **A ilusão de Fausto**. Manaus: Editora Valer, 1999, 192p.

DONATO, Hernâni. **Dicionário de Mitologia**. São Paulo: Cultrix, [S.d].

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. Tradução Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FARES, Josebel Akel (org). **Memória de Belém de Antigamente**. Belém: Eduepa, 2010.

FARIAS, Elson. **Viajando com o boto no fundo do rio**. Manaus: Valer, 2002.

FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. **Entre histórias e tererés: o ouvir da literatura pantaneira**. São Paulo: Unesp, 2002.

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Rio Babel: a história das línguas na Amazônia**. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

GAYOTTO, Lúcia Helelena. **Voz: partitura da ação**. 2. Ed. São Paulo: Plexus, 2002.

GINZBURG, Jaime. A interpretação do rastro em Walter Benjamin. IN: SEDMAYER, Sabrina, GINZBURG, Jaime (org.) Walter Benjamin: rastro, aura e história. Belo Horizonte – MG: Editora da UFMG, 2012.

HELLER, Agnes. **Uma teoria da história**. Tradução Dilson Bento de Faria Ferreira Lima. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

LAPLATINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é o imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LE GOFF, J. **História e Memória**. 5. ed. Tradução Bernardo Leitão. et. al. Campinas: Unicamp, 2003.

LIRA, Sandro Haoxovell de. et al. Sustentabilidade e Territorialidade: Dilemas, desafios e possibilidades de vida para as populações rurais amazônicas. In: WIKOSKY, Antônio Carlos; FRAXE, Therezinha de J. P.; CAVALCANTE, Kátia Viana. (org.). **Território e Territorialidades na Amazônia: Formas de sociabilidades e participação política**. Manaus: Editora Valer, 2014.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: Cejup, 1995.

LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários: conceito, linguagem, e prática de produção**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2012.

LYONS, Martyn. **Livro: uma história viva**. Tradução Luís Carlos Borges. São Paulo: Senac, 2011.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

NOGUEIRA, Wilson. **Órfãos das águas – Uma história de homens e bichos num planeta ameaçado de desaparecer**. 3. ed. Manaus: Valer, 2011.

OLIVEIRA, José Alcimar de; KRÜGER, Marcos Frederico Aleixo. **Filosofia da Educação I: mitos, ciências e educação**. Manaus: UEA, 2010. (Série Pedagogia Intercultural, 2).

PROPP, Wladimir I. **As raízes históricas do conto maravilhoso**. Tradução Rosemary Costhek Abílio e Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Morfologia do conto maravilhoso**. Tradução Jasna Paravich Sarhan; Organização e prefácio de Boris Schnaiderman. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 93. ed. São Paulo: Record, 2004.

RANGEL, Alberto. **Inferno Verde: cenas e cenários do Amazonas**. 6. ed. Manaus: Valer, 2008.

SANTIAGO, Jozane Lima. et al. Organização social e associativismo: A aplicabilidade de políticas públicas no território rural de Manaus e entorno na perspectiva agroecológica. In: WIKOSKY, Antônio Carlos; FRAXE, Therezinha de J. P.; CAVALCANTE, Kátia Viana (org.). **Território e Territorialidades na Amazônia: Formas de sociabilidades e participação política**. Manaus: Valer, 2014.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 18. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SEMMAS. **Comunidades da RDS do Tupé apoiam e agradecem o trabalho da Prefeitura de Manaus**. Disponível em: <<http://semmas.manaus.am.gov.br/category/noticias/page/25/>> Acesso em 12 out. 2015.

SILVA, Charlene; FRAXE, Therezinha. Sustentabilidade e Territorialidade rurais: O território rural do Baixo Amazonas, Parintins (AM). In: WIKOSKY, Antônio Carlos; FRAXE, Therezinha de J. P.; CAVALCANTE, Kátia Viana (org.). **Território e Territorialidades na Amazônia: Formas de sociabilidades e participação política**. Manaus: Valer, 2014.

SIQUEIRA, Antônio Juraci. **O chapéu do boto**. 5. ed. Condor: Belém, 2007.

TELLES, Tenório (org.). **Em memória de Stradelli**. 3. ed. Manaus: Valer, 2001.

THOMPSON, Paul. Histórias de vida como patrimônio da Humanidade. In: WORCMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vasquez (org.). **História falada: memória, rede e mudança social**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. In: UNESCO. **África, I; metodologia e pré-história da África**. 2.ed. Brasília: UNESCO, 2010.

VIEIRA, Padre Antônio. **Relação da missão da serra de Ibiapaba**. Disponível em: <http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/_formatted/0043-01972.html> Acesso em: 10 out. 2015.

WHITE, Leslie A. **O conceito de Cultura**. Tradução Teresa Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. 1^a edição. Tradução Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

_____. **Introdução à poesia oral**. Tradução Jerusa Pires Ferreira, Maria Lucia Diniz Pochat, Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

_____. **A letra e a voz: A “literatura” medieval**. Tradução: Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

APÊNDICE

21 entrevistas na Comunidade do Julião (coletadas em 15, 16 e 17/02/2015)

Entrevista 01

Entrevistador: Qual seu nome completo?

Entrevistado: Sebastião Bonifácio dos Santos. Aqui eu botei o nome dessa rua ali Sebastião Bonifácio (risos). Tá bem ali porque essa rua aí, essa rua desde o começo que eu que limpo ela. Pra li já plantei grama. Essa parte ali né, fiz uma “peça” [palavra sugerida por não estar audível a escuta da palavra dita] lá pra baixo. Quando a lancha vem, quando tá cheio, ela vem por ali e para bem pra li. A gente sobe aí, tem uma subida aí.

Entrevistador: Qual sua data de nascimento?

Entrevistado: Minha data? Dia 24 de outubro, dia do aniversário de Manaus.

Entrevistador: De que ano?

Entrevistado: 1940.

Entrevistador: Onde o senhor nasceu?

Entrevistado: Eu nasci num município, num seringal né, por nome Jacurapá. Fica em frente São Paulo de Olivença, o lago.

Entrevistador: O senhor estudou até que série?

Entrevistado: Ah, esse negócio de estudo aí foi um fracasso pra nós. Naquele tempo, era comprado ABC, caderno, tudo a gente comprava, o pai comprava né.

Entrevistador: Hum rum.

Entrevistado: E lá tinha uma correnteza que nós passava quase todo dia, mas tinha dia que a gente se alagava né, perdia caderno, era lápis, tudo estragava né. Aí era esperar o dia que o pai tinha dinheiro pra comprar outro né.

Entrevistador: Hum rum.

Entrevistado: Aí esse tempo vai ficando pra trás.

Entrevistador: O senhor tem filhos?

Entrevistado: Tinha, eu tinha quatro rapaz e três mulher.

Entrevistador: O senhor teve sete filhos?

Entrevistado: Sete filhos. A mulher que teve (risos).

Entrevistador: E na infância, o senhor ouviu muitas histórias?

Entrevistado: Tinha umas histórias do Matin né? O companheiro do Matin né, quando era umas horas da noite, ele saia do corpo da pessoa. Aí o outro ia lá antes de dormir, chegava lá só encontrava o corpo, a cabeça não tava. Aí quando foi uma noite, o outro disse:

– Espera aí, hoje ele vai sair com a cabeça inteira.

Aí quando ele [o companheiro do Matin] já tava se aprontando pra sair, ele fechou, disse que era um carocinho de tucumã né! Que só tinha um buraco que assoviava pi pirii, piraí. Ele passou uma colazinha malmente pra...

– Ele vai sofrer com esse negoço aí quando assoprar o bicho abre né? Aí ele vai cair. Aí diz que na frente assim tinha um lago grande né quando saiu tocou pi pirii. Aí ia tocar lá no meio do lago outra vez. Aí quando tocou lá no meio do lago né, no chavascal né, aí tocou fi, fi, frou, caiu lá no meio do lago né. Aí ele gritava de lá:

– Ei, me acode que eu tô perdido aqui no meio desse lago.

Aí os cara ouviram a zoada e foram pra lá. Tava no maior cerrado.

Entrevistador: Aí?

Entrevistado: Aí pegaram ele, aí levaram pra casa, aí ele nunca mais quis sair.

Entrevistador: O senhor lembra de outra?

Entrevistado: Esse negócio de cobra grande existe, e grande, não é pequena não. Ali onde nós morava, tinha um lago grande chamavam Panelão né. Um lago grande. Tinha umas casa de morador antigo, era um lago muito fundo. Aí tinha o jacaré que esturrava de noite né, aí a cobra respondia assim tipo com um tiro né: pou, bou. Aí quando foi um dia, o meus primos disse:

– Rapaz, o lago tá bem pertinho, vamo furá?

– Vamo!

Aí fomo pra lá, atravessamo o rio, aí cavamo um pedaço como daqui aí [apontando a distância com a mão com extensão aproximada de um metro]. Aí aquela cachoeira enorme desceu. Quando foi a noite todinha, quando foi de manhã o bicho tava quase seco né?! Aí ela ficou lá, ela num saiu não. Saiu outros bicho: tracajá, essas coisas... jacaré, mas a cobra num saiu não. Ela saiu po outro lago uma saída assim da largura dessa casa, no meio da rastina né, um buracão. Aquele enorme buraco assim, no meio da rastina.

Entrevistador: Quanto tem essa sua casa de largura?

Entrevistado: Tem 4 metros, 4,5 de largura.

Entrevistado: Agora aqui no Rio Negro tem, abaixo da entrada do Rio Branco. Ali tem uma que a gente vê ela de dia mermo. Ela é... é muito grande a cobra. O motor não passa por lá, passa pelo Paraná. Mas ela, quando dá seis horas, ainda tá assim, no meio do rio, atravessada [e faz a largura da cobra com os braços] Isso daí eu vi!

Entrevistador: E aqui no Julião?

Entrevistado: Aqui não tem. Ainda não ouvi falar, talvez os antigos né.

Entrevistador: Nem aqui por perto?

Entrevistado: Nem aqui por perto. Até sucuri é difícil aqui. Uma vez pegou um frango da irmã que mora perto aí. Aí esse dono dessa casa aí, ele morava aí. Umas hora ela veio:

– Irmão, vem! Vamo matá uma cobra ali?

Aí ele pegou aquele material que roça como é? Ruça é? Aí correu pra lá. Diz ela que ele errou a batida. Em vez de bater na cobra bateu na terra. Aí ela entrou pro buraco.

Antigamente meus pai contavam que nesse Solimões, andavo quando era assim umas duas horas da madrugada, uma hora saía aquele barco bonito subindo o rio né?. Aí o cara dizia:

– Lá vem o navio e saiu. Vamos trocar a banana com a bolacha né?

Aí saíram pra lá. De longe o cara viu que era uma pintura tipo cobra, aquelas mancha grande.

– Rapaz, isso não é navio não, isso é cobra.

Entrevistador: Por que ela se transforma?

Entrevistado: Ela se transforma.

Entrevistador: Que tamanho que o senhor acha que era?

Entrevistado: Cobra grande é grande.

Entrevistador: Grande, o senhor acha assim de que tamanho?

Entrevistado: Assim uns 50 metros.

Entrevistador: E quem lhe contava mais essas histórias?

Entrevistado: Quem era? Contava meus tios e primo, essas pessoas assim.

Entrevistador: Pai não contava?

Entrevistado: Ele contava o que ele tinha visto também assim, cobra grande.

Entrevistador: Seus avós?

Entrevistado: Também

Entrevistador: Onde e quando?

Entrevistado: Em casa. Às vezes no roçado, na casa de farinha.

Entrevistador: O senhor costuma contar essas histórias?

Entrevistado: Às vezes dá vontade de contar [Fica em silêncio]. Mas aí eu fico calado né. Não falo nada.

Entrevistador: Não conta porque não tem pra quem, não conta por que ninguém quer ouvir né?

Entrevistado: [balança a cabeça afirmativamente]

Entrevistador: E o senhor ouviu a história do boto?

Entrevistado: Ah, disse que tinha um boto que virava gente também né? Quando era aquelas horas da madrugada ele aparecia lá. Às vezes numa festa, diz que um rapaz bonito de chapéu na cabeça, butava pra dançar nas festas. Aí quando dizia:

– Já vou me embora.

– Não, me espera! Eu vou junto com você!

Aí ele saía na frente. Aí só via ele sumir na beira do rio né. Aí boiava lá no meio já... beeei... era ele!

Entrevista 02

Entrevistador: Qual seu nome completo?

Entrevistado: George Monteiro Barreiros

Entrevistador: Qual sua data de nascimento?

Entrevistado: É... dia 10 de fevereiro de 91.

Entrevistador: Onde tu nasceste?

Entrevistado: Eu nasci em Manaus. Particularmente, eu cresci lá, eu cresci por lá. Mas aqui né no sítio, na comunidade do Julião. Eu vim pra cá em 95, foi acho que em maio de 95. Aqui era tudo mato, particularmente, aqui era tudo mato, não tinha nada, nada! Só tinha floresta, não tinha nada, nada, nada, nada do que é aqui agora, é tudo mato.

Entrevistador: E tu estudaste até que série? Ainda tá estudando?

Entrevistado: Não. Eu ainda tô fazendo o ensino superior, é... já tô terminando. Já tô terminando o segundo ano [...]. Tô na área de Logística e já tô terminando o segundo ano.

Entrevistador: Tu tens filho?

Entrevistado: Não, não.

Entrevistador: Na tua infância, tu costumavas ouvir histórias?

Entrevistado: Costumava, bastante.

Entrevistador: Quem te contava essas histórias?

Entrevistado: Era meu avô, meu pai, meus avós, minhas tias.

Entrevistador: Onde e quando elas eram contadas?

Entrevistado: Era assim, eram várias histórias: a mula sem cabeça. Vinha de cada um deles.

Entrevistador: Mas elas eram contadas pra ti em casa?

Entrevistado: Em casa assim. Contavam como é que era.

Entrevistador: Tinha um horário pra se contar?

Entrevistado: Não, não tinha um horário assim não. Era aleatório, qualquer um contava.

Entrevistador: Quais as histórias tu costumavas ouvir?

Entrevistado: É a lenda da Yara, da mãe d'água, da mula sem cabeça, saci pererê. Essas histórias assim infantis que ouvia né antigamente e eles falavam.

Entrevistador: Tem alguma que tu possas contar?

Entrevistado: Lenda do boi cara preta. Aquele dali é que dava mais medo. Antigamente, eu era moleque e começava a ficar com medo dessas histórias.

Entrevistador: Tu lembra como era essa lenda do boi da cara preta?

Entrevistado: Era assim, contavam né, contavam que era um boi que assustava as crianças. Era uma lenda totalmente infantil. Falavam né.

Entrevistador: E hoje, tu costumava contar essas histórias?

Entrevistado: Assim, contar eu contava assim pros meus primos no tempo que eu cuidava deles. Mas assim, é... Atualmente, eu não conto mais essas histórias. Mas tinha muita, era lenda do saci pererê, da Yara, da mãe d'água.

Entrevistador: Tu disseste que atualmente não contas mais essas histórias, tu tens um porquê?

Entrevistado: Faz muito tempo que eu ouvia essas histórias e ficava com medo. Prefiro não contar mais.

Entrevistador: E aqui na Comunidade do Julião, tu não ouviste contar nenhuma história dessa envolvendo a comunidade, alguma coisa que surgiu, ou que tu ouviu falar por aqui, o pessoal falando, os mais velhos?

Entrevistado: Não, não.

Entrevista 03

Entrevistador: Qual seu nome completo?

Entrevistado: Matheus Victor Galvão Braule.

Entrevistador: Qual sua data de nascimento?

Entrevistado: Três de setembro de 2006.

Entrevistador: Onde você nasceu?

Entrevistado: Em Manaus.

Entrevistador: Tá em que série?

Entrevistado: Terceiro ano.

Entrevistador: Você costuma ouvir muitas histórias?

Entrevistado: Costumo.

Entrevistador: Quem lhe conta essas histórias?

Entrevistado: Meu pai.

Entrevistador: Geralmente, onde é que elas são contadas?

Entrevistado: Às vezes, na beira do rio.

Entrevistador: Quando é que ele te conta?

Entrevistado: Não pensa em contar assim. Em qualquer hora assim.

Entrevistador: Quais histórias ele te conta?

Entrevistado: A da curupira, do boto.

Entrevistador: Mais alguma que tu lembra?

Entrevistado: Sim, só da lebre e da tartaruga.

Entrevistador: Tu lembras a história do curupira, do boto?

Entrevistado: A história do boto, eu lembro assim, quando o boto, ele pega a nossa perna e leva a gente pro fundo. Da curupira não lembro quase nada.

Entrevistador: Não lembra quase nada né? Muito obrigada então tá!

Entrevista 04

Entrevistador: Qual seu nome completo?

Entrevistado: Yasmin Mendes Rabelo

Entrevistador: Qual a data do teu nascimento?

Entrevistado: Primeiro de abril de 2007.

Entrevistador: Tu estás em que série?

Entrevistado: Segundo ano.

Entrevistador: Tu costumava ouvir histórias?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Quem te conta essas histórias?

Entrevistado: Minhas professoras.

Entrevistador: Quando elas te contam?

Entrevistado: Durante a aula.

Entrevistador: Quais histórias elas te contam?

Entrevistado: Da Mônica.

Entrevistador: Elas te contam alguma história de boto, de cobra grande?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Quais histórias elas te contam?

Entrevistado: Do urso, da onça...

Entrevistador: O que mais?

Entrevistado: Só isso.

Entrevista 05

Entrevistador: Qual teu nome completo?

Entrevistado: Caio Silva da Silva

Entrevistador: Qual a data de nascimento?

Entrevistado: 03 do sete do 2001.

Entrevistador: Onde tu nasceste?

Entrevistado: Em Manaus.

Entrevistador: Tá em que série?

Entrevistado: Sétimo.

Entrevistador: Tu costumavas ouvir muitas histórias quando tu eras pequeno.

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Quem te contava essas histórias?

Entrevistado: Meus colegas, meus avós, até morreram já.

Entrevistador: É? Tu lembras onde é que elas eram contadas pra ti?

Entrevistado: Quando a gente ia para o sítio da vovó, era lá. Às vezes era em casa mermo.

Entrevistador: Tinha um horário para elas serem contadas?

Entrevistado: Seis horas, de noite assim.

Entrevistador: Quais as histórias que tu costumavas ouvir?

Entrevistado: Boitatá, mula sem cabeça, daquele lá que fica montado em cima de um porco.

Entrevistador: Qual é o nome dele?

Entrevistado: [Tenta se lembrar do nome, mas não consegue].

Entrevistador: A do curupira, tu ouvia? Tem alguma dessas que tu lumbres? Que tu possas contar pra gente?

Entrevistado: Eu lembro só a história mesmo, mas contar não sei não.

Entrevistador: Não? Nenhuma tu lembras mais ou menos? Assim como ele (o entrevistado Luan) contou? Assim a história, o que que era?

Entrevistado: Só a do boto. O boto que diziam que antigamente, ele se transformava num homem bonito, aí os homens ficavam tudo com inveja dele, queriam bater nele, porque ele ficava com as mulheres dos homens, aí ele ia embora.

Entrevistador: E hoje, tu costumava contar essa história pra alguém?

Entrevistado: Pra minha irmã.

Entrevistador: Quando é que tu costumava contar?

Entrevistado: Antes dela ir dormir.

Entrevistador: E aqui na comunidade do Julião, já ouviu alguma história? Que já contaram daqui?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Não? Então, Caio, muito obrigada pela tua participação.

Entrevista 06

Entrevistador: Qual seu nome completo?

Entrevistado: Raimunda Nonata Pereira da Silva.

Entrevistador: Qual sua data de nascimento?

Entrevistado: 25 do onze de 62.

Entrevistador: Onde a senhora nasceu?

Entrevistado: Eirunepé, Amazonas.

Entrevistador: A senhora estudou até que série?

Entrevistado: Ensino Médio incompleto

Entrevistador: Teve filhos?

Entrevistado: Três.

Entrevistador: Na infância, a senhora ouviu muitas histórias?

Entrevistado: Minha mãe contava muita história.

Entrevistador: É? Sua mãe?

Entrevistado: Minha mãe.

Entrevistador: Onde e quando assim eram contadas essas histórias?

Entrevistado: Na época, eu era criança, na infância mesmo. A gente morava no interior. Então, na época, a minha mãe tinha bastante tempo de contar essas história pros filho. Sempre era a noite, antes de dormir. A gente vivia... Naquela época era lamparina, a gente colocava a lamparinazinha e contava história pros filhos. Agora na nossa comunidade não, já é diferente.

Entrevistador: E nessa comunidade aqui, vocês costumam contar histórias? A senhora costuma, hoje, contar essas histórias que a senhora ouvia?

Entrevistado: Tem umas adolescentes que trabalham comigo. Sempre daqui da nossa comunidade. Eles sempre tão aqui, e sempre a gente conta história né. Tem outro rapaz que sempre gosta de contar, mas sempre eu conto história da época que eu era adolescente e ouvia da minha mãe.

Entrevistador: E quais as histórias que costumava ouvir?

Entrevistado: De boto, de caronchinha, que eu nem lembro mais.

Entrevistador: A do boto, a senhora lembra?

Entrevistado: Tinha a noite de lua que eles saiam da água. Quando eles saiam da água, era aqueles homens de branco, tudo bonito, e iam dormir com as moças que moravam próximo do rio. Depois eles iam embora. Quando era com um tempo né, as meninas apareciam grávida. Ela me falava que esses homens só usavam chapéu porque diz que eles tinham um buraco no meio da cabeça, um furo na cabeça deles. Então era isso as histórias que ela contava. Tinha muitas outras assim, mas eu não lembro muito porque era muito criança.

Entrevistador: A da cobra grande a senhora ouvia contar?

Entrevistado: Cobra grande eu ouvi, mas só que eu não lembro mais. Eu era muito pequena né?!

Entrevistador: E a daqui desse lugar, a senhora me contou uma vez sobre uma cobra que ela tinha saído de baixo do... E formou o...

Entrevistado: Ah... O lago.

Entrevistador: ... O lago né?! Como era essa história?

Entrevistado: O Lago do Arrombado. Eu não cheguei a ver, mas as pessoas daqui que contam, aliás, Eudes que me contou que tinha um igarapé, quando foi um dia, teve um temporal perto do Tupé. Morava um senhor, passou o temporal, esse senhor foi lá no lago, e tinha um buraco, um buraco imenso. O pessoal conta que, eles acham que era uma cobra grande que morava ali né. Inclusive nesse temporal, nesse dia, ela saiu desse local e se formou o lago, e o lago ficou o nome dele é Lago do Arrombado, porque a cobra que arrombou.

Entrevista 07

Entrevistador: Qual seu nome completo?

Entrevistado: Alicéia Mendes Rabelo.

Entrevistador: Qual sua data de nascimento?

Entrevistado: 15 do nove de oitenta e oito.

Entrevistador: Onde você nasceu?

Entrevistado: Manaus.

Entrevistado: Você estudou até que série?

Entrevistado: Ensino médio completo.

Entrevistador: Tem filhos?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Na infância, você ouviu muitas histórias?

Entrevistado: Ouvi sim.

Entrevistador: Quem lhe contava?

Entrevistado: Minha avó, meus tios.

Entrevistador: Onde e quando eram contadas?

Entrevistado: Na casa da minha avó, a noite depois quando ia dormir, ante de dormir.

Entrevistador: Quais as histórias você costumava ouvir?

Entrevistado: Mariazinha, Joãozinho, história da bruxa.

Entrevistador: Mais alguma?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Você costuma contar as histórias que ouvia?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Para quem?

Entrevistado: Para as crianças, na igreja.

Entrevistador: E aqui no Julião, você já ouviu alguma história? Algum caso estranho?

Entrevistado: Não.

Entrevista 08

Entrevistador: Qual seu nome completo?

Entrevistado: Luan Lima Monteiro.

Entrevistador: Qual a data que ele nasceu, D. Mirian?

Responsável: Ele nasceu dia 28 de setembro de 2007.

Entrevistador: Onde ele nasceu?

Responsável: Em Manaus.

Entrevistador: Tá em que série, Luan?

Entrevistado: Segunda.

Entrevistador: Tu costumava ouvir muitas histórias?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Quem é que te conta?

Entrevistado: A mamãe e o papai.

Entrevistador: Onde é que eles te contam?

Entrevistado: Aqui [referindo-se a casa onde reside].

Entrevistador: Tem um horário que eles te contam?

Entrevistado: Tem.

Entrevistador: Tem um horário que eles te contam?

Entrevistado: Tem.

Entrevistador: Qual o horário?

Entrevistado: À noite

Entrevistador: Quais as histórias que tu lembra que eles te contam?

Entrevistado: Só a dos três porquinhos.

Entrevistador: Lembra de mais alguma?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Tu costumavas contar essa história pra alguém?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Pra quem?

Entrevistado: Pros meus amigos, quando eu vou pra aula.

Entrevistador: Tu já ouviu falar do boto?

Entrevistado: Já.

Entrevistador: Qual a história do boto que tu já ouviu contarem?

Entrevistado: É que o boto pegava mulher. E a do curupira, que ele se esconde no mato.

Entrevistador: Quem te conta?

Entrevistado: O Tiago que disse.

Entrevista 09

Entrevistador: Qual seu nome completo?

Entrevistado: Albenaice Barbosa Veloso.

Entrevistador: Qual a data do seu nascimento?

Entrevistado: 09 de julho de 1939.

Entrevistador: Onde a senhora nasceu?

Entrevistado: Eu nasci no Purus. Entre o município de... Cidade de Tapauá e Canutama.

Entrevistador: A senhora estudou até que série?

Entrevistado: Estudei a 5^a série.

Entrevistador: A senhora tem filhos?

Entrevistado: Tenho sete filhos.

Entrevistador: Na infância a senhora ouvia muitas histórias?

Entrevistado: Olha, eu ouvi né, porque nasci e me criei no interior né. Sempre contam aquelas histórias de boto, de bicho do mato né, aliás, eu tinha muito medo.

Entrevistador: A senhora é?

Entrevistado: É. Eu tinha muito medo.

Entrevistador: Quem lhe contava essas histórias?

Entrevistado: Era os vizinhos, meu pai contava assim de noite, quando ele estava no seringal né, no castanhal né. E de noite se juntava aquelas pessoa pra conversar, contar história né, e aí cada qual ia contando sua história. E cada vez mais eu ia ficando com medo né, das história que contavo.

Entrevistador: E a senhora lembra como é que eles contavam?

Entrevistado: Olha, eu lembro assim: que diz que... antigamente, o boto né, aquele vermelho engravidava as mulhere né. Saia, quando tava nas festas, se vestia como gente, ia namorar com as moças aí engravidava. Aí eu ficava com medo né, disso. E quando nós ia pro castanhal eu tinha muito medo, porque diz que tem a curupira né. Um bicho que tem o pés contrário né. Aí também eu tinha muito medo. Isso era meu pai que contava né. Mas eu nunca vi não, isso era o que contava né. Existe, diz que existe na mata.

Entrevistador: Existe né?

Entrevistado: Mas eu nunca vi não. Isso era meu pai que contava mermo.

Entrevistador: E a senhora lembra assim, como é que eles contavam na época?

Entrevistado: A gente ficava com medo perguntando dele né se existia esse bicho. Aí ele disse que não, que era uma lenda, que muita gente dizia que via esse bicho no mato. Diz que é uma pessoazinha que fica escondida, bate nas pessoas. Mas que ele nunca tinha visto né aí nós também, eu pelo meno nunca vi, mas eu tinha medo.

Entrevistador: E a senhora costuma hoje contar essas histórias?

Entrevistado: Eu sempre costumo contar pras minhas filha. A gente tá junto aqui no Julião né, (risos) aí a gente fica contando essas história pra... Aí minhas filha ficam morrendo de medo né. É, mas aqui não tem, aqui não tem esse negócio não, só assim memo pra longe né. Aqui já é uma comunidade. E sempre vinho pra cá eu contava né, e mermo quando a gente tá Lá em Manaus né, se junta assim e conta.

Entrevistador: Então aqui a senhora nunca ouviu história nenhuma dessas?

Entrevistado: Não, nenhuma. Dessas, eu nunca vi não aqui.

Entrevistador: Então, a senhora conta pras suas filhas né?

Entrevistado: É. Minhar neta, meur neto. E sempre vinham pra cá e eu contava né. E mermo quando a gente tá lá em Manaus né, se junta assim e conta.

Entrevistador: E com que frequência a senhora conta? Só quando tem um tempo? Como é que é?

Entrevistado: É assim de noite, assim. Que agora sempre a gente fica assistindo televisão né. Mas tem vez que a gente fica junto assim de tarde, assim senta. Aí anoitece, a gente senta lá na frente de casa, aí começa a conversar. Ainda mais quando eu vou daqui né. Aí senta tudo assim num passeio que tem na frente da casa, aí começa a conversar né.

Entrevistador: Quanto tempo a senhora já tá aqui nessa comunidade?

Entrevistado: Olha, eu não lembro, mas eu tenho mais de dez anos.

Entrevistador: Mais de dez anos né?

Entrevistado: É. Aqui já fiz uma casa, que eu comprei só tava a armação. Já fiz, já acabou as talba, já tornei a fazer outra, e já tá merecendo fazer outra.

Entrevistador: A senhora acha importante contar essas histórias?

Entrevistado: Eu acho. Porque assim, por exemplo, a gente tá com essa idade, (trecho inaldível), eu acho importante assim, que se é uma lenda de antigamente né, mas a gente fica

pensando assim: será se isso é verdade, se não é? Mas a gente fica pensando assim, de contar pros filho, pros netos, pra eles também ficarem com medo né (risos). Eu gosto muito daqui da comunidade, eu gosto muito mesmo.

Entrevista 10

Entrevistador: Qual seu nome completo?

Entrevistado: Lucimar Moraes Rabelo.

Entrevistador: Qual sua data de nascimento?

Entrevistado: Dois do dois de oitenta e três.

Entrevistador: Onde a senhora nasceu?

Entrevistado: Em Japurá.

Entrevistador: Estudou até que série?

Entrevistado: Tô cursando o Ensino Superior.

Entrevistador: Tem filhos?

Entrevistado: Tenho.

Entrevistador: Quantos?

Entrevistado: Três.

Entrevistador: Na infância, a senhora ouvia muitas histórias?

Entrevistado: Ouvia.

Entrevistador: Quem lhe contava?

Entrevistado: Minha cunhada, minha mãe, meus irmãos mais velhos.

Entrevistador: Onde e quando eram contadas?

Entrevistado: Geralmente eram contadas em casa, de preferência quando não tinha energia.

Entrevistador: Quais histórias costumava ouvir?

Entrevistado: A lenda da cobra grande, a lenda do saci. Então, tinha a lenda A mula sem cabeça também... todas essas histórias.

Entrevistador: Mula sem cabeça?

Entrevistado: Isso!

Entrevistador: A senhora lembra de alguma que possa contar pra gente?

Entrevistado: Me lembro da do boto.

Entrevistador: Da do boto?

Entrevistado: Isso!

Entrevistador: Como é que era?

Entrevistado: Diziam pra gente que o boto, ele se transformava em um homem nas noites e saía com um chapéu na cabeça e se comparava com os outros homens, se confundia com os outros homens. Então, as mulheres dançavam com ele e eram encantadas né?! Então, a que mais me dava medo era essa.

Entrevistador: E hoje a senhora costuma contar essas histórias?

Entrevistado: Costumo!

Entrevistador: Pra quem?

Entrevistado: Pros meus filhos.

Entrevistador: Tem uma frequência?

Entrevistado: Raramente.

Entrevistador: E aqui na Comunidade do Julião, a senhora lembra de ter ouvido alguma história dessa que tem acontecido?

Entrevistado: Ainda não.

Entrevistador: Alguém ter contado, ter visto por aí?

Entrevistado: Ainda não.

Entrevistador: Quanto tempo a senhora mora aqui?

Entrevistado: Três anos.

Entrevistador: Morava onde?

Entrevistado: Em Coari.

Entrevistador: Muito obrigada, viu!

Entrevista 11

Entrevistador: Qual seu nome completo?

Entrevistado: Terezinha Conde de Araújo.

Entrevistador: Qual sua data de nascimento?

Entrevistado: 21 do dez de 49.

Entrevistador: Onde a senhora nasceu?

Entrevistado: Numa comunidade. Não é uma comunidade, é um município daqui do Curari.

Entrevistador: Aqui do Amazonas?

Entrevistado: É.

Entrevistador: Perto de onde?

Entrevistado: ... [matem-se em silêncio por um bom tempo, tentando lembrar].

Entrevistador: Não lembra?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: A senhora estudou até que série?

Entrevistado: A primeira série... Eu fiz o Segundo Grau.

Entrevistador: Tem filhos?

Entrevistado: Três.

Entrevistador: Na infância, a senhora ouviu muitas histórias?

Entrevistado: Ovi... do meu avô.

Entrevistador: O seu avô que lhe contava?

Entrevistado: Era.

Entrevistador: Somente ele ou mais alguém?

Entrevistado: Mais alguém.

Entrevistador: A senhora lembra quem?

Entrevistado: Assim, quando se reunia assim o vovô com aquele horror de filho, de neto, aí ele contava as histórias pra gente.

Entrevistador: Então eram contadas nas reuniões né?

Entrevistado: Isso!

Entrevistador: E a senhora lembra onde e quando?

Entrevistado: À noite. Quando? Antes de dormir, ele contava.

Entrevistador: Em casa era?

Entrevistado: Em casa. Isso!

Entrevistador: Quais as histórias a senhora costumava ouvir?

Entrevistado: História da cobra grande, do boto vermelho e mais algumas que eu nem lembro mais.

Entrevistador: Tem alguma das duas que a senhora possa contar ou as duas? A senhora que sabe.

Entrevistado: Ai! Eu não lembro mais não.

Entrevistador: Não lembra mais de nenhuma?

Entrevistado: Só pela metade.

Entrevistador: Não quer contar a metade?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: E a senhora costuma contar essas histórias?

Entrevistado: Nada! Agora ninguém tem tempo de contar mais nada.

Entrevistador: É? Não porque não tem mais tempo né?

Entrevistado: É. Os filhos... todo mundo tá em casa, todo mundo vai pra sua casa. Neto não quer saber mais de história de idoso pra não dizer velho mermo.

Entrevistador: Então a senhora não conta por que não tem mais tempo e nem para quem contar?

Entrevistado: Isso!

Entrevistador: Aqui na Comunidade do Julião, a senhora já ouviu alguma história dessas?

Entrevistado: Não, minha filha. Porque quando a gente vem pra cá, a gente vem num dia e volta noutro. E aqui é corrido, ninguém vai na casa de ninguém, só quando tem reunião assim. Mas aquilo é rápido, não dá pra contar nada não.

Entrevistador: Ah, então a senhora tá vindo aqui mais de tempo?

Entrevistado: É. De fim de semana.

Entrevistador: E agora a senhora tá morando em Manaus?

Entrevistado: Isso!

Entrevista 12

Entrevistador: Qual seu nome completo?

Entrevistado: Antônia Ribeiro Barreiros.

Entrevistador: Qual sua data de nascimento?

Entrevistado: Dia seis de junho. Eu tenho 72 anos, daí tu tira né. Eu me esqueço da data.

Entrevistador: Onde a senhora nasceu?

Entrevistado: No Purus, município de Lábrea.

Entrevistador: A senhora estudou até que série?

Entrevistado: O segundo ano. Estudei quase nada que lá, naquele tempo, não tinha quase nem colégio.

Entrevistador: A senhora tem filhos?

Entrevistado: Tenho.

Entrevistador: Quantos?

Entrevistado: Dez.

Entrevistador: Na infância, a senhora ouvia muitas histórias?

Entrevistado: Ouvia e via!

Entrevistador: Quem lhe contava?

Entrevistado: O meu pai contava e a gente ouvia. Adonde a gente morava tinha muita coisa assim.

Entrevistador: Onde eram contadas?

Entrevistado: Papai contava em casa mermo. Não tinha televisão né? Ele ficava contando história pra gente.

Entrevistador: Quais as histórias que a senhora costumava ouvir e ver?

Entrevistado: Ver era mais assim quando eles io sair de casa e ficava só nós né. Os cachorro latia e aquele bicho saia pisando assim, parecia calçado de sapato: toc, toc. arrudiando a casa e corria assim pra beira e caia n'água e buiava só o boto.

Entrevistador: Então era a do boto né?

Entrevistado: Hum rum.

Entrevistador: A senhora lembra de outras assim?

Entrevistado: Me lembro, que os cachorro ficavo latindo, aí eles ficavam apanhando aquela lapada, chega fazia lepo, lepo. Os cachorro saiam correndo assim para o difumador, pra casa de farinha. Aí os cachorro ficavo tudo quietinho depois que apanhavo e a gente olhava e não via nada, só escutava os cachorro gritando, apanhando.

Entrevistador: Mas essa, quem era que... batia nos cachorros?

Entrevistado: Ninguém num via.

Entrevistador: Não via?

Entrevistado: Não. Só escutava aquelas lapada que a gente escutava. Aí por isso que eu tô dizendo que eu num contava pa ninguém assim aqui até mermo quando a gente vai assim viajar prum canto porque a pessoa pode pensar que não é verdade né a coisa, mas é.

Entrevistador: Tem alguma história assim que marcou a sua vida?

Entrevistado: A gente morava no interior que tinha um igarapé igual aqui né?

Entrevistador: Hum rum.

Entrevistado: Mas um garapé mais estreitinho do que esse. Aí batia de noite assim com aquelas pancadas fortes e gemia. Aí daí me marcou pra sempre, nunca mais me esqueci. Batia e gemia, aquele gemido forte chega tremia a gente. E a menina novinha, minha fia pequena, aí abria leite muça, butava na boquinha dela pra vê se ela calava, que ela já tava chorando. Quando fazia barulho o cachorro latia, aí que batia puf, gemia, aquele gemido que a gente se arrupiava todinha. E sabia que aqui em Manaus tem? Diz que em Manacapuru tem. Pra estrada que tem aqueles igarapé tem.

Entrevistador: Em Manacapuru?

Entrevistado: Muita gente que já conversei disse que tem sim.

Entrevistador: E seu pai lhe contava, assim, mais algumas?

Entrevistado: Meu pai contava.

Entrevistador: Fora essas que acontecia que a senhora disse que...

Entrevistado: Meu pai contava muita história.

Entrevistador: Que ouvia né?

Entrevistado: É, meu pai contava muita história, porque eu não tô lembrada mais assim.

Entrevistador: Hum rum. E aqui na Comunidade do Julião, a senhora já ouviu alguma...

Entrevistado: Não.

Entrevistador: ... Alguma história, alguma...

Entrevistado: Não. Graças a Deus que nunca ouvi não.

Entrevistado: Eu fico sozinha aí até meio dia, mas num...

Entrevistador: A senhora acha importante contar essas histórias?

Entrevistado: Eu acho, pra uma pessoa que dá valor né? Como a senhora que ta aí prestando atenção no que eu tô contando né. Mas assim pra outra pessoa quando a gente viaja assim pra Borba como eu viajei pra outro canto, assim pra Rio de Janeiro. Mas lá, pra mulher não contei nada. Assim conversando, essa história eu não conto não. Pode a pessoa não acreditar né? Aí eu fico... (risos). Sou meia tími, pra mim contar uma conversa pra não acreditar assim eu fico... Mas já vi sim!

Entrevistador: A senhora tá aqui há quantos anos nessa comunidade?

Entrevistado: 20 anos.

Entrevistador: Faz vinte anos?

Entrevistado: É.

Entrevista 13

Entrevistador: Qual seu nome completo?

Entrevistado: Maria de Fátima Saboia Galvão.

Entrevistador: Qual é sua data de nascimento?

Entrevistado: Dia 29 de junho de 1953.

Entrevistador: Onde a senhora nasceu?

Entrevistado: No lugar Santa Cruz, Purus, perto de Lábrea.

Entrevistador: A senhora estudou até que série?

Entrevistado: Sétimo ano.

Entrevistador: A senhora tem filhos?

Entrevistado: Três.

Entrevistador: Na infância, a senhora ouvia muitas histórias?

Entrevistado: Ouvia sim. Da cobra grande, da curupira do mato.

Entrevistador: Quem era que lhe contava?

Entrevistado: Era o meu avô por parte de pai e de mãe. Por parte de pai e por parte de mãe, meu avô Francisco. O vovô Francisco contava que uma vez, eles foram pra Lábrea e a cobra grande atacou eles no rio.

Entrevistador: E a senhora lembra assim como foi essa história?

Entrevistado: Que levantou o banzeirão né, e ela quase que ela pega eles nessa história. Ele contava pra mim, por isso que ele não gostava de sair muito de noite.

Entrevistador: Quando é que ele lhe contava essas histórias?

Entrevistado: Na boca da noite, quando nós ia dibulhar feijão e ele contava.

Entrevistador: Em casa mesmo?

Entrevistado: Em casa.

Entrevistador: E hoje a senhora costuma contar essas histórias?

Entrevistado: Muito difícil. Só a vez quando eu vejo uma amiga que é assim, que eu lembro, que ela também lembra do tempo da gente nova né? Aí a gente lembra, que nem a minha prima que mora na Alvorada. Aí a gente lembra aqueles causo, aquelas história.

Entrevistador: Seus netos, suas filhas...

Entrevistado: Pro meu neto eu conto. Uma vez eu contei na escola que a professora pediu pra mim fazer isso com os alunos, aí lá vai eu né. Eu disse:

– Eu não sei

Ela disse:

– A senhora sabe contar história (risos)

É que ela queria que eu contasse história pra o menino vê né, como foi o nosso sofrimento, como é o sofrimento da gente né, da onde a gente veio.

Entrevistador: Aqui na Comunidade do Julião, a senhora lembra de alguma história?

Entrevistado: Não, porque aqui no Julião nunca tem, assim cobra grande não tem. É uma coisa não... Não tem não.

Entrevistador: E outras histórias, a senhora nunca ouviu por aqui?

Entrevistado: Cínthia, um dia desses, eu vinha da igreja. Aí, eu vinha de lá pra cá e daqui pra lá ia uma pessoa toda de branco. Aí eu me arrupei, fiquei nervosa. Aí eu pedi de Deus e Jesus, eu digo: mas eu ando com a espada que é minha bibla ninguém mexe comigo. Aí aquilo sumiu. E eu nem contei pro Francisco que era pra ele não deixar mais eu ir pra igreja. Mas tive medo pouco, mas depois não tive mais medo não. Aí passou.

Entrevistador: Isso aqui na comunidade?

Entrevistado: Aqui na comunidade do Julião. Ah, a história da onça.

Entrevistador: A história da onça?

Entrevistado: É que aí a onça pegou três bois ali na fazendinha. Aí o Pinta-cuia aí, ele matou a onça-pintada. Aí a gente comeu a carne da onça.

Entrevistador: A senhora acha importante contar essas histórias para essas pessoas mais novas?

Entrevistado: Eu acho assim, porque as pessoas pensa as vez, assim, que é um sonho da gente, mas é bom que as pessoas fiquem sabendo como é a vida da gente no interior né. O que a gente já sofreu, o que a gente já passou pelas coisas né? Porque eu mesma, eu ia pro castanhal com o meu marido, aí a onça-pintada quase, uma vez, me pega na mata. Aí então, isso é história que a gente conta que nem pro meu neto né. Pra ele ver e saber como é as coisa, a vida da gente.

Entrevistador: A da cobra grande, o que mais a senhora lembra? É só o que seu avô paterno lhe contava ou teve outras histórias? A senhora já passou por alguma aqui no rio? Nunca viu?

Entrevistado: Não. Nunca vi não.

Entrevistador: Mas a senhora tinha medo dessas histórias?

Entrevistado: Não, eu não tinha medo não, como num tenho. Tenho não! Não tenho medo não, nem da onça eu tenho medo. Aconteceu isso comigo, mas eu não tenho medo. A gente acostuma.

Entrevistador: É né?

Entrevistado: É.

Entrevistador: E do boto, a senhora já ouviu contar?

Entrevistado: Já. Mas comigo mesmo, de boto que encanta as pessoas, que nem morreu um amigo nosso lá afogado, diz que foi o boto que encantou né? Do meio pra cima gente, pra baixo boto, num rio que chama Rio Passiá, na boca do Rio Passiá. Que aí o pessoal tinha medo de ser encantado, tinha medo de passar de noite. Até eu tinha medo porque ele tinha morrido, tinha acontecido isso, podia fazer com a gente.

Entrevistador: É né?

Entrevistado: Aí diziam que tinha sido a cobra grande que tinha alagado a canoa e ele tinha sido encantado. Eu sei que nem o corpo dele ninguém achou.

Entrevistador: O pessoal lá também via a cobra grande, por exemplo, que seus avós eles contaram a história pra senhora?

Entrevistado: Mas viram!

Entrevistador: Eles viram?

Entrevistado: Viram. Que ela ia pegando eles. Foi um milagre!

Entrevistador: Ah, foi com eles?

Entrevistado: Foi com eles. Diz que foi assim, Cínthia, umas seis horas da tarde, a valência é que eles não tavo, arriou assim que nem arreia o barranco, tu sabe lá [digirindo-se a uma terceira pessoa que não faz parte da entrevista], diz que de uma vez. A dela, do filho dela, que não enxergaram nem a cumiera, nada, nada, nada. Ela perdeu tudo, tudo, tudo.

Entrevistador: Mas isso em Lábrea?

Entrevistado: Foi! Lá na terra firme do Passiá.

Diz que a da Gorete ficou assim: passou mais de semana tudo vermelho, aquilo só borbulhando, tudo vermelho. Tu já pensou? Três casa que era dos dois filho dela e dela

acontecer isso? Você não vê nem a cumieira da casa, Cíntia? Num vê talba, num vê nada, que sumiu. Pois é.

Entrevista 14

Entrevistador: Qual seu nome completo?

Entrevistado: Maria Brenda Henrique dos Santos.

Entrevistador: Qual sua data de nascimento?

Entrevistado: Cinco do sete do 69.

Entrevistador: Onde a senhora nasceu?

Entrevistado: Nasci no Pará.

Entrevistador: Lembra a cidade?

Entrevistado: Santarém.

Entrevistador: Santarém?

Entrevistado: É.

Entrevistador: A senhora estudou até que série?

Entrevistado: Ensino Médio.

Entrevistador: Completo?

Entrevistado: Completo.

Entrevistador: A senhora tem filhos?

Entrevistado: Tenho.

Entrevistador: Quantos?

Entrevistado: Cinco.

Entrevistador: Na infância, a senhora ouviu muitas histórias?

Entrevistado: Algumas.

Entrevistador: É! Quem lhe contava essas histórias?

Entrevistado: Geralmente, quem me contava muita história era uma tia que eu tinha, irmã da minha mãe.

Entrevistador: A senhora lembra onde elas eram contadas e quando?

Entrevistado: Porque como a minha tia era bem velhinha, aí a gente sempre tinha que dormir lá com ela, tipo assim. Aí ela sempre ficava contando história pra gente, negócio de príncipe, de jurupari, sei lá.

Entrevistador: Quais as histórias que a senhora costumava ouvir?

Entrevistado: A minha tia me contava várias histórias. Tinha um casal que morava no interior. Falava né que o marido dela trabalhava fora. E o marido dela todo dia saía pra trabalhar, e quando ele voltava, ela sempre perguntava:

– Mas tu não tava aqui ainda agora?

– Não. Cheguei aqui agora.

Ele começou a notar ela ficar pálida né, assim. Aí um dia ele pegou disse que ia trabalhar e não foi né, ficou escondido. Aí quando ele saiu, que ele ficou escondido, que ele viu, um homem igualzinho, a merma aparência dele, como se fosse ele foi lá né. Chegou com a mulher dele e ela fazendo a comida lá pra ele, tudo bem.

Daí depois, ele ficou prestando atenção. Aí diz que depois, demorava um pouco lá, aí ele escutava aquele barulho pra dentro da água né. Aí ele foi conversar com a mulher dele pra saber né. Aí ela disse:

– Não, mas tu tá acostumado sair e voltar. Quase todo dia tu diz que vai e não vai.

Aí ele pegou e disse:

– Vamos fazer uma armadilha? Isso daí deve ser o boto. Eu vou fingir que vou embora e vou me esconder, tu pega um monte de alho né, e bota bastante, bastante alho na comida.

– ta, tá bom.

Aí foi, quando o outro cara chegou né, que era o boto, a mesma feição dele. Aí ela deu a comida. Ele saiu doido correndo, se batendo, thobom dentro da água. Aí não deu tempo de ele cair todo dentro d'água. Aí ficou, metade homem, metade boto. Aí a história só é isso, que eu lembro só é isso mesmo. Daí descobriu que era o boto e pronto.

Entrevistador: Quantos anos a senhora mora aqui na comunidade?

Entrevistado: Doze.

Entrevistador: Doze anos.

Entrevistador: E a senhora costuma contar essas histórias?

Entrevistado: Às vezes eu contava po meus filho, mais quando a gente morava lá no interior, no sítio mermo né. Depois que eu me mudei pra cá mermo, quase a gente não tem mais tempo assim, porque eu estudava a noite né, chegava tarde do trabalho e ia pra escola.

Entrevistador: Então é não? A senhora, aqui, não costuma não né contar? Mas quando, no caso, seu filho era pequeno, a senhora morava mais pra dentro, mais pro interior a senhora contava?

Entrevistado: Sim eu contava, sempre contava história pra eles é.

Entrevistador: A senhora acha assim importante contar essas histórias hoje?

Entrevistado: Eu acho, porque no tempo que eu era criança, é como o pessoal fala não tinha esse negócio de televisão né, aí era como nossos avós, nossos tio, as pessoa né, vizinho assim. Eu lembro que quando eu morava no interior a gente ia dibulhar milho, abrir palha a noite quando tava luar né, assim. Aí o pessoal contava um monte de história assim. História de morto, de gente que já morreu e que aparecia, um monte de coisa assim desse tipo.

Entrevistador: E aqui na comunidade, a senhora nunca ouviu falar nenhuma história já que alguém chegou e lhe contou?

Entrevistado: Bem, a história que ouvi e aqui era dum tal dum cavalo que aparecia aqui, diz que tipo um cavalo, uma mula em cabeça, sei lá, diz que aparecia. E o pessoal viu o barulho desse cavalo andando né? Aí diz que gemia e tudo, mas eu mermo nunca vi. Mas um tempo

desse, não faz muito tempo, até o pessoal tava com essa história, entendeu? Diz que várias pessoa tinha visto esse... Era tipo um cavalo que andava, aí escutavam só o barulho, mas eu mermo, nunca vi não.

Entrevista 15

Entrevistador: Qual o seu nome completo?

Entrevistado: Álvaro Oliveira Bastos.

Entrevistador: Qual sua data de nascimento?

Entrevistado: 26 de outubro de 1954.

Entrevistador: Onde o senhor nasceu?

Entrevistado: Em casa, no Alto Solimões.

Entrevistador: Na infância, o senhor costumava ouvir muitas histórias?

Entrevistado: Ainda hoje, eu tava conversando com o seu Ramiro né, aquele senhor que tava perto de mim, que a lenda do boto fala que engravida a mulher né? E no tempo da menstruação dela o boto ataca a mulher. Mas é por causa disso, porque ele sente o cheiro da mulher né. Aí ele quer de qualquer maneira possuir, que ele é um animal e acha que ele pode né e elas acham que eles são encantados que querem levar elas pro fundo, quer malinar delas, e não é. A verdade é essa aí! E tem outras histórias também Mapinguari, é... curupira. São lendas, lendas, como também tem uma lenda do batedor de igarapé do rio né? Já ouviu falar?

Entrevistador: Balança a cabeça negando conhecer tal lenda.

Entrevistado: É terrível, se você não tiver coragem não fica lá não. E eu descobri tudo isso aí.

Entrevistador: Mas aqui? Essa lenda é aqui no Julião?

Entrevistado: Em todo canto. Em todos os lugares central de igarapé assim existe, mas não é lenda, é uma coisa... Como é que é? Quer dizer, eles acham que eles dizem assim ó: quando ver bater no igarapé, sem ser o rio grande assim né, chega a represa da água, aí o igarapé vai né. Aí tem o animal que bate lá né, é um animal né? Bate tipo assim quando uma pessoa pega um pano de rede assim e que bate numa talba quando tá lavando né? As mulheres do interior só lavam roupa assim né... batendo, aí bate igual. Aí os antigos dizem ai isso é o batedor, é a mãe do garapé, é isso, é aquilo né.

E um dia eu tava acampado dentro de um igarapé aqui pra cima com o nome Vai-quem-quer e tava com umas seis pessoas comigo: entre dois irmão meu e o resto era vizinho que forum trabalhar comigo em extração de breu. E uma boca de noite, o bicho começou a bater no igarapé, bateu, bateu. Aí eu falei pro meu irmão:

- Rapaz umbora ver o que que é esse bicho. Aí o outro vizinho falou pra mim assim:
- Rapaz não vai não porque isso é a mãe do garapé né, é o batedor e tal.
- Ah eu vou lá, se o bicho aparecer eu atiro nele.

Aí eu fiquei na beira do igarapé e bateu assim bem de frente né. Aí eu foquei com a lanterna e vi a cabeça do bicho com os olho né. Atirei na cabeça dele, o bicho virou de peito pra cima né. Deixei lá. Aí quando foi de manhã eles perguntaram:

- Cadê? Matou o bicho?

Eu disse:

– Rapá ficou de peito pra cima lá. Sabe o que era?

Eu já sabia né! Eu não quis falar pra ele né, que era pra de manhã cedo eles tavam curioso de ir ver lá.

Aí chegamos lá era um tipo de jacaré que tem que a gente chama de jacaré de centro né. Ele tem a cabeça toda vermelha, o corpo dele é todo preto, barriga branca, mas a cabeça é vermelha. Aí ele chega em cima da ponta de terra e tem a areia né e fica lambando com o rabo assim no chão pá [Bate palma, exemplificando o barulho produzido]. E um baquezinho desse de noite, no escuro, dentro de um igarapé faz uma zoada grande, quanto mais bater né. Aí eu disse:

– Taí a mãe do rio de vocês é isso aqui, isso aqui é que bate.

Então, muitas coisas é lenda né. A vez a pessoa fala uma coisa e nunca chegou lá pra ver né, pra confirmar, e dizer.

Aqui mermo nós tinha um... Ainda tem um igarapé que tem um pássaro aí. O pessoal que morava ali naquela ponta de terra ali não entrava pra cá pra trabalhar pra fazer nada porque o bicho gritava de dia mermo. Ele gritava igual uma pessoa... Igual uma pessoa quando tá assim distante: iiiiiiiih. Eles tinham medo né. E um dia nós entramos aí pra caçar aí dentro de noite. Matamos caça e de manhã nós fomos levar um pedaço pro vizinho lá, esse mermo vizinho que tinha medo de entrar aí dentro.

– Rapaz, cê vai aí pra dentro? Cê não tem medo do grito né?

– Não, se o bicho vim a gente dá um tiro nele.

Aí uma certa noite... Só que meu irmão, ele não queria entrar no igarapé né. Aí eu falei:

– Rapaz umbora logo lá ver o quê que é isso. Se o bicho vim a gente atira nele. (risos)

Quando nós a gente chegamo lá dentro, aí paramo lá e ficamo quieto. Aí começou a gritar igual uma pessoa gritando mermo né: iiiii. E lá vem o bicho. Depois mais, gritou mais perto.

– Rapá o bicho tá perto.

O último, o grito foi bem em cima assim: uuurra. Aí ele focou era uma coruja. É uma coruja. Ela até hoje ainda existe lá. Era um senhor que tirou terreno lá e trabalhou lá e disse:

– Ah seu Baru até hoje essa coruja ainda existe lá. De dia ela grita.

E os camarada não entravo pra lá, não trabalhava pra lá com medo né, com medo do grito. Então, muitas coisas assim, lenda né?!

Entrevistador: E sobre a energia elétrica... É... Como era aqui? O senhor lembra? Por que não tinha né?

Entrevistado: Ah não. Era a lamparina, o candiero – o candiero é aquele que coloca o querosene né dentro, aí tinha um pavio, a gente acendia ele, aí aumentava o fogo dele e diminuía, só que ele criava uma fumaçazinha. E também quando alguém tinha um ganho melhor que podia comprar um lampião, um lampião Petromax né daquele que nós tava falando, aí eu usava ele, que o combustível dele era o gás era álcool, era a vapor. Eu bobeava ele, bobeava, aí acendia tinha umas camisa assim desse tamanho assim, criava aquela assim tipo uma lâmpada, só que esquentava muito.

Mas a maioria mermo era lamparina, até pra gente pescar a noite, não existia essa facilidade de lanterna, farol, essas coisas. A gente fazia assim: cortava um alumínio, então cortava uma lata, antigamente tinha aquele litro de óleo de combustível, a gente cortava aí fazia assim fazia tipo uma palmatória de madeira, encaixava nela né e colocava a lamparina ali em cima né, e fazia um cabinho aqui e de noite ia focá peixe com aquilo ali e com a zagaia, era um sistema de adquirir um peixe mais rápido era com aquela zagaia né. E também pescava com anzol de noite... Era esse o sistema de luz né.

Entrevistador: O senhor já chegou assim, durante essas suas pescarias com esses seus colegas, ver alguma coisa de estranho? Nunca viu nada?

Entrevistado: Só o canto da sucuriju à noite no fundo. Sabia que ela canta?

Entrevistador: Balança a cabeça negativamente.

Entrevistado: Tudo isso existe.

Entrevistador: Ela é grande?

Entrevistado: Grande! Eu consegui matar aqui com seis sete metros. Grande! Antigamente pra fazer uma criação de pato como hoje aí no Igarapé tem o pessoal que cria pato lá, e era fácil de sumir pato rapidinho. Numa ocasião nós tava... O papai tinha chegado do trabalho, tava bem olhando pro rio assim, tinha uma bóia né os pato ficava tudo em cima aí de repente um sumiu. Aí ficou aquela borbulha no fundo assim. Aí ele chamou meu irmão, me chamou, aí tiramos um cambito, aí fomo lá, aí puxamos lá. A sucuri tava enrolada com a pata. Quando ela enrola, ela não solta não, você pode carregar ela pra onde quiser e ela não solta. Aí matamos ela, tinha três metro.

Entrevistador: E falando em cobra, o senhor já ouviu falar do Lago do Arrombado?

Entrevistado: Já! Eles dizem que ali foi... Eles chamam lago do arrombado da cobra né.

Entrevistador: Ah é?

Entrevistado: É! Lago do Arrombado da cobra, porque eles diz que ali era tudo vedado. E teve um grande temporal e saiu o animal de lá e acham que era a cobra, e por isso que ficou aquele fundo ali.

Entrevistador: E é fundo?

Entrevistado: É. E lá dentro que tá o hotel do Rita Bernardino. E... também aqui no Fátima nesse ano que nós chegamos a segunda vez pra morar aí no Tarumã. No início de 63, ali em Fátima secava tudinho. Secava mermo. Ficava só aquele rego assim. Mas pra dentro era bastante água. Quando foi a noite deu um temporal forte, aí mexeu com os peixe, jacaré cantou, esturrou né, onça esturrou, pássaro começaram a cantar também. Aí quando foi de manhã tava na lama assim um rastro mais ou menos assim aqui assim [mostrou o tamanho utilizando o corpo mais ou menos um metro de largura]. Tipo de um animal grande assim.

Eu creio que foi uma cobra muito grande que tinha ali. E desde então o Fátima começou a... Todo ano seca. O Fátima não era, o local não era chamado Fátima, era o Igarapé do São José. Veio passar a ser comunidade de Fátima referente à padroeira né, de Fátima. E a neta do morador de lá era chamada Maria de Fátima por causa disso.

Entrevistador: E assim, o pessoal aqui nessa comunidade tinha o costume de contar história antes de chegar a luz ou não? Como é que é, vocês se reuniam pra conversar, conversavam mais?

Entrevistado: É, muitas vez a gente ajuntava uma família, por exemplo, hoje vamo visitar a família fulano né, aí lá se juntava, pegava uma merenda, um cafezinho lá com tapioca, na época plantava bastante roça né. Quando não, era janta mermo. Nós era criança nessa época, ficava correndo com o filhos dos vizinho, no terreiro, pra cima e pra baixo, e eles ficavam contando história né. Então, eles contavam muito essas história de cobra grande, de jacaré, onça. Aí eu tinha medo [risos].

Entrevistador: E hoje, o senhor ainda conta essas histórias?

Entrevistado: Só as que eu vejo mermo que é certo né.

Entrevistador: Hum rum.

Entrevistado: Eu já encontrei uma cobra dentro... numa cabeceira, onde a água dava aqui assim (mede na canela, a um palmo do chão). Eu pisava e a água molhava só aqui assim. Tinha um pé de buriti. Eu saí de casa pra ir ver se tinha caça lá né, matá caça pra alimentar os filho. Aí chegando antes de chegar no buritizeiro com 200 metros assim, eu escutei a cutia se espantar né, aí aquela coisa veio na minha cabeça assim: ela não me sentiu que eu tava parado e uma distância longa né.

Aí eu já fui meio assim, com suspeita assim de que existia algum bicho por lá né. Aí eu passei, travessei por onde era a areia. Só que o buriti ficava dessa altura assim aonde dá buriti, onde o bicho come, principalmente a anta come né, fica só aquele lamaçal assim. Mas eu olhei, a lama tava certa assim, não tinha vestígio de nada.

Quando eu cheguei próximo assim, mas eu sempre com a espingarda aqui né nessa direção, olhando. E aí eu dei com aquela coisa lá. A cobra quando ela quer sentir, ela começa a mexer a língua né. Ela tava toda coberta isso dela assim, só o narizinho de fora assim sabe. Aí eu pensei que ela era assim [fez um tamanho pequeno]. Eu fui por trás do buriti, me agarrei no buriti, peguei um facão que eu usava bem amolado assim, cortei assim, partindo a cabeça dela. O que resultou que a lama todinha que eu via lá, tinha cobra embaixo. Ela era assim ó [um tamanho maior].

Aí sempre quando meus filhos andam na floresta eu digo olha: quando vocês chegarem na área de buriti, de chavascal, vocês usem a cabeça. Vão prestando atenção que existe isso aí. Quem diria que existia um animal daqueles naqueles confins, longe né. Que sucuri, a gente vê mais na água grande né. Aí ela foi se posicionar lá dentro né. Aí quando eu cortei a cabeça dela, ela começou a se mexer assim, aí ficou toda fora. Mas era grande, eu não consegui, peguei no rabo dela assim né, pra ver se eu puxava, mas não consegue. É muito peso.

Entrevista 16

Entrevistador: Qual o seu nome completo?

Entrevistado: Ademir Rodrigues Rabelo.

Entrevistador: Qual sua data de nascimento?

Entrevistado: Onze do onze de 60.

Entrevistador: Onde o senhor nasceu?

Entrevistado: Canutama

Entrevistador: O senhor estudou até que série?

Entrevistado: Estudei a sexta série.

Entrevistador: O senhor teve filhos?

Entrevistado: Quatro filhos.

Entrevistador: Na infância, o senhor ouviu muitas histórias?

Entrevistado: É assim ó, na minha infância a gente quase que num teve muitas história não porque o nosso lema lá era trabalho né. Porque a gente trabalhava, era no interior e lá a gente trabalhava, começava quatro hora da madrugada a gente já tinha que tá de pé pra começar a trabalhar porque a gente trabalhava em castanha, e sova, e aí é uma situação que a gente tem que se acordar cedo e chega tarde. Aí não tinha quase assim esses coisa de história, até porque também a minha mãe sempre que a gente saia pra coisar, ela acompanhava a gente também, e a gente, praticamente, quando chegava já era mais pra dormir memo porque já tava cansado assim do trabalho, porque o trabalho era puxado demais sabe.

Entrevistador: Mas em nenhum tempo, assim, o senhor lembra de ouvir assim eles contarem história nem que fosse pra fazer medo?

Entrevistado: Tinha uma história que ela sempre contava do boto vermelho né, que vamo dizer assim que encantava as pessoas. Mais assim, quando ela falava mais isso assim quando a gente, porque geralmente quando a gente chegava pular n'água essas coisas assim, porque pra lá pra onde a gente morava assim é no Solimões, é rio grande né lá. E ela falava isso daí mais pra que a gente não passasse muito tempo dentro d'água, do boto que encantava e era isso daí assim.

Entrevistador: Como era esse encantamento dele?

Entrevistado: Segundo o que ela falava era que quando ele se transformava em homem, em gente e vinha pas festa e encantava as pessoas e levava pro rio. E essa pessoa... sumia essa pessoa. Se encantava junto com ele e ele tomava de conta.

Entrevistador: E não voltava mais?

Entrevistado: Não voltava mais.

Entrevistador: Então quem lhe contava essas histórias, algumas era a sua mãe né?

Entrevistado: Minha mãe. É.

Entrevistador: Quando é que elas eram contadas e onde?

Entrevistado: Por exemplo, era de noite quando a gente chegava né, algumas vezes bem pouca que ela contava, não era muitas história assim não.

Entrevistador: Então era sempre a noite né?

Entrevistado: Hum rum.

Entrevistador: Tinha mais outra que o senhor lembra?

Entrevistado: Essa outra que eu lembro já foi mais quando eu cheguei pra cá pra Manaus. Que quando eu vim pra cá, eu vim com uma idade de mais ou menos quinze anos. Quinze, dezesseis anos. Era mais a lenda do floclore brasileiro, que é a mula-sem-cabeça, essas coisas assim.

Entrevistador: Ah, era mais lenda mesmo né?

Entrevistado: Isso!

Entrevistador: Mas essas, quando o senhor... Do boto vermelho, o senhor acreditava nelas?

Entrevistado: É, eu acreditava.

Entrevistador: Sua mãe contava?

Entrevistado: Hum rum.

Entrevistador: E ela contava como verdade?

Entrevistado: Como verdade. Exatamente.

Entrevistador: Já essas aqui quando o senhor chegou em Manaus não?

Entrevistado: Não. Essas daqui não, porque praticamente já entendia bem e já conhecia mais ou meno o porquê dessas histórias que tinha.

Entrevistador: Ah, tá. E o senhor, costuma contar essas histórias hoje pra suas filhas, seus filhos?

Entrevistado: Pra falar a verdade... não! Porque eu acredito assim, eu acredito que hoje em dia, nesse mundo que a gente vive, a gente é... tem mais que contar é assim, porque eu tenho quatro filhas mulheres, todas elas são mulheres. Mas que eu sempre conto assim é em prevenção, em... mais em prevenção porque... tá tendo muitas é, vamos dizer assim, doenças que até a medicina não consegue uma cura, como a AIDS, o Ebola, essas coisas assim. Porque eu acho que fazendo isso, a gente tá prevenindo um mal maior, principalmente pra sociedade.

Então, se eu acredito que eu tento mais passar pra elas isso daí sabe? Porque pelo menos é uma coisa que é real. Aí eu passo mais isso daí pra elas, porque minhas filhas todas elas são mulheres, aí então eu procuro sempre passar isso daí pra elas porque eu acredito que no mundo que a gente vive, tem que ter isso daí porque se não é muito complicado.

Entrevistador: Então, o senhor não conta mais aquelas histórias antigas por quê? Por que que não conta mais aquelas histórias antigas?

Entrevistado: É por causa que é assim, eu vejo assim da seguinte forma... essas histórias antigas que minha mãe contava pra mim, e depois de um certo tempo que eu me entendi, eu pensei assim: que é história que... eu num acredito.

Entrevistador: Hum rum.

Entrevistado: Sabe?

Entrevistador: Então, o senhor não conta mais por que o senhor não acredita?

Entrevistado: Eu não acredito nisso daí.

Entrevistador: Hum rum.

Entrevistado: Eu prefiro contar essa situação que tá acontecendo no mundo assim pras crianças, pras minhas crianças pelo meno, porque eu quero que elas se previna. Se previna de certas coisas que pode acontecer sabe?

Entrevistador: Hum rum. Então, a respeito daqui do lugar, o que o senhor ouve contar? Tem assim essas histórias? Já aconteceu alguma história aqui que o pessoal ficou com medo? Que aconteceu mesmo, todo mundo até evitou né? O senhor já ouviu? Aqui perto? Proximidade?

Entrevistado: Eu já ouvi um tempo aí uns comentário aqui de ali na fazenda Portugal, lá em cima, perto da Agrovila, morava um senhor lá, que num sei o porquê de acontecer isso, mas diz que ele virava cobra.

Entrevistador: Ele era?

Entrevistado: É. Aí diz que certo dia houve uma confusão na comunidade do São Sebastião e com esse home só que ele virava cobra, mas ele só tinha esse coisa de virar quando ele tava

pelo meno com os pés dentro d'água porque se não ele não tinha esse coisa. Isso daí foi o que me contaram né.

Entrevistador: Hum rum

Entrevistado: Aí eu fico pensando: num dá nem quase que pra entender isso aí, mas foi o que me passaram, o que contaram pra mim. Que ele virava cobra e quando ele virava cobra nada atingia ele, nem tiro, nem nada.

Entrevistador: Ele era encantado né?

Entrevistado: Exatamente, eu acredito que sim. Mas foi isso daí que se passaram. Agora a história mais coisa memo daqui é só memo, por exemplo daqui: Julião. Julião aqui começou, foi fundado por causa de uma pessoa que era Julião o nome dele. Só que ele morreu, mas a comunidade como foi, como ele era o primeiro morador da comunidade ficou sendo Julião até hoje. E por causa disso do nome dele...

Entrevistador: Hum rum.

Entrevistado: Sabe? Até hoje é Julião.

Entrevistador: Mas assim, e essas histórias aqui o senhor nunca ouviu? Nunca ouviu nenhuma história aqui também de gente se transformar aqui na comunidade do Julião o senhor não chegou a ouvir?

Entrevistado: Não, não. Na comunidade não. Aqui não.

Entrevistador: E deixa eu lhe perguntar... Quanto tempo o senhor mora aqui na comunidade?

Entrevistado: Uns vinte anos mais ou meno.

Entrevistador: Uns vinte anos... E quando o senhor chegou aqui, não dava medo de morar sozinho?

Entrevistado: Não. Quando eu vim pra cá, eu vim praticamente com a família toda. Papai, mamãe, eu, minha esposa, é todo mundo. A gente pra falar a verdade, a gente nem morava desse lado, morava noutra casinha lá do outro lado. Mas só que aqui morava três, quatro família com a nossa.

Mas não dava medo de nada não, porque aqui a única coisa que coisava, é num dava medo de nada não, porque não tem, não tem é histórias assim que era pra o contrário, da gente dizer que alguma aqui vai dar medo ou qualquer coisa assim num tem não, sabe? É muito bom demais aqui até pra se morar é bom demais,.dimais mesmo.

Entrevistador: E a energia elétrica aqui chegou quando, o senhos lembra?

Entrevistado: Energia elétrica... Não tenho bem ideia não. Mas deve de tá com uns dois anos, três anos, alguma coisa assim.

Entrevistador: é?

Entrevistado: É

Entrevistador: Tá bom então, obrigada seu Ademir.

Entrevista 17

Entrevistador: Qual o seu nome completo?

Entrevistado: Marcos Barbosa da Silva Neto

Entrevistador: Qual a sua data de nascimento?

Entrevistado: 10 de janeiro de 1991.

Entrevistador: Onde você nasceu?

Entrevistado: Em Manaus

Entrevistador: Você estudou até que série?

Entrevistado: Até a sexta do Primeiro Grau na época, Ensino Fundamental.

Entrevistador: Tem filhos?

Entrevistado: Sim

Entrevistador: Quantos?

Entrevistado: Cinco

Entrevistador: Na infância você ouviu muitas histórias?

Entrevistado: Algumas que eu nem me recordo mais assim.

Entrevistador: Quem lhe contava essas histórias?

Entrevistado: Assim, minha mãe, minha avó eu acho. Acredito que minha avó, algum conhecido assim, mais velho, pessoa de mais idade.

Entrevistador: Onde e quando eram contadas?

Entrevistado: Em casa mermo, ou as vezes na igreja né, a gente ia pra igreja as vez ouvir alguma vez alguma história né, no colégio mermo.

Entrevistador: Quais histórias você costumava ouvir?

Entrevistado: Histórias algumas é assim, aparentemente verdadeiras né, histórias antigas, e outras que eu me lembro assim, são mitos mesmo mitos que a gente escuta no Brasil, lendas.

Entrevistador: Lembra o nome de alguma?

Entrevistado: A gente já ouviu sobre essas mais comum, é o Saci Pererê, da do Curupira né, o aquele também, como é? Do Mapinguari, essas daí a gente já ouviu falar essas histórias comuns assim.

Entrevistador: Tu lembra assim de alguma que te deu medo?

Entrevistado: Eu não me lembro. Assim, não lembro não. Não me lembro porque eu nunca me interessei e nem nunca contei pra nenhum filho meu. Pra ninguém porque é como lhe falei anteriormente né, eu não quero, na minha opinião, no meu ponto de vista eu não vou perder tempo contando história que acredito, que eu sei que não é verdadeira, pra mim não tem sentido perder tempo contando uma fantasia uma... esse é meu ponto de vista né. Sei que as vezes as pessoa chama isso de cultura, mas minha cultura é diferente.

Entrevistador: hum rum

Entrevistado: Não passei isso não. Se depender de mim não vai ser passado pro meus filho, vai se perder no tempo.

Entrevistador: E assim Marcos, aqui na comunidade, tu já ouviu alguma historia? Alguém já contou algum tempo.

Entrevistado: Eu num num ... agente não, a gente não costuma mais ouvir esse tipo de história aqui, não que eu me lembre. Assim alguma história recente, alguma coisa assim. A gente não, não recorda, mas a gente não ouve mais as pessoas contarem não.

Entrevistador: Não né?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Marcos, quanto tempo tu moras aqui?

Entrevistado: Aqui na comunidade, assim, eu já frequento essa comunidade há vinte anos. Há vinte anos que a gente, eu já ando por aqui, mas morar mesmo, eu tô com sete anos que eu tô morando assíduo.

Entrevistador: Há, então obrigada, Marcos, tá?

Entrevistado: De nada.

Entrevista 18

Entrevistador: Qual o seu nome completo?

Entrevistado: Meu nome completo memo é Josimar Pereira Pena.

Entrevistador: Qual a data do seu nascimento?

Entrevistado: Sou de 1965, 66.

Entrevistador: O senhor lembra data? O dia?

Entrevistado: É o dia, dia nove de outubro.

Entrevistador: Onde o senhor nasceu?

Entrevistado: Nasci em Monte Alegre, nasci e me criei em Monte Alegre. Monte Alegre?

Entrevistador: hum rum.

Entrevistador: O senhor estudou até que série?

Entrevistado: Só até a primeira, num pude sair da primeira que não tive tempo.

Entrevistador: O senhor tem filhos?

Entrevistado: Eu tenho três filho, quaro com um adotadozinho que eu peguei ontem, da primeira mulher que eu arrumei.

Entrevistador: Então, quatro né?

Entrevistado: Quatro.

Entrevistador: Na infância o senhor ouviu muitas histórias?

Entrevistado: Na minha infância eu ouvi assim: nas hora vaga que eu tinha, a gente saía pra brincar, fazer aquela brincadeira né e iam contar umas histórias. Meu pai também parava e contava pra mim:

– Meu filho se um dia você for pescador, você vai ver muitas coisas n'água, muitas feras n'água. Eu escapei de a cobra me comer. Eu andava com um senhor por nome seu Manoel. Ele dizia:

– Seu mano, lá vem a bicha seu mano. Lá vem a cobra. O senhor tá escutando?

– Não.

– Pois eu tô escutando. Ela tá vindo aí. Tremeu a água aqui, tremeu a água na canoa aqui.

Aí ele disse:

– Será rapaz?

– É

– E eu duvidava meu filho que era brincadeira. Brincadeira que ele era mais acostumado a pescar de que eu. Ele era mais novato [o pai].

– Quando eu pensei que não ela buiou, já me distante.

Aí só viu o foco. Diz que a cobra quando ela é grande, ela foca que nem quase carro né. Aí ele disse:

– Umbora tirar pra beira seu mano?

Eles tavam no meio do rio né, e arrojaram no remo pa beira. E remaram, e remaram, e remaram, e remaram. E quando eles foram chegando na beira, foram pulando da canoa, ela foi chegando junto. Jogou a canoa e eles muito dentro, no seco. Isso aí ele contou muita vez pra mim, que escapou de morrer sobre cobra, escapou de a cobra comer ele. E é cobra grande né, não é coisa pequena não.

Aí ele contava da história Nonato Cobra Grande. Que cresceram, cresceram, aí começaram a brigar, começaram a brigar. Aí ele foi. Saiu pra casa da mãe dele e disse:

– Mamãe, eu vou brigar com a mana, e vou ver se domino ela. Porque ela é maior de que eu e tá comendo até gente, e eu não quero que ela faça isso.

– Não meu filho, ela tá maior de que tu. Ela vai te matar, cuidado!

– Não, mas eu consigo!

E brigaram, e brigaram, e quando amanhecia o dia, a água tava toda toldada. Eles brigaram. Ela (a mãe) já tinha até medo de a família dela ir pra beira por causa disso. Até que quando foi um dia ele chegou e disse:

– Mamãe, dominei ela. Eu vou matar ela. Ela já tá muito cansada e eu vou matar ela.

Até que quando foi um dia, ele conseguiu dar fim dela né. Aí ficou só ele. Aí ele foi e virou um cobraão e num apareceu mais em casa, pra lá ele ficou. Até hoje ele nunca mais apareceu. E é uma história grande isso daí. Aí meu tempo era pouco pra contar direito né, aí não posso mais nem lhe explicar mais como terminou a história.

Mais é muito legal quando a gente parava só pra com contar história é, verso, muito legal.

Entrevistador: Quem lhe contava essas histórias?

Entrevistado: Quem me contava era meu pai, os amigos que as vezes já tinham assistido né, tinha... era mais idoso de que eu, aí contavam pra mim. Tinha muitas histórias, e tinha outras história boa e que eu, e até hoje num aprendi dividido tempo que era pouco, mas antigamente tinham muitas, né. Mas que eu acho que é legal né.

Entrevistador: É.

Entrevistador: E onde é que o senhor ouvia? Quando elas eram contadas? Quando é que o senhor costumava ouvir essas histórias?

Entrevistado: Sobre o tempo? Ou aonde era?

Entrevistado: Onde era que o senhor ouvia? Assim quando, de dia noite?

Entrevistador: Era sim que nem nos tamo aqui. As vez sentava olhando pro luar né, tão bonito o luar de noite, ai ficava contando as história. Pra lá nesse tempo nem energia tinha né, nesse interior, que eu sempre morei em interior pra lá.

– Umbora contar história pra cá?

– Umbora.

Passava horas e horas contando histórias.

Entrevistador: Então era em frente de casa mesmo?

Entrevistado: Era. Em frente de casa mermo.

Entrevistador: E quais as histórias assim, era essa da cobra que o senhor costumava ouvir?

Entrevistado: Isso. Só essa da cobra que eu costumava ouvir e essa da cobra que meu pai contava também. E aí eu tive analisando, que agora eu já pesco muito né, eu sou até associado da pesca.

Entrevistador: O senhor é pescador é?

Entrevistado: É

Entrevistador: Olha.

Entrevistado: Eu sou associado da pesca. Então, eu pescando assim, tomo muito cuidado. Aqui e acolá a gente ver cobra. A gente põe a malhadeira, quando pensa que não, tá aquelas cobras de três, quatro metros na malhadeira. Aí eu me alembro das histórias né, como é que é. Até que eu tinha, que meu celular até esculhambou, que eu tinha tudinho filmado né. A gente pegava ela né, é a maior coisa, falava com a cobra. Só aí meu celular esculhambou e acabou tudo.

Entrevistador: As filmagens né?

Entrevistado: É.

Entrevistador: E hoje, o senhor costuma contar essas histórias pra alguém?

Entrevistado: As vez a gente conta, quando se ajunta assim com os conhecido de antigamente né.

– Rapaz, e aí como é que tá aquelas história daquele tempo vamo contas história

– Umbora.

Tem uns que conta umas histórias boa que só, mas nova também né.

Entrevistador: Mais nova?

Entrevistado: É assim, devido o tempo né. Essa é do tempo antigo e essas outra entendeu como é que é?

Entrevistador: Hum rum.

Entrevistado: Mais de agora.

Entrevistador: Hum rum.

Entrevistador: E aí?

Entrevistado: Só aí que eu num aprendi as histórias deles, que o tempo era pouco, a gente conversava, conversava, depois:

– Fulano, eu vou ali com o meu filho já já. Fulano, que né é assim. Quando não, meu pai. E aí:

– Não rapá, umbora contar mais.

– Depois eu venho.

– Aí nem dava de eu vim, era assim.

Entrevistador: E aqui no Julião, o senhor conhece alguma história dessa, que o senhor já chegou a ver?

Entrevistado: Sobre cobra não. O que eu tenho de contar sobre isso daí é negócio de caçada. A gente caça também aqui né, que é muito perigoso aqui negócio de caçada.

Entrevistador: Mas por quê? Aparece aqui alguma coisa?

Entrevistado: Porque tem muita cobrinha, aquelas venenosa né. Essa tal de... essa cobra que chamum surucucu tem demais, tem destamanho [faz um tamanho pequeno com as mãos], destamanho [faz um tamanho médio com as mãos], destamanho [faz um tamanho grande com as mãos]. Quando foi um dia, eu saí daqui andando de bicicleta, quando cheguei lá na frente acolá tinha essa cobra pico de jaca. Essa cobra é meia grande, ela é de três metro pra cima, é difícil de ver uma pequena. Ela tava atravessada no meio do caminho, eu joguei a bicicleta prum lado e caí pro outro. Na hora que eu caí lá, que ela viu a viciqueta cair, ela partiu pra cima da bicicleta, aí eu saí bolando, e fui pra frente, e lá peguei um pau e casetei, até que matei. Cheguei aqui eu medi, deu três metro.

Aí o pessoal fazia aquelas atividade de física né, correno toda tardezinha. Aí sairum pra correr aí dentro desse mato aí, pra essa estrada aí. Aí quando viram a cobra aí, de tardezinha, eu disse: - olha, eu acho bom vocês não correr praí, repara os tamanho das cobra que tem praí, ninguém quis mais, ninguém foi mais.

Entrevistador: Então, assim, e fora essas histórias o senhor não ouviu mais outra aqui? Nada?

Entrevistado: Não, não ouvi mais. A atividade da gente mais aqui do pessoal é uma bola, é jogar uma bola, é jogar uma bola. Toda tardezinha é bola, bola, bola, bola, bola, quando não uma sinuca. É a atividade que a gente tem aqui quando chega do serviço, não tem outra.

Entrevistador: E vocês trabalham aqui com o quê mais?

Entrevistado: Rapaz, eu trabalho assim é... vendendo as coisinha aí, de diária pra li, pra cá, assim. Aí você que não tem bem costume, não tem conhecimento, você ia passar mais ruim que eu um pouco, por causa do costume do pessoal né, não lhe conhece, você tem vergonha de chegar e pedir serviço, aí fica mais difícil. Depois que você vai acostumano, vão lhe conheceno, aí vai aparecendo serviço: - fulano vai trabalhar pra mim? – Fulano, tu sabe mexer com cimento? – Tu sabe é... Vamo carregar uns tijolo? – Quanto tu quer pra carregar tantos tijolo?... É assim.

Entrevistador: E quantos anos o senhor já mora aqui, já é morador daqui?

Entrevistado: Vai fazer 14 anos.

Entrevistador: 14 anos?

Entrevistado: Agora em abril.

Entrevistador: E assim, a importância que o senhor acha de contar essas histórias?

Entrevistado: Tenho contado, aí tem uns que diz: – Rapaz eu num me lembro porque eu sou mais novato e tal né; aí outro diz: - Já ouvi falar nesse tempo, eu já ouvi falar nessas história sua muitas vez. E até que a gente dizia que não era verdade, mas muitas vezes isso aí é até por um exemplo dum pescador, dum caçador, embora eu digo assim: - Fulano, não anda muito pra cá não porque tem muita onça, as vez quem não conhece nem pensa que tem né. Aí quando pensa que não, aparece! É assim. Eu faço porque... pra evitar de ele ir pra aquele rio né: - não vá não meu filho, que tem cobra, não vá não que tem bicho, tem tal coisa, pa num ir, e as vez tem criança que ainda vai assim mesmo, foge da gente e vai. Eu tenho feito com os meu isso.

Entrevistador: Ah, então, aí o senhor conta mais para os pequenos já para irem no...

Entrevistado: Já pa eles criar aquele medo pra não tá só naquele rio, naquele rio.

Entrevistador: Hum rum.

Entrevistado: Que as vezes vão só, e dá problema né.

Entrevistador: Hum rum.

Entrevistado: Criança só num... Esse aqui é meu ganha pão de cada dia [e mostra seu pequeno comércio com um balcão, numa parte da casa], quando eu não saio pra trabalhar eu fico aqui, aí eu fico aqui, aí é daqui que eu tiro pa sustentar meus filho. Eu sou largado da mulher, mas graças a Deus sempre eu ajudo eles né. E aí quando eu peço eu tiro daqui, é quando Deus... Eu pedi pra Deus pra mim fazer isso aqui [referindo-se ao comércio] e eu vou levando a minha vida assim né, não aadianta a gente fazer as coisa adiante da mão, tem que fazer as coisa tudo certo.

Entrevista 19

Entrevistador: Qual o seu nome completo?

Entrevistado: Miriam Limam Monteiro.

Entrevistador: Qual é a sua data de nascimento?

Entrevistado: Oito de dezembro de oitenta e três.

Entrevistador: Onde você nasceu?

Entrevistado: Nasci em Manaus.

Entrevistador: Estudou até que série?

Entrevistado: Até a quinta série.

Entrevistador: Tem filhos?

Entrevistado: Tenho cinco.

Entrevistador: Na infância você ouviu muitas histórias?

Entrevistado: Não, não muitas né.

Entrevistador: Mas quem lhe contava essas histórias que você chegou a ouvir?

Entrevistado: A minha avó.

Entrevistador: Mais alguém?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Onde e quando elas eram contadas?

Entrevistado: Na casa dela mesmo.

Entrevistador: Tinha um horário.

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Quais eram essas histórias que você costumava ouvir?

Entrevistado: Era da cobra grande né?

Entrevistador: Mais alguma?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Lembra assim dessa história que a sua avó lhe contava?

Entrevistado: Não. Faz tanto tempo, acho que eu tinha uns oito, sete anos.

Entrevistador: Quando ela contava né.

Entrevistador: Então hoje você costuma contar essas histórias?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Quanto tempo você mora aqui nessa comunidade?

Entrevistado: Mana, eu cheguei pra cá, porque a gente morava aqui, a gente veio pra cá, a gente sou morador antigo né, só que a gente veio embora pra Manaus, a gente moramos sete anos em Manaus.

Entrevistador: Então, já tem mais ou menos quantos anos aproximadamente?

Entrevistado: Acho que uns quinze anos.

Entrevistador: E aqui na comunidade, nunca ouviu nenhuma história assim?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Não?

Entrevistado: Não.

Entrevista 20

Entrevistador: Qual seu nome completo?

Entrevistado: Ana Paula da Silva e Silva.

Entrevistador: Qual sua data de nascimento?

Entrevistado: Dia 25 do três de 76.

Entrevistador: Onde você nasceu?

Entrevistado: Em Belém do Pará.

Entrevistador: Estudou até que série?

Entrevistado: Tô cursando ainda o primeiro ano.

Entrevistador: O primeiro ano?

Entrevistado: Do Ensino Médio né?

Entrevistador: Tem filhos?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Quantos?

Entrevistado: Três meu e um que... do meu esposo. Quatro, ou seja.

Entrevistador: Quatro.

Entrevistador: Na infância, você ouviu muitas histórias?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Quem lhe contava essas histórias?

Entrevistado: Minha irmã, meu primo.

Entrevistador: Lembra onde eram contadas, quando?

Entrevistado: Assim, na nossa casa. O nosso primo morou um bom tempo com nós, ele contava muitas histórias. A minha irmã que morou muito tempo em Piauí também contava.

Entrevistador: Quais histórias assim você costumava ouvir?

Entrevistado: Ela contava muito do canto da Sereia né, em Piauí que tem uns morro lá que geme, aqueles morro parece de areia. Aí ela contava muito sobre isso. Meu primo contava sobre outras história que ele via, que ele sentia assim, como mulher de branco, essas coisas assim.

Entrevistador: Lembras de alguma história que tu podes contar pra gente?

Entrevistado: Lembro que a minha irmã sempre contava assim que quando ela era pequena que ela morava em Piauí, nosso tio sempre contava pra ela desse morro do gemedor. Diz que era um morro muito grande de areia. Aí quando era umas meia-noite assim, por aí, ela (a irmã) conta que eles estavam lá por perto demorava muito aquele morro começava a gemer. Aí procuravam, olhava e não tinha ninguém, era o morro gemendo. Aí todo mundo diz que saia correndo com medo daquele ruído né, daquele gemido de lá. E eles quase não se chegavam lá perto, porque, até mermo porque era difícil o acesso de chegar até lá né, porque eram aquelas montanha de areia. Aí fazer?! Aí achavam uma história interessante né, de que a areia, esses morro assim gemer é coisa esquisita né (risos).

Mais aí o canto da Sereia ela conta que uma vez que o nosso tio diz que foi quase enfeitado pelo canto da sereia. Lá em Piauí mesmo, ele mora até hoje mora em Piauí. Aí ele por lá, quando foi já passando da meia noite diz que a vovó contava que isso começou a cantar aquele canto por lá, cantando bem aquele canto diz que bonito, quando viu diz que o titio já ia pra dentro da água já atrás do canto. Foi quando o pessoal viro e saíro puxando o meu tio pra ele não ir pra dentro d'água.

Entrevistador: E aqui na comunidade do Julião? Tu tens alguma história? Já ouviu contar alguma história?

Entrevistado: Aqui da comunidade, eu já ouvi contar que esse aqui tava andando um cavalo a noite aqui. Sempre, uma vez ou outra, de vez em quando ele anda aqui pela rua aquele cavalo relinchando de noite aqui. Tem uns que dizem que já viro, mas outros que dizem que não, que já é invenção. Mas sempre os menino sempre conta aqui que chegaram a ouvir relinchar ali perto da janela da casa da mãe dele, mas aí as filha ali do irmão ali também já ouviu, mas nunca tivero corage assim de abrir a janela pra ver se realmente é né. Mas diz que relinchava bem lá perto e que andava a rua a cima a baixo.

Entrevistador: Mas não sabe de onde ele vem?

Entrevistado: Não sabe de onde ele vem porque até mermo porque aqui ninguém cria cavalo né, aqui não tem criação de cavalo, tem boi, mas é lá pra dentro lá pra fazenda mesmo.

Entrevistador: E você costuma contar essas histórias?

Entrevistado: Assim, eu costumo comentar assim quando tá com os meninos né, com os meus filho, que no tempo da... A minha tia, quando nós se junta tudinho, minha irmã, a gente começa a conversar sobre isso. Sobre essas coisas dos que eu já ouvi, do que eu já assim, nunca presencieei, mas já ouvi essas coisa né, tenho ouvido, aí nós sempre comenta quando se junta todo mundo assim família, ou então amigo mermo aí a gente começa a contar as histórias né. Outra vez eu fui em Manacapuru, quando era mais nova menina assim tipo a minha filha lá a mãe do rapaz sempre contava as história, a avó do rapaz contava as história que sempre acontecia por lá né. Aí nisso que eu vou ouvindo eu vou passando né, eu vou falando porque, assim, presenciar, ver assim eu nunca vi e nem ouvi né, já faço só passar pros menino o que as outras pessoas já me contam né.

Entrevistador: E qual é a importância de a senhora contar pra eles hoje? O que a senhora pensa?

Entrevistado: Assim contar porque nós sabemos que muitas das vezes é verdade e muitas das vezes é mito né. Algumas coisas são mito, outras são verdade. Então pra eles tarem assim cientes e saber também diferenciar as vezes das coisa, quando é verdade ou quando não é né, ou quando só é lenda, só é história. Como tem outras história a mula-sem-cabeça né, o encanto do boto né, aí tudo isso ó.

Uns meses atrás, eu tava conversando com seu João alí, o esposo da irmã Queleia, ele tava falando sobre feitiço do boto né. Aqui, até que não tem muito. Esses botos aqui até que num são tão brabo como ele fala – põe pra cima. Mas lá onde ele morava, esses boto aqui, essas menina moça assim não podio entrar na água que os botos botava pra cima mesmo. Aqui não, aqui eu vejo essas meninas moça tudo pulare dentro d'água não tão nem preocupada se vem boto, se não vem, elas querem saber é de se divertir né. E lá não, as meninas não podiam chegar na beira d'água quando tava no tempo do seu período né que o boto botava pra cima mermo, e se fosse possível fundava até canoa.

Então, isso é coisas que eu até hoje escuto né, já depois de certa idade até hoje escuto a lenda do boto né, a história como é. Mas daí já vem ele que é mais de idade do que eu que já conta para mim né. Então, se eu vou escutando, quando eles não tão presente, eu vou passando para eles né, e vou contando as histórias.

Entrevista 21

Entrevistador: Qual o seu nome completo?

Entrevistado: Rogério Santos da Conceição.

Entrevistador: Qual sua data de nascimento?

Entrevistado: 27 de julho de 2005.

Entrevistador: Onde você nasceu?

Entrevistado: Manaus.

Entrevistador: Você estudou até que série.

Entrevistado: Quarto ano.

Entrevistador: Você ouviu muitas histórias?

Entrevistado: Não muitas.

Entrevistador: Quem lhe conta essas histórias?

Entrevistado: A professora.

Entrevistador: Onde e quando são contadas?

Entrevistado: No cantinho da história, na escola.

Entrevistador: Quais histórias costuma ouvir?

Entrevistado: Da turma da Mônica.

Universidade do Estado do Amazonas
Escola Superior de Artes e Turismo
Programa de Pós-graduação em Letras e Artes
Projeto: Narrativas orais na Comunidade do Julião

Cíntia Bastos Sabóia

	SIM	NÃO
1. Você autoriza que seja utilizada esta entrevista junto com o projeto?	X	
2. Você permite que seja arquivada para que outras pessoas a utilizem?	X	
3. Você gostaria que o seu nome fosse utilizado?	X	
4. Qual o seu nome completo?	Sebastião Benificácio dos Santos	
5. Qual a sua data de nascimento?	24/10/1940	
6. Onde você nasceu?	Serimpal Jacuapari em frente São Paulo de Olivença	
7. Você estudou até que série?		X
8. Teve filhos? Quantos?	X	7
9. Na infância, você ouviu muitas histórias?	X	
10. Se sim, quem lhe contava essas histórias?	tio, primo, pai avô.	
11. Onde e quando eram contadas?	em casa, nas ruas, casas da família	
12. Quais histórias costumava ouvir?	lenda grande, matim, Asto	
13. Você costuma contar essas histórias?		X
14. Para quem? Com que frequência? Quando?	não conta porque ninguém quer ouvir	

Entrevistado: Sebastião Benificácio dos Santos Comunidade do Julião, Manaus, 15 de fevereiro de 2015.

	SIM	NÃO
1. Você autoriza que seja utilizada esta entrevista junto com o projeto?	X	
2. Você permite que seja arquivada para que outras pessoas a utilizem?	X	
3. Você gostaria que o seu nome fosse utilizado?	X	
4. Qual o seu nome completo?	Josianna Pereira Pena	
5. Qual a sua data de nascimento?	09/10/1966	
6. Onde você nasceu?	Monte Alegre/PA	
7. Você estudou até que série?	13 série	
8. Teve filhos? Quantos?	X	4
9. Na infância, você ouviu muitas histórias?	X	
10. Se sim, quem lhe contava essas histórias?	pai, amigo.	
11. Onde e quando eram contadas?	a noite, próximo a casa	
12. Quais histórias costumava ouvir?	lenda	
13. Você costuma contar essas histórias?	X	
14. Para quem? Com que frequência? Quando?	conhecido de antigamente	

Entrevistado: Josianna Pereira Pena
apelido: Antacúcia
Comunidade do Julião, Manaus, 16 de fevereiro de 2015.

Universidade do Estado do Amazonas
Escola Superior de Artes e Turismo
Programa de Pós-graduação em Letras e Artes
Projeto: Narrativas orais na Comunidade do Julião

Cíntia Bastos Sabóia

	SIM	NÃO
1. Você autoriza que seja utilizada esta entrevista junto com o projeto?	X	
2. Você permite que seja arquivada para que outras pessoas a utilizem?	X	
3. Você gostaria que o seu nome fosse utilizado?	X	
4. Qual o seu nome completo?	Ana Paula da Silva e Silva	
5. Qual a sua data de nascimento?	25.03.1976	
6. Onde você nasceu?	Belém - PA	
7. Você estudou até que série?	Ensino médio Incompleto	
8. Teve filhos? Quantos?	X	4
9. Na infância, você ouviu muitas histórias?	X	
10. Se sim, quem lhe contava essas histórias?	irmã, primo	
11. Onde e quando eram contadas?	na casa.	
12. Quais histórias costumava ouvir?	lento da Sereia, O menino que geme - do gemedeiro, cavalo na comunidade	
13. Você costuma contar essas histórias?	X	
14. Para quem? Com que frequência? Quando?	filhos, quando a família se junta.	

Entrevistado: Ana Paula da Silva e Silva

	SIM	NÃO
1. Você autoriza que seja utilizada esta entrevista junto com o projeto?	X	
2. Você permite que seja arquivada para que outras pessoas a utilizem?	X	
3. Você gostaria que o seu nome fosse utilizado?	X	
4. Qual o seu nome completo?	Mariana de Fatima Saboia Galvão	
5. Qual a sua data de nascimento?	29.06.1953	
6. Onde você nasceu?	Santa Cruz - Povo - Saboia	
7. Você estudou até que série?	7ª série	
8. Teve filhos? Quantos?	X	3
9. Na infância, você ouviu muitas histórias?	X	
10. Se sim, quem lhe contava essas histórias?	Avó paterna, Avó materna.	
11. Onde e quando eram contadas?	na boca de noite, em casa.	
12. Quais histórias costumava ouvir?	lenda grande curupira	
13. Você costuma contar essas histórias?	(em grupo)	
14. Para quem? Com que frequência? Quando?	conhecidas antigas, neto, filhos, escola. A onça que pegou três bois.	

Entrevistado: Mariana de Fatima Saboia Galvão

- Comunidade do Julião - Manaus, 16 de fevereiro de 2015.

Universidade do Estado do Amazonas
Escola Superior de Artes e Turismo
Programa de Pós-graduação em Letras e Artes
Projeto: Narrativas orais na Comunidade do Julião

Cíntia Bastos Sabóia

	SIM	NÃO
1. Você autoriza que seja utilizada esta entrevista junto com o projeto?	X	
2. Você permite que seja arquivada para que outras pessoas a utilizem?	X	
3. Você gostaria que o seu nome fosse utilizado?	X	
4. Qual o seu nome completo?	Regina Santos da Conceição	
5. Qual a sua data de nascimento?	27.07.2005	
6. Onde você nasceu?	Maués	
7. Você estudou até que série?	4º ano	
8. Teve filhos? Quantos?		X
9. Na infância, você ouviu muitas histórias?		X
10. Se sim, quem lhe contava essas histórias?	professora	
11. Onde e quando eram contadas?	Cantinho da história	
12. Quais histórias costumava ouvir?	Turma da Mônica.	
13. Você costuma contar essas histórias?		X
14. Para quem? Com que frequência? Quando?		

Entrevistado: *Regina Branda Henriques dos Santos*
Em 16.02.2015

	SIM	NÃO
1. Você autoriza que seja utilizada esta entrevista junto com o projeto?	X	
2. Você permite que seja arquivada para que outras pessoas a utilizem?	X	
3. Você gostaria que o seu nome fosse utilizado?	X	
4. Qual o seu nome completo?	Terezinha Conde de Araújo	
5. Qual a sua data de nascimento?	21.10.1944	
6. Onde você nasceu?	Cusari - Amazonas	
7. Você estudou até que série?	4ª série do B.M.	
8. Teve filhos? Quantos?	X	3
9. Na infância, você ouviu muitas histórias?	X	
10. Se sim, quem lhe contava essas histórias?	avó.	
11. Onde e quando eram contadas?	A noite, antes de dormir, em casa.	
12. Quais histórias costumava ouvir?	Cobra grande, bota-estomacho.	
13. Você costuma contar essas histórias?		X
14. Para quem? Com que frequência? Quando?	Porque não tem mais tempo e nem para quem contar.	

Entrevistado: * *Terezinha Conde de Araújo*
Comunidade do Julião - Maués, 16 de fevereiro de 2015.

Universidade do Estado do Amazonas
Escola Superior de Artes e Turismo
Programa de Pós-graduação em Letras e Artes
Projeto: Narrativas orais na Comunidade do Julião

Cíntia Bastos Sabóia

	SIM	NÃO
1. Você autoriza que seja utilizada esta entrevista junto com o projeto?	X	
2. Você permite que seja arquivada para que outras pessoas a utilizem?	X	
3. Você gostaria que o seu nome fosse utilizado?	X	
4. Qual o seu nome completo?	Lucimar Moraes Rebelo	
5. Qual a sua data de nascimento?	02.02.1983	
6. Onde você nasceu?	Japurá - AM	
7. Você estudou até que série?	Ensino Sup. incompleto	
8. Teve filhos? Quantos?	X	3
9. Na infância, você ouviu muitas histórias?	X	
10. Se sim, quem lhe contava essas histórias?	Lurdinha, mãe, irmãos mais velhos	
11. Onde e quando eram contadas?	Em casa, quando mãe tinha energia.	
12. Quais histórias costumava ouvir?	Iohá grande, Aaci, mula-sem-cabeça, Bota.	
13. Você costuma contar essas histórias?	X	
14. Para quem? Com que frequência? Quando?	filhos, raramente.	

Entrevistado: * Lucimar Moraes Rebelo
Comunidade do Julião - Manaus, 17 de fevereiro de 2015.

	SIM	NÃO
1. Você autoriza que seja utilizada esta entrevista junto com o projeto?	X	
2. Você permite que seja arquivada para que outras pessoas a utilizem?	X	
3. Você gostaria que o seu nome fosse utilizado?	X	
4. Qual o seu nome completo?	Alicia Mendes Rebelo	
5. Qual a sua data de nascimento?	15.09.1988	
6. Onde você nasceu?	Manaus	
7. Você estudou até que série?	Ens. médio completo	
8. Teve filhos? Quantos?		X
9. Na infância, você ouviu muitas histórias?	X	
10. Se sim, quem lhe contava essas histórias?	Avó, tios	
11. Onde e quando eram contadas?	na casa da avó, a noite antes de dormir	
12. Quais histórias costumava ouvir?	Mariuzinha, fotozinha, História da Bauça,	
13. Você costuma contar essas histórias?	X	
14. Para quem? Com que frequência? Quando?	Crianças na escolinha, igreja.	

Entrevistado: * Alicia Mendes Rebelo

Universidade do Estado do Amazonas
Escola Superior de Artes e Turismo
Programa de Pós-graduação em Letras e Artes
Projeto: Narrativas orais na Comunidade do Julião

Cíntia Bastos Sabóia

	SIM	NÃO
1. Você autoriza que seja utilizada esta entrevista junto com o projeto?	X	
2. Você permite que seja arquivada para que outras pessoas a utilizem?	X	
3. Você gostaria que o seu nome fosse utilizado?	X	
4. Qual o seu nome completo?	Luana Lima Monteiro	
5. Qual a sua data de nascimento?	28.09.2007	
6. Onde você nasceu?	Manaus	
7. Você estudou até que série?	2º ano	
8. Teve filhos? Quantos?		X
9. Na infância, você ouviu muitas histórias?	X	
10. Se sim, quem lhe contava essas histórias?	mãe e pai, thiago - colega de escola.	
11. Onde e quando eram contadas?	em casa, a noite	
12. Quais histórias costumava ouvir?	Três porquinhos, boto, corrupira.	
13. Você costuma contar essas histórias?	X	
14. Para quem? Com que frequência? Quando?	amigos, na escola.	

Entrevistado: *Luana* Responsável: *Miriam Lima Monteiro*

	SIM	NÃO
1. Você autoriza que seja utilizada esta entrevista junto com o projeto?	X	
2. Você permite que seja arquivada para que outras pessoas a utilizem?	X	
3. Você gostaria que o seu nome fosse utilizado?	X	
4. Qual o seu nome completo?	Caio Silva da Silva	
5. Qual a sua data de nascimento?	03.07.2004	
6. Onde você nasceu?	Manaus	
7. Você estudou até que série?	7º ano	
8. Teve filhos? Quantos?		X
9. Na infância, você ouviu muitas histórias?	X	
10. Se sim, quem lhe contava essas histórias?	avós, colega	
11. Onde e quando eram contadas?	Sítio da avó, em casa, 18h, a noite	
12. Quais histórias costumava ouvir?	Boitata, mula-sem-cabeça, corrupira, Boto	
13. Você costuma contar essas histórias?	X	
14. Para quem? Com que frequência? Quando?	irmão, a noite, as vezes.	

Entrevistado: *Caio* Responsável: *Marcos Barbosa da Silva Neto*

- Comunidade do Julião - Manaus, 17 de fevereiro de 2015.

Universidade do Estado do Amazonas
Escola Superior de Artes e Turismo
Programa de Pós-graduação em Letras e Artes
Projeto: Narrativas orais na Comunidade do Julião

Cíntia Bastos Sabóia

	SIM	NÃO
1. Você autoriza que seja utilizada esta entrevista junto com o projeto?	X	
2. Você permite que seja arquivada para que outras pessoas a utilizem?	X	
3. Você gostaria que o seu nome fosse utilizado?	X	
4. Qual o seu nome completo?	Raimunda Nonata Pereira da Silva	
5. Qual a sua data de nascimento?	25/11/1962	
6. Onde você nasceu?	Erumipi - Amazonas	
7. Você estudou até que série?	Ensino médio (loc)	
8. Teve filhos? Quantos?	Sim	Não
9. Na infância, você ouviu muitas histórias?	X	
10. Se sim, quem lhe contava essas histórias?	mãe	
11. Onde e quando eram contadas?	na noite	
12. Quais histórias costumava ouvir?	festa, uma mulher de branco cavado	
13. Você costuma contar essas histórias?	X	
14. Para quem? Com que frequência? Quando?	Admirantes, na hora do almoço, durante a trabalho.	

Entrevistado: Raimunda Nonata P. da Silva

festa, uma cheia
na noite
pessoa

Ademir

	SIM	NÃO
1. Você autoriza que seja utilizada esta entrevista junto com o projeto?	X	
2. Você permite que seja arquivada para que outras pessoas a utilizem?	X	
3. Você gostaria que o seu nome fosse utilizado?	X	
4. Qual o seu nome completo?	Ademir Rodrigues Rabelo	
5. Qual a sua data de nascimento?	11/11/1960	
6. Onde você nasceu?	Camutanga - AM	
7. Você estudou até que série?	Até a 6ª série	
8. Teve filhos? Quantos?	X	4 mo primeiro e 3 no 2º casamento
9. Na infância, você ouviu muitas histórias?		X
10. Se sim, quem lhe contava essas histórias?	mãe	
11. Onde e quando eram contadas?	na noite	
12. Quais histórias costumava ouvir?	festa vermelha,	
13. Você costuma contar essas histórias?		X
14. Para quem? Com que frequência? Quando?	mãe conta porque julga as histórias sem releância.	

Entrevistado: ADEMIR RODRIGUES RABELO

Comunidade do Julião, Manaus, 15 de fevereiro de 2015

Universidade do Estado do Amazonas
Escola Superior de Artes e Turismo
Programa de Pós-graduação em Letras e Artes
Projeto: Narrativas orais na Comunidade do Julião

Cínthia Bastos Sabóia

	SIM	NÃO
1. Você autoriza que seja utilizada esta entrevista junto com o projeto?	X	
2. Você permite que seja arquivada para que outras pessoas a utilizem?	X	
3. Você gostaria que o seu nome fosse utilizado?	X	
4. Qual o seu nome completo?		
5. Qual a sua data de nascimento?	01/04/2007	
6. Onde você nasceu?	Mauá	
7. Você estudou até que série?	2º ano	
8. Teve filhos? Quantos?		X
9. Na infância, você ouviu muitas histórias?	X	
10. Se sim, quem lhe contava essas histórias?	professores	
11. Onde e quando eram contadas?	na escola, na aula	
12. Quais histórias costumava ouvir?	mãe, polo, mãe, onça.	
13. Você costuma contar essas histórias?		X
14. Para quem? Com que frequência? Quando?		

Entrevistado: Yarmir Mendes Rabelo. Comunidade do Julião, Mauá, 15 de fevereiro de 2015.
Responsável: ADEMIR RODRIGUES RABELO

	SIM	NÃO
1. Você autoriza que seja utilizada esta entrevista junto com o projeto?	X	
2. Você permite que seja arquivada para que outras pessoas a utilizem?	X	
3. Você gostaria que o seu nome fosse utilizado?	X	
4. Qual o seu nome completo?	Athenaice Barbosa Veloso	
5. Qual a sua data de nascimento?	09.07.1939	
6. Onde você nasceu?	Puro - cidade de Tapauá e Caratinga	
7. Você estudou até que série?	5ª série	
8. Teve filhos? Quantos?	X	7
9. Na infância, você ouviu muitas histórias?	X	
10. Se sim, quem lhe contava essas histórias?	Vizinhos, pai	
11. Onde e quando eram contadas?	a noite, no siringal	
12. Quais histórias costumava ouvir?	Boto, bicho do mato, curupira	
13. Você costuma contar essas histórias?	X	
14. Para quem? Com que frequência? Quando?	filhas, netas sempre a noite. Frente da casa	

Entrevistado: Athenaice Barbosa Veloso
Comunidade do Julião - Mauá, 16 de fevereiro de 2015.

Universidade do Estado do Amazonas
Escola Superior de Artes e Turismo
Programa de Pós-graduação em Letras e Artes
Projeto: Narrativas orais na Comunidade do Julião

Cíntia Bastos Sabóia

	SIM	NÃO
1. Você autoriza que seja utilizada esta entrevista junto com o projeto?	X	
2. Você permite que seja arquivada para que outras pessoas a utilizem?	X	
3. Você gostaria que o seu nome fosse utilizado?	X	
4. Qual o seu nome completo?	Mathias Victor Galvão Braule	
5. Qual a sua data de nascimento?	03.09.2006	
6. Onde você nasceu?	Manaus	
7. Você estudou até que série?	3º ano	
8. Teve filhos? Quantos?		X
9. Na infância, você ouviu muitas histórias?	X	
10. Se sim, quem lhe contava essas histórias?	pai	
11. Onde e quando eram contadas?	beira do rio	
12. Quais histórias costumava ouvir?	Curupira, boto, lebre e da tartaruga	
13. Você costuma contar essas histórias?		X
14. Para quem? Com que frequência? Quando?	Respostas: Eliete Sabóia Galvão Braule	
Entrevistado: Mathias Victor Galvão Braule. Em: 16.02.2015		

	SIM	NÃO
1. Você autoriza que seja utilizada esta entrevista junto com o projeto?	X	
2. Você permite que seja arquivada para que outras pessoas a utilizem?	X	
3. Você gostaria que o seu nome fosse utilizado?	X	
4. Qual o seu nome completo?	George Monteiro Barreiros	
5. Qual a sua data de nascimento?	10.02.1991	
6. Onde você nasceu?	Manaus	
7. Você estudou até que série?	Ensino Superior	
8. Teve filhos? Quantos?		X
9. Na infância, você ouviu muitas histórias?	X	
10. Se sim, quem lhe contava essas histórias?	Avós, pais, tios	
11. Onde e quando eram contadas?	Em casa, qualquer horário	
12. Quais histórias costumava ouvir?	lenda da Xuxa, mula-sem-cabeça, boi de cor preta	
13. Você costuma contar essas histórias?	X	
14. Para quem? Com que frequência? Quando?	Primos. (Atualmente não conta mais)	
Entrevistado: George Monteiro Barreiros		
Comunidade do Julião - Manaus, 16 de fevereiro de 2015		

Universidade do Estado do Amazonas
Escola Superior de Artes e Turismo
Programa de Pós-graduação em Letras e Artes
Projeto: Narrativas orais na Comunidade do Julião

Cíntia Bastos Sabóia

	SIM	NÃO
1. Você autoriza que seja utilizada esta entrevista junto com o projeto?	<input checked="" type="checkbox"/>	
2. Você permite que seja arquivada para que outras pessoas a utilizem?	<input checked="" type="checkbox"/>	
3. Você gostaria que o seu nome fosse utilizado?	<input checked="" type="checkbox"/>	
4. Qual o seu nome completo?	Marcos Barbosa da Silva Neto	
5. Qual a sua data de nascimento?	10.01.1981	
6. Onde você nasceu?	Mauaú	
7. Você estudou até que série?	6ª série	
8. Teve filhos? Quantos?	<input checked="" type="checkbox"/>	5
9. Na infância, você ouviu muitas histórias?	<input checked="" type="checkbox"/>	
10. Se sim, quem lhe contava essas histórias?	Avô, contadores mais velhos	
11. Onde e quando eram contadas?	Em casa, na igreja, escola.	
12. Quais histórias costumava ouvir?	Saci, curupira, Mupinquari.	
13. Você costuma contar essas histórias?	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
14. Para quem? Com que frequência? Quando?		

Entrevistado: *Marcos Barbosa da Silva Neto*

	SIM	NÃO
1. Você autoriza que seja utilizada esta entrevista junto com o projeto?	<input checked="" type="checkbox"/>	
2. Você permite que seja arquivada para que outras pessoas a utilizem?	<input checked="" type="checkbox"/>	
3. Você gostaria que o seu nome fosse utilizado?	<input checked="" type="checkbox"/>	
4. Qual o seu nome completo?	Mércia Lima Monteiro	
5. Qual a sua data de nascimento?	08.12.1983	
6. Onde você nasceu?	Mauaú	
7. Você estudou até que série?	5ª série	
8. Teve filhos? Quantos?	<input checked="" type="checkbox"/>	5
9. Na infância, você ouviu muitas histórias?		<input checked="" type="checkbox"/>
10. Se sim, quem lhe contava essas histórias?	Avô	
11. Onde e quando eram contadas?	Na casa da avó	
12. Quais histórias costumava ouvir?	Cobra-grande	
13. Você costuma contar essas histórias?		<input checked="" type="checkbox"/>
14. Para quem? Com que frequência? Quando?		

Entrevistado: *Mércia Lima Monteiro*
Comunidade do Julião, Mauaú, 17 de fevereiro de 2015.

Universidade do Estado do Amazonas
Escola Superior de Artes e Turismo
Programa de Pós-graduação em Letras e Artes
Projeto: Narrativas orais na Comunidade do Julião

Cíntia Bastos Sabóia

	SIM	NÃO
1. Você autoriza que seja utilizada esta entrevista junto com o projeto?	X	
2. Você permite que seja arquivada para que outras pessoas a utilizem?	X	
3. Você gostaria que o seu nome fosse utilizado?	X	
4. Qual o seu nome completo?	Alvaro Oliveira Bastos	
5. Qual a sua data de nascimento?	26.10.1954	
6. Onde você nasceu?	no Rio Tarumã - murim	
7. Você estudou até que série?	5ª série	
8. Teve filhos? Quantos?	Sim X	5
9. Na infância, você ouviu muitas histórias?	Sim X	
10. Se sim, quem lhe contava essas histórias?	Pai, vizinhos distantes	
11. Onde e quando eram contadas?	Trabalhando de noite.	
12. Quais histórias costumava ouvir?	Da onça-lajua, Tupiúva, curupira, Jurepaca, Batedor	
13. Você costuma contar essas histórias?	Sim X	
14. Para quem? Com que frequência? Quando?	filhos, netos, estudantes de turismo, Alvaro Oliveira Bastos a noite	

Entrevistado: Alvaro Oliveira Bastos
 Comunidade do Julião - Manaus, 17 de fevereiro de 2015

	SIM	NÃO
1. Você autoriza que seja utilizada esta entrevista junto com o projeto?	X	
2. Você permite que seja arquivada para que outras pessoas a utilizem?	X	
3. Você gostaria que o seu nome fosse utilizado?	X	
4. Qual o seu nome completo?	Antônia Ribeiro Barreiros	
5. Qual a sua data de nascimento?	72 anos 06.06.1943	
6. Onde você nasceu?	Purus - Iobrea	
7. Você estudou até que série?	2ª série	
8. Teve filhos? Quantos?	X	10
9. Na infância, você ouviu muitas histórias?	X	
10. Se sim, quem lhe contava essas histórias?	Pai	
11. Onde e quando eram contadas?	Em casa.	
12. Quais histórias costumava ouvir?	Bate, aparições	
13. Você costuma contar essas histórias?		X
14. Para quem? Com que frequência? Quando?	Não conta porque ninguém acredita.	

Entrevistado: Antônia Ribeiro Barreiros Em: 16/02/2015

Universidade do Estado do Amazonas
Escola Superior de Artes e Turismo
Programa de Pós-graduação em Letras e Artes
Projeto: Narrativas orais na Comunidade do Julião

Cíntia Bastos Sabóia

	SIM	NÃO
1. Você autoriza que seja utilizada esta entrevista junto com o projeto?	X	
2. Você permite que seja arquivada para que outras pessoas a utilizem?	X	
3. Você gostaria que o seu nome fosse utilizado?	X	
4. Qual o seu nome completo? <i>Maria Brenda Henrique dos Santos</i>		
5. Qual a sua data de nascimento?	<i>05.07.1967</i>	
6. Onde você nasceu?	<i>Santarém / PA</i>	
7. Você estudou até que série?	<i>Ensino médio</i>	
8. Teve filhos? Quantos?	X	<i>5</i>
9. Na infância, você ouviu muitas histórias?	X	
10. Se sim, quem lhe contava essas histórias? <i>Tia, mães, avós.</i>		
11. Onde e quando eram contadas? <i>Casa da tia</i>		
12. Quais histórias costumava ouvir? <i>Príncipe encantado, Boto, Um cavalo branco</i>		
13. Você costuma contar essas histórias?		X
14. Para quem? Com que frequência? Quando?		

Entrevistado: * *Maria Brenda Henrique dos Santos*

Comunidade do Julião - Manaus, 16 de fevereiro de 2015